

Mariana P. O Baccarini
Beatriz Ribeiro Rocha
Milena Araújo Nóbrega
Isabelle Fonseca de Castro
Bianca Mendes Araújo
Isabella Kettuly Pereira de Castro Amorim
Brenna Karla Brandão Barista Feitosa

GRUPO DE
TEATRO POLÍTICO
INTERNA-SO-NA-MENTE
E A MUDANÇA SOCIAL

PENSAMENTO,
ARTE
E POLÍTICA

EU Editora
UFPB



**GRUPO DE
TEATRO POLÍTICO
INTERNA-SO-NA-MENTE
E A MUDANÇA SOCIAL**

PENSAMENTO,
ARTE
E POLÍTICA

EJ Editora
UFPB



Reitor
Vice-Reitora
Pró-Reitor PRPG

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

VALDINEY VELOSO GOUVEIA
LIANA FILGUEIRA ALBUQUERQUE
GUILHERME ATAÍDE DIAS



Editora
UFPB
Diretor

EDITORIA UFPB

NATANAEL ANTÔNIO DOS SANTOS

Conselho editorial

Adailson Pereira de Souza (Ciências Agrárias)
Eliana Vasconcelos da Silva Esval (Linguística, Letras e Artes)
Fabiana Sena da Silva (Interdisciplinar)
Gisele Rocha Côrtes (Ciências Sociais Aplicadas)
Ilda Antonieta Salata Toscano (Ciências Exatas e da Terra)
Luana Rodrigues de Almeida (Ciências da Saúde)
Maria de Lourdes Barreto Gomes (Engenharias)
Maria Patrícia Lopes Goldfarb (Ciências Humanas)
Maria Regina Vasconcelos Barbosa (Ciências Biológicas)

Conselho científico

Maria Aurora Cuevas-Cerveró (Universidad Complutense Madrid/ES)
José Miguel de Abreu (UC/PT)
Joan Manuel Rodriguez Diaz (Universidade Técnica de Manabí/EC)
José Manuel Peixoto Caldas (USP/SP)
Letícia Palazzi Perez (Unesp/Marília/SP)
Anete Roese (PUC Minas/MG)
Rosângela Rodrigues Borges (UNIFAL/MG)
Silvana Aparecida Borsetti Gregorio Vidotti (Unesp/Marília/SP)
Leilah Santiago Bufrem (UFPR/PR)
Marta Maria Leone Lima (UNEB/BA)
Lia Machado Fiuza Fialho (UECE/CE)
Valdonilson Barbosa dos Santos (UFCG/PB)

Mariana P. O Baccarini
Beatriz Ribeiro Rocha
Milena Araújo Nóbrega
Isabelle Fonseca de Castro
Bianca Mendes Araújo
Isabella Kettuly Pereira de Castro Amorim
Brenna Karla Brandão Batista Feitosa

GRUPO DE TEATRO POLÍTICO
INTERNA-SÓ-NA-MENTE
E A MUDANÇA SOCIAL
PENSAMENTO, ARTE E POLÍTICA

João Pessoa
Editora UFPB
2020

Direitos autorais 2020 – Editora UFPB

Efetuada o Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme a Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS À EDITORA DA UFPB

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio.

A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta publicação é de inteira responsabilidade do autor.

Design Editorial

Editora UFPB

Projeto Gráfico

Michele Holanda

Catálogo na fonte:

Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba

B116g Grupo de teatro político interna-só-na-mente e a mudança social: pensamento, arte e política / Mariana P. O. Baccarini... [et al.]. - João Pessoa: Editora UFPB, 2020.

181p. : il.

Recurso digital (4,95 MB)

Formato: E-book

Requisito do Sistema: Adobe Acrobat Reader

ISBN 978-65-5942-034-6

1. Teatro político. 2. Mudança social. 3. Arte. 4. Política. I. Rocha, Beatriz Ribeiro. II. Nóbrega, Milena Araújo. III. Castro, Isabelle Fonseca de. IV. Araújo, Bianca Mendes. V. Amorim, Isabella Kettuly Pereira de Castro. VI. Feitosa, Brenna Karla Brandão Batista. VII. Título.

UFPB/BC

CDU 792:32

Livro aprovado para publicação através do Edital N° 01/2020/Editora Universitária/ UFPB - Programa de Publicação de E-books.

EDITORA UFPB

Cidade Universitária, Campus I,
Prédio da editora Universitária, s/n
João Pessoa – PB

CEP 58.051-970

<http://www.editora.ufpb.br>

E-mail: editora@ufpb.br

Fone: (83) 3216.7147

PREFÁCIO

Este livro é o resultado de quase cinco anos de desenvolvimento do Projeto de Extensão Grupo de Teatro Político Interna-só-na-mente da Universidade Federal da Paraíba. Ao longo deste percurso, o grupo se solidificou, criou identidade e aprimorou uma metodologia que objetiva debater questões político-sociais por meio da arte. A trajetória nem sempre foi fácil, mas muito enriquecedora. Crescemos enquanto docente, discentes e seres humanos. Redescobrimos nosso lugar na universidade e na sociedade. Fomentamos a empatia, o debate político e crítico do mundo em que habitamos. Semeamos a paz, e colhemos sorrisos. E, só por isso, já sou grata.

Não há um único capítulo de nossa história que não seja de orgulho para seus integrantes. Por isso, e para isso, o registro desta história se faz necessária. Que este livro sirva de acalento para os que já seguiram seu rumo, trilhando novos caminhos. Que sirva de aprendizado para os que chegam. E de memória para os que permanecem.

E é investindo na educação por meio da arte que o grupo segue, pensando, debatendo, encenando e AGINDO.

*Mariana Pimenta Oliveira Baccharini,
Coordenadora do Grupo de Teatro Político Interna-só-na-mente*

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| INTRODUÇÃO | 6 |
| 1 HISTÓRIA DO GRUPO INTERNA-SÓ-NA-MENTE | 10 |
| 2 METODOLOGIA APLICADA AO PROCESSO DE FORMAÇÃO TEATRAL | 18 |
| 3 DEPRESSÃO (2017-2018) | 32 |
| 4 ESPETÁCULO “DEPRESSÃO”: ROTEIROS INICIAIS | 48 |
| 5 INTOLERÂNCIA RELIGIOSA (2019) | 79 |
| 6 ESPETÁCULO “INTOLERÂNCIA RELIGIOSA”: ROTEIROS INICIAIS | 106 |
| 7 FOME E OS DESAFIOS EM ÉPOCA DE CORONAVÍRUS (2020) | 137 |
| 8. ESPETÁCULO “FOME” (EM DESENVOLVIMENTO) | 146 |
| CONCLUSÃO | 176 |
| BIBLIOGRAFIA | 178 |

INTRODUÇÃO

O presente livro busca apresentar o Grupo de Teatro Político Interna-só-na-mente (ou somente Interna-só-na-mente aos mais chegados), que nasceu no âmbito da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e desde sua criação, no ano de 2016, continua atuando formalmente como Projeto de Extensão da instituição.

O projeto, fruto do interesse da coordenadora professora Mariana Baccarini, e do contato inspirador dos discentes com as artes cênicas como instrumento perpetuador de soluções pacíficas e uma cultura de paz, busca criar um mecanismo de atuação social, usando os instrumentos da técnica teatral como ferramentas para a construção de um diálogo mais íntimo e construtivo com e para a sociedade a respeito das mais diversas problemáticas.

A utilização da arte como instrumento de *peacebuilding*¹, apesar dos estudos a respeito ainda ínfimos, se configura uma estratégia legítima dentro do campo dos Estudos de Paz, pois a arte é capaz de ofertar uma alternativa de comunicação e transformação e afetam relações pessoais e interpessoais, dentro de comunidades e nações (SHANK, SCHIRCH, 2008). Um mecanismo tão íntimo de expressão é também capaz de ressaltar contextos sociais que

1 Construção da paz. Tradução nossa.

condizem com a realidade enfrentada diariamente por muitas pessoas que não encontram a voz para representar suas vivências.

Entendendo-se que estratégias de *peacebuilding* precisam ser capazes de prevenir, desencorajar, desacelerar, reduzir ou desescalar situações hostis de conflito e violência das mais diversas formas que deixam traumas em uma sociedade; a arte, utilizada desde o imemorial para comunicar a experiência humana, apresenta-se como uma opção-chave para interferir no ciclo de violência, em qualquer nível que ele se apresente (SHANK, SCHIRCH, 2008). Apesar de não ser intrinsecamente funcional e instituída de um significado imutável por si só, a arte pode servir funções sociais de ativismo e ressignificar símbolos de violência e de paz, interferindo na dinâmica de desequilíbrio de poder que perpetuam opressões das mais variadas naturezas.

Desse modo, a arte pode ser o instrumento transformador, sendo o meio pelo qual se pode promover curas, reconciliações ou de expressão. Sendo uma interferência não violenta de atuação, pode construir o diálogo entre grupos de pensamentos e ações divergentes, além da possibilidade de aumento da conscientização naqueles que estão envolvidos (*ibidem*). A arte pode ser a arma eficiente, não violenta, que quebra paradigmas de opressão, violência e hierarquização social. Essas quebras podem ser impulsionadas através da promoção de problematizações e debates, ao buscar compreender as causas e consequências destes cenários, e assim trabalhar no combate a estes paradigmas.

É justamente em busca do rompimento das violências, opressões e hierarquizações sociais que o grupo de teatro Interna-só-

na-mente atua. Tendo em vista a arte teatral como uma das diversas formas de instrumento de atuação social, o projeto visa compreender, debater, dialogar e problematizar os diversos cenários de violência e opressão através do espetáculo, o utilizando como canal de reflexão, representação e diálogo para com a sociedade.

Com isso, apresentamos a estrutura do livro: o primeiro capítulo é dedicado a um resumo cronológico de todas as atividades do grupo desde sua criação em 2016 até a atual realidade enfrentada durante a escrita deste material, incluindo também uma discussão a respeito do diálogo dos objetivos do projeto com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), conforme incentiva o Edital de Programa de Bolsas de Extensão (PROBEX/UFPB). No segundo capítulo, explicamos a metodologia aplicada para a execução dessas atividades e capacitação dos membros não somente como trupe artística que organiza apresentações e intervenções culturais, mas também como grupo de pesquisa acadêmico que propõe ativamente discussões sobre temas socialmente relevantes e endossa a experiência performática através também da linha teórica, com análise bibliográfica de importantes autores base. A partir do terceiro capítulo, temos um recorte mais aprofundado da sistemática de escolha dos temas trabalhos até agora: “depressão”, entre os anos 2017 a 2018; “intolerância religiosa”, foco do ano letivo de 2019; e o tema do atual momento da redação e em fase de desenvolvimento, “fome”.

Os capítulos ímpares (3, 5 e 7) trazem à tona as reflexões, incluindo dados e mecanismos utilizados para a escolha dos temas, sua relevância e justificativa, assim como o processo envolvido em exercitar a conscientização dos próprios integrantes antecedente

à fase de elaboração de esquetes, e a organização para ensaios e atividades que se procede após montado o espetáculo. Já nos capítulos pares (4, 6 e 8) é possível acessar os textos-base dos esquetes que compuseram os espetáculos “Depressão” e “Intolerância Religiosa”, além dos rascunhos que estão sendo trabalhados para montar o futuro espetáculo “Fome”, na íntegra. O objetivo principal deste livro é registrar a memória do grupo teatral, tanto para possíveis espectadores e interessados quanto para os futuros integrantes. Partindo do pressuposto de que um grupo de teatro adquire alma própria, a recuperação de sua história se faz essencial para a compreensão de suas raízes.

História Do Grupo Interna-Só-Na-Mente

O Grupo de Teatro Político Interna-só-na-mente nasceu em outubro de 2016 a partir de uma colaboração entre alunos do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) com a Professora Dra. Mariana Baccharini, do Departamento de Relações Internacionais (DRI) do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA).

A inspiração para a criação de um grupo de teatro dentro da academia veio de dois principais eventos que aconteceram naquele semestre. Primeiramente, uma das atividades ministradas pela própria professora em um workshop junto a outras professoras do Departamento de Relações Internacionais envolveu a improvisação de um esquete curto abordando uma situação social. Esse foi um dos primeiros contatos dos alunos do curso com a possibilidade de utilizar técnicas e performances artísticas para instigar debates sócio-políticos.

Segundo, o minicurso de “Artes e Relações Internacionais: suaves interações em um duro mundo”, ministrado durante a V Semana Acadêmica de Relações Internacionais pelo professor da Universidade

Estadual da Paraíba (UEPB), Paulo Kuhlmann, junto ao seu projeto de extensão Projeto Universidade em Ação (PUA), concretizou ainda mais os fundamentos, assim como deu abertura à possibilidade de trabalhar com a arte performática em um contexto acadêmico.

Nesse minicurso foi apresentado como a arte pode se tornar instrumento de paz entre povos, por conseguir transmitir uma mensagem de forma lúdica, por conseguir colocar um indivíduo no lugar do outro por meio da atuação e representação, e assim melhorar as interações sociais. Essa oportunidade também foi o primeiro contato com as técnicas que serviriam de inspiração para o embasamento teórico do grupo de teatro com a introdução à literatura de Augusto Boal e o potencial do Teatro do Oprimido como engrenagem para alavancar mudanças sociais.

Desde então, os alunos envolvidos que se interessaram pela ideia, liderados principalmente pela discente Milena Araújo Nóbrega, passaram a se reunir periodicamente para a realização de aulas de teatros baseadas nas técnicas conhecidas pelos participantes que tiveram experiência anteriores na área. Paralelamente, discussões estavam sendo feitas para a consolidação do grupo como um projeto de extensão da Universidade, com objetivos e atividades programadas.

Durante todo o ano de 2017, importantes decisões passaram a ser tomadas a respeito do direcionamento do projeto. Os principais enfoques foram a capacitação teatral, a pesquisa teórica, a formalização como projeto de extensão, as diretrizes e objetivos tanto a curto como a longo prazo, e, principalmente, qual seria o primeiro tema a ser abordado. Entre várias problemáticas sociais levantadas, entre elas violência doméstica, violência urbana, preconceito, homofobia, a

temática da “depressão” foi destacada pelo grupo pela relevância na atual sociedade, assim pela proximidade à realidade da comunidade acadêmica, que seria o primeiro público alcançado.

Desde 2017, após ser aprovado no Edital do Fluxo Contínuo de Extensão (FLUEX/UFPB), o Grupo Interna-só-na-mente se consolida com reuniões semanais realizada com a presença dos integrantes da trupe para discussões administrativa e dinâmicas e capacitações teatrais, consistindo em alongamentos, aquecimentos corporais e vocais, além de diversos exercícios dentro da ótica de Teatro do Oprimido. Além disso, são realizadas reuniões especiais para a discussão do conteúdo teórico e de pesquisa sobre o tema em vigência.

No início de cada semestre também passam a ser pensadas, além do cronograma e da inclusão de novos membros, questões pragmáticas das apresentações como cenário, figurino e texto, assim como o formato da abordagem. A partir do primeiro tema foi estruturada a performance composta por três esquetes curtas de até trinta minutos, seguida da introdução dos membros e do projeto e, logo após, daria espaço para a abertura ao público para contribuição com as percepções sobre as cenas e sobre o tema em geral – essa última parte sendo a mais crucial e *o sine qua non* da intervenção proposta.

Como objetivo a curto prazo, assim como para testar o modelo da proposta que fora arquitetado até então, estabeleceu-se que seria necessária uma performance teste. Esta se concretizou no dia 21 de setembro de 2017 durante o evento do II Encontro Brasileiro de Estudos para Paz (II EBEP) realizado dentro da UFPB. A performance se deu como uma das intervenções artísticas que precedia as palestras,

essa sendo um dos três esquetes, “Guerra de Tobias”, que apresentou abertamente o grupo pela primeira vez à comunidade acadêmica, depois reprisada durante o evento do XVIII Encontro de Extensão da UFPB (ENEX).

Com o sucesso da primeira apresentação teste e o feedback positivo, o grupo recebeu o impulso para consolidar o espetáculo “Depressão” completo e apresentá-lo dentro da Universidade antes de levá-lo às escolas públicas interessadas e outras entidades exteriores, que configuravam o objetivo final do ciclo desse tema.

Durante todo o ano de 2018, o primeiro ano do projeto no Edital Programa de Bolsas de Extensão (PROBEX), o espetáculo foi sendo aperfeiçoado em paralelo às ações sociais que o grupo promoveu, como a visita aos pacientes da ala clínica do Hospital Universitário Lauro Wanderley com jogos e dinâmicas no dia 26 de abril de 2018 e a participação especial no Conselho Regional de Contabilidade da Paraíba, como parte da campanha de conscientização do Setembro Amarelo, e na Virada Política com a apresentação da primeira esquete realizado nos dias 24 e 30 de setembro de 2018, respectivamente.

Outra atividade importante realizada durante o mesmo ano foi a ministração de um minicurso durante a VII Semana Acadêmica de Relações Internacionais (SARI), intitulado “A arte como projeto social: a atuação da sociedade por meio do teatro”, organizado pelos próprios membros do grupo e que ocorreu entre os dias 27 e 28 de Agosto. Os conteúdos explorados foram desde a teoria sobre o Teatro do Oprimido em que o projeto se baseia, com a bibliografia

de Augusto Boal² e Paulo Freire³, até os exercícios de teatro que fazem parte da prática rotineira dos encontros. Durante o segundo dia de minicurso, o PUA fez uma participação com a exposição aos conteúdos de Arte de Relações Internacionais e promovendo uma dinâmica inclusiva de solução de problemáticas sócio-políticas através da intervenção artística.

Finalmente, no dia 20 de setembro de 2018 no CCSA, o espetáculo “Depressão” foi estreado com duas sessões, uma às 14:00 horas e outra às 19:00 horas, com a apresentação dos esquetes “Guerra de Tobias”, “Disfarces” e “De Sofia para Sofia” e o debate com o público sendo promovido logo após. A primeira apresentação completa fora da universidade aconteceu mais tarde no mesmo ano, apesar das dificuldades encontradas para entrar em contato com possíveis escolas que dariam espaço para a intervenção.

Assim, no dia 28 de novembro de 2018 foi realizada a única apresentação completa do primeiro espetáculo fora da academia, na escola pública Maria Jacy. A realidade que foi encontrada lá divergiu bastante das expectativas e do planejamento do grupo, o que provou que era necessária uma adaptação ainda maior para

-
- 2 Augusto Boal foi um grande teatrólogo brasileiro, criador do método Teatro do Oprimido difundido por todo o mundo. Buscava com suas técnicas artísticas a emancipação política da sociedade, interligando o teatro com atuação social, sendo esta arte um meio de libertação para oprimidos e opressores. Seu trabalho é reconhecido internacionalmente e muitas de suas obras foram traduzidas para diversos países, sendo considerado uma das grandes figuras do teatro contemporâneo.
 - 3 Paulo Freire foi grande educador brasileiro, criador de um método de alfabetização dialética e defensor da democratização do ensino. É declarado Patrono da Educação Brasileira pela Lei nº 12.612 e autor da obra “Pedagogia do Oprimido”, uma das obras mais citadas no mundo.

lidar com o público alvo que se objetiva alcançar que vive realidades completamente diferente. Apesar disso, o objetivo de dialogar com parte dos jovens e interagir com o público foi bem sucedido, e, com isso, foram encerradas as atividades com o primeiro tema que configurou o primeiro ciclo do Grupo de Teatro Interna-só-na-mente.

Iniciando o ano de 2019, com a continuação do projeto no edital do PROBEX, à exemplo dos anos anteriores, um novo tema de trabalho foi selecionado, a Intolerância Religiosa, cuja temática é uma problemática social que costumeiramente aflige o povo brasileiro. O calendário de pesquisa sobre o assunto foi dividido em dois momentos, no primeiro semestre do ano contou com discussões teóricas acerca das diversas religiões, de modo a familiarizar os membros do projeto com a grande diversidade religiosa existente, enquanto que o segundo semestre de 2019 foi pautado principalmente, no desenvolvimento das atividades teatrais e práticas acerca do assunto, ou seja na elaboração dos esquetes.

Os últimos meses de 2019 foram dedicados às apresentações dos esquetes, cujos resultados foram positivos, à medida em que mais pessoas conseguiam assistir ao espetáculo e o projeto ia se maximizando, partindo de um público interno da UFPB para a sociedade como um todo, assim, as sensações desejadas para com o público, incitaram não somente a problemática da intolerância religiosa, mas também os temas pertinentes ligados a ela, como o preconceito e o racismo.

Nesse mesmo ano, buscando a atratividade de um público maior, o *Interna-só-na-mente* abriu dois editais, um no começo e outro no final do ano, para que mais pessoas pudessem participar

do projeto, assim, atualmente contamos com cerca de 20 membros voluntários mais uma bolsista, de diversas áreas como relações internacionais, pedagogia, física e ciências sociais.

A medida em que bons resultados com a apresentação dos esquetes sobre intolerância religiosa iam sendo conquistados, era necessário pensar em um novo tema para o ano seguinte. Nesse sentido, inspirados pela temática do grupo de estudo FOMERI (Fome e Relações Internacionais), do Departamento de Relações Internacionais da UFPB, o grupo optou por trabalhar com a Fome, mais especificamente a fome no Brasil.

Estruturando o calendário de atividades para o ano de 2020, ficou decidido primeiro a indicação de leituras e documentários para que cada integrante pudesse se aprofundar no tema e em seguida encontros com pesquisadores e estudiosos, para auxílio na busca das diversas visões sobre a Fome e suas raízes. O planejamento dos esquetes viria a seguir, após uma base teórica solidificada. No início do ano de 2020 ocorreu ainda a abertura de um novo edital que contou com cerca de 16 inscritos de diversos cursos como, Letras, Física e Relações internacionais.

Com o cancelamento das aulas presenciais, em decorrência da emergência da pandemia do COVID-19, surgiram empecilhos e dificuldades em manter o calendário, entretanto, o grupo optou por continuar as atividades através de encontros on-line para debater a fome e através da organização de palestras tanto para os membros do Teatro, quanto para a sociedade em geral com a temática da fome e seus derivantes.

Durante todo esse período, em consonância com a discussão dos temas também está sendo desenvolvido os primeiros esboços dos esquetes, pensando nas apresentações com o retorno das atividades presenciais. Além disso, ocorre à distância encontros com os inscritos no edital, de modo que eles possam ir conhecendo a base teórica e metodológica do Teatro do Oprimido, bem como identificar aqueles realmente interessados em fazer parte do grupo.

Metodologia Aplicada Ao Processo De Formação Teatral

O método teatral de Augusto Boal ganhou o mundo devido sua visão do teatro como instrumento de emancipação política. Segundo o teatrólogo, “[...] o teatro é uma arma. Uma arma muito eficiente. Por isso, é necessário lutar por ele.” (BOAL, 1991, p. 13). Diante dessa perspectiva, Boal criou técnicas, dinâmicas e jogos teatrais que fomentam discussões e/ou problematizações das questões sociais e políticas, estimulando a reflexão daqueles que adentram nos seus exercícios. Assim, o teatro de Boal trabalha a libertação dos indivíduos sociais, enquanto seres pensantes, críticos e atuantes.

É a partir de suas obras e atuações que o projeto Teatro Político Interna-só-na-mente constrói sua identidade. Acreditando que a arte teatral é uma arma muito eficiente de emancipação, o grupo busca trabalhar em prol deste objetivo. Todo o trabalho realizado é pensado e voltado para a sociedade.

O projeto Teatro Político Interna-só-na-mente tem por foco temáticas sociais e políticas da sociedade brasileira contemporânea e construiu sua metodologia de acordo com os pilares da pesquisa acadêmica e com seus propósitos sociais e artísticos, embasada

no método de Augusto Boal, apresentado em seu livro *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas* (1975).

O método aplicado visa a consolidação e manutenção do grupo de teatro que realize pesquisa aprofundada de uma problemática sociopolítica, que a retrate de maneira reflexiva em um espetáculo artístico e que fomente um debate com o público acerca do tema após a apresentação. (BOAL, 1991) O grupo trabalha um tema por ano, visando realizar uma pesquisa aprofundada sobre além de criar um espetáculo e um debate significativamente desenvolvido para seu público alvo – a sociedade.

As atividades do grupo são organizadas de acordo com o calendário acadêmico da universidade e são divididas em diversas etapas de acordo com o cronograma da instituição. Desta forma, a atuação do grupo teatral começa simultaneamente com o início das aulas. O mesmo ocorre ao final do ano, quando se faz necessário relatar os resultados obtidos durante este período e encerrar suas atividades em conformidade com o encerramento das aulas.

A divisão do ano letivo por semestres também molda o foco do grupo. Assim, nos primeiros seis meses, os discentes realizam as leituras das obras de Augusto Boal, têm capacitações de teatro, realizam a pesquisa sobre o tema a ser trabalhado e iniciam a formulação do espetáculo. No segundo semestre, o grupo finaliza a construção do espetáculo e seguem para os ensaios, então realizam as apresentações, registram o processo e finalizam suas atividades.

O objetivo geral do projeto é utilizar do teatro como instrumento de comunicação, reflexão e conscientização acerca dos temas trabalhados, fomentando questionamentos e o

desenvolvimento de um pensamento crítico, tanto nos discentes/atores como no público para o qual está se apresentando. Dessa forma, o grupo oferece ao seu público a oportunidade de obter conhecimento sobre diversos temas de modo que possam refletir, questionar e debater criticamente acerca deste.

Para atingir tal objetivo, o projeto realiza algumas etapas primordiais, são estas: capacitação teatral com aulas de teatro e com a leitura das obras de Augusto Boal, escolha da problemática social a ser trabalhada, pesquisa aprofundada do tema escolhido, construção dos esquetes, construção do espetáculo, ensaios, apresentação interna e apresentações externas.

O projeto inicia sua atuação com a realização da Reunião Geral, no qual é elaborado o calendário de atividades, que determina o dia e o horário das reuniões semanais fixas, além dos encontros e atividades que seguirão nos meses seguintes. É neste passo inicial que os novos membros são acolhidos e apresentados aos antigos integrantes e passam a conhecer mais detalhadamente o projeto.

Após a interação entre os membros, inicia o processo de divisão de tarefas e funções. As funções se dividem em algumas categorias, as quais são figurino, maquiagem, roteiro, cenário, divulgação (tanto do projeto como das atividades extras e apresentações realizadas posteriormente), patrocínio e escrita (do projeto anual, dos relatórios semanais e do relatório final). Os integrantes escolhem qual função irão ocupar e, então decidem quais tarefas irão desenvolver e realizar dentro da sua categoria. Desta forma, as funções e tarefas que serão realizadas durante o ano são distribuídas entre todos os integrantes, de modo a aumentar a produtividade do grupo e para que haja uma

distribuição igualitária de afazeres. É importante salientar que, apesar da coordenação da professora e a liderança da Diretora Geral, o grupo funciona horizontalmente.

Nos encontros seguintes, são realizadas as capacitações teatrais, com a finalidade de fazer com que os novos integrantes entrem em contato com a arte cênica e que os antigos retomem o conhecimento adquirido anteriormente. Durante a capacitação, os alunos aprendem noções básicas de como se comportar e falar em palco através de exercícios corporais, além de dinâmicas de familiarização do grupo, improviso, roteiro, exercícios de desinibição, criação de personagem e criação de esquetes, tendo em vista transmitir adequadamente ao público a mensagem que a peça que busca passar.

Esta capacitação é feita por convidados, sendo muitas vezes com outros grupos de teatro que trabalham com Teatro do Oprimido ou com alunos da graduação de teatro da própria universidade e, também, é realizada por membros do próprio projeto que fizeram a capacitação anteriormente e possuem domínio sobre os exercícios e o estudo teatral aplicado. Esta fase inicial de atividade é de extrema importância pois, a partir da interação por meio das dinâmicas realizadas, ocorre uma integração entre os discentes participantes consolidando as relações pessoais e o projeto.

Dentro do processo de capacitação teatral, o grupo inicia o estudo das obras de Augusto Boal. A leitura e o debate sobre Teatro do Oprimido proporcionam o aprendizado do método utilizado aos novos integrantes e retomam discussões e ideias anteriores para os membros mais antigos, repassando o conhecimento e

retroalimentando o domínio do assunto no projeto. Na medida em que o estudo sobre o método de Boal ocorre simultaneamente às aulas de teatro, torna-se possível perceber como o método do teatrólogo está sendo aplicado. Neste contexto, os exercícios de teatro trabalham a questão da opressão social, das problemáticas cotidianas e as diversas visões que se pode ter de um mesmo cenário.

Com isto, os integrantes buscam meios de representar estas situações e quais seriam os caminhos alternativos a elas. Não se trata de uma solução, mas de uma reflexão, da conscientização do que pode ser modificado em prol da sociedade. (BOAL, 1921) Ao final do processo de capacitação, os atores dividem-se em grupos, para pensar, escrever e apresentar um esquete sobre uma situação de problemática social cotidiana

É também a partir destes exercícios que diversos temas sociais são colocados em pauta e passarão pelo processo da análise ao longo do ano para a votação da problemática que passará a ser abordada pelo grupo no ano seguinte. Assim, a escolha do tema é cíclico e ocorre por meio da votação dos atores ao final de cada ano.

Com o tema já escolhido no ano anterior, e concomitantemente aos estudos teatrais, o projeto inicia também o processo de pesquisa. O grupo faz levantamento bibliográfico variado de artigos científicos, livros e outros textos que abordem a temática selecionada para discussão e para fomentar nos membros um conhecimento especializado, científico e variado. Especialistas da temática escolhida são contactados para realização de reuniões fechadas ou palestras, realizadas na UFPB e abertas ao público geral, sempre encerradas com um debate que fomenta os questionamentos, discussões e espaço

para depoimentos pessoais. Os depoimentos também são feitos em reuniões fechadas ao público e partem de voluntários, geralmente alunos da universidade que tomam conhecimento da pesquisa e se dispõem a relatar suas experiências.

Quando encerra o processo de pesquisa, o *Interna-só-namente* inicia os exercícios que darão forma aos esquetes. Os membros são divididos em grupos com o objetivo de montar uma pequena peça teatral sobre as diferentes perspectivas do tema. Após as apresentações, os integrantes escolhem os três melhores esquetes em relação a roteiro, abordagem da problemática, desenvolvimento do conflito e reflexão. Estas pequenas peças irão compor o espetáculo que será apresentado para o público. Com isso, os encontros seguintes são marcados no desenvolvimento destas peças, no que se refere a divisão de personagens e criação, leitura textual, decoração de falas, elaboração de cenário, figurino e maquiagem, dando início à construção do espetáculo.

A finalização da construção do espetáculo se dá com a união dos três esquetes em uma ordem que interligue as diferentes perspectivas, visto que geralmente cada esquete relata uma visão diferente do mesmo problema. Desenvolvido o espetáculo, o passo seguinte é a realização de ensaios, realizados na universidade, algumas vezes em espaço a céu aberto ou em salas de aula, e geralmente durante a semana seguindo a data e horário das reuniões fixas. Também podem ocorrer em locais públicos da cidade de João Pessoa, como em espaços culturais, geralmente nos fins de semana. Neste período, o número de encontros aumenta, pois é preciso que o

espetáculo esteja com o mínimo de defeitos para que o grupo realize a apresentação interna, antes de seguir para as apresentações externas.

A apresentação interna, como o nome sugere, ocorre no auditório da UFPB, é aberto ao público e tem como objetivo principal trocar ideias e sugestões para aprimoramento do espetáculo. Quando a data desta apresentação é marcada, os integrantes iniciam a divulgação no âmbito da universidade e fora dela, buscando cidadãos comuns, alunos, professores e demais profissionais que possam assistir à apresentação e, ao final, dar o seu ponto de vista sobre como foi abordada aquela problemática. Também é solicitado ao público da apresentação interna, a opinião quanto a atuação do grupo, sobre as perspectivas abordadas, quanto a escolha da ordem dos esquetes e sobre como é possível abordar as questões apresentadas durante o debate após as apresentações externas.

Cria-se, dessa maneira, um diálogo com o público – embora este seja mais restrito –, de modo que reduza qualquer forma de ofensa ou de má interpretação durante a apresentação, fazendo com que a mensagem que o projeto almeja passar seja transmitida corretamente para seu público alvo. A apresentação interna ocorre apenas em um dia, geralmente em duas sessões em horários divergentes para que se possa atingir diferentes públicos e opiniões. Após o recebimento das críticas e pontos de vista acerca do espetáculo, o Interna só-namente se volta novamente para a discussão interna ao debater sobre as possíveis alterações e aperfeiçoamentos necessários à peça. Se preciso for, retoma os ensaios com as devidas modificações e segue para as apresentações externas – o ponto chave de todo o trabalho.

O último passo do processo, e também o mais importante dele, é o momento em que se concretiza todo o trabalho produzido anteriormente e que se cumpre o objetivo do projeto. É o período das apresentações externas. O objetivo deste passo é levar conhecimento, reflexão e conscientização sobre a problemática social que foi trabalhada. Para isto acontecer, o projeto contata outras instituições que possam se interessar pela apresentação., como: escolas, eventos políticos, eventos acadêmicos, palestras, cursos, etc.

Há sempre a busca pela divulgação máxima do espetáculo de modo a atingir um alcance maior de público para além da universidade. Através da divulgação o projeto também recebe diversos convites, ampliando seu público. Pois, quanto mais núcleos sociais o grupo alcançar, melhor o resultado. Após as apresentações, sempre ocorre o debate. É neste momento que as pessoas podem tirar suas dúvidas, expor suas reflexões, suas opiniões e mesmo tecer comentários sobre possíveis alternativas às violências tratadas no espetáculo.

Ao final do período de apresentações externas, o grupo se reúne para debater os resultados do trabalho e documentar tudo o que foi realizado ao longo do ano por meio do relatório final. Neste documento, o grupo faz registro das datas de suas atividades, das atividades extras, das dificuldades enfrentadas e dos resultados. Também aponta o alinhamento que o processo teve com o que foi planejado no início. Ao final da documentação, o projeto encerra as atividades do ano.

2.1 ODS E O PROJETO DE EXTENSÃO: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO

No ano de 2015, as negociações para o desenvolvimento global alcançaram um novo patamar com a aprovação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) na 70ª Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU), o que constituiu a maior iniciativa global de luta contra as desigualdades sociais, a redução da pobreza, o desenvolvimento econômico, social e ambiental e a promoção dos direitos humanos (MENEZES, 2019). Além disso, a conclusão da *Terceira Conferência Internacional sobre Financiamento ao Desenvolvimento*, que tinha como objetivo o financiamento dos países periféricos, através da cooperação multilateral e bilateral, para que eles conseguissem cumprir a nova agenda de desenvolvimento e a aprovação do Acordo de Paris por 195 países, que buscava reduzir a emissão de gases de efeito estufa e barrar as mudanças climáticas, moldou um amplo compromisso mundial e uma nova agenda de desenvolvimento global (*ibidem*).

Os 17 objetivos do desenvolvimento sustentável giram em torno do eixo social, econômico e ambiental, ou dos chamados “5Ps” da sustentabilidade: Pessoas, Prosperidade, Planeta, Paz e Parcerias, definidos pela própria agenda. Para que ocorra a eficácia do compromisso, é necessário atrelar todos os segmentos de modo que eles trabalhem em conjunto, incluindo a democracia e a construção de sociedades pacíficas. Nesse sentido, a ODS 1 “Acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares” conta com as seguintes atribuições:

erradicar a pobreza extrema e a fome; proporcionar o ensino primário a todas as crianças; promover a igualdade de gênero; e o empoderamento da mulher; reduzir a mortalidade infantil; combater diversas enfermidades; garantir a sustentabilidade do meio ambiente; e fomentar uma aliança mundial para o desenvolvimento. (COSTA, 2019, p. 21)

A análise do modo de produção capitalista permite inferir que a expansão do capital e a busca por uma superprodução consolidou o domínio sobre a classe trabalhadora e abriu margens para a perpetuação da violência direta, chegando aos extremismos das guerras mundiais. O surgimento de debates contemporâneos como as Relações Internacionais, está ligado diretamente ao florescimento dos imbróglis humanos e busca contrapor tais dificuldades através da promoção de um bem estar coletivo e da construção de sociedades pacíficas, agindo no combate da fome e da miséria.

A associação entre o *Interna-só-na-mente* e as relações internacionais, tendo a arte como elemento central busca perpassar a mensagem de construção de uma sociedade igualitária pelo combate e erradicação de mazelas sociais, como a pobreza e a fome. A escolha de temas pertinentes na sociedade pautam por esse viés transformador, consoante à escolha da fome no Brasil como uma temática a ser trabalhada pelo grupo, contando com um aporte teórico, mas focando na construção de cenas como definidor sensorial das emoções do público de modo que a sociedade civil possa inteirar o processo dos objetivos de desenvolvimento.

Partindo do pressuposto de que os 17 ODS estão interligados e a eficácia de políticas públicas de um ajuda na mitigação do outro, o

ODS 2 “Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável” está intimamente relacionada com a erradicação da pobreza. O círculo vicioso entre sociedades pobres e má nutridas gera o aparecimento de menor produtividade laboral, inferindo na perpetuação da pobreza. Dessa maneira, disseminar o acesso à terra e incentivar a produção dos próprios alimentos pode ser um meio de combater a pobreza, no entanto, grande parte estrutural desse problema está atrelado às relações de poder entre os Estados e os atores econômicos, o que impede que este seja um objetivo principal de grandes potências, como afirmado a seguir:

As crises agudas de fome, por exemplo, daquelas que podem levar à inanição, geralmente são desencadeadas por colapsos em sistemas produtivos ou sociais, resultantes de choques ecológicos ou humanos. Contudo, como meios de prevenção e de auxílio aos flagelados já estão disponíveis, pode-se considerar que essas fomes são, de alguma maneira, permitidas pela comunidade internacional. (LIMA, 2019, p. 43)

Se os governos e os agentes econômicos sentem resistência em agir no combate à fome e à pobreza, é necessário que a sociedade civil tenha conhecimento dessa problemática e possa agir como um elemento motivador de pressão nos entes federados. O exercício da arte e da educação em conjunto é uma possibilidade de promover o conhecimento acerca desses impasses e suscitar debates, bem como prover o surgimento de causas sociais que busquem contornar a situação pelo incentivo à subsistência, à exemplo do programa Fome Zero.

Para prover o cumprimento dos objetivos e a sua contínua eficácia é de suma importância que o ODS 4 “Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todas e todos”, seja adaptada ao contexto específico de cada país e promova uma superação histórica de desigualdade em muitos países (VARGAS, 2019). Com um olhar atento para a promoção da igualdade inclusiva, a atuação do Poder Público em todos os setores dessa atividade é essencial, posto que, principalmente em países periféricos já existe uma luta por uma educação gratuita e de qualidade. A remodelação do formato de ensino pode ser o definidor da eficácia desse ODS, pois a junção multidisciplinar de ferramentas socioeducacionais fomenta a necessidade de uma sociedade mais igualitária. (FREIRE, 1980)

Nesse sentido, a correlação entre arte e educação é positiva, a medida em que desenvolve o senso crítico, responsável e criativo, propiciando o fomento de uma sociedade livre de amarras coloniais. A inserção da arte no currículo escolar como ferramenta transformadora é essencial para uma formação multidisciplinar com o olhar para o desenvolvimento de um futuro mais sustentável, como indicado pelas ODS, no qual seja possível alcançar uma sociedade igualitária, tanto no desenvolvimento social e econômico, quanto no cultural.

A mudança pela educação tendo a arte como elemento fundamental só será possível no ímpeto de uma consciência dos poderes que gerem a sociedade civil, uma vez que, observando os estudos teóricos do *Interna-só-na-mente* torna-se possível entender como o modo de vida e o fomento das principais desigualdades estão atrelados às mazelas sociais, arraigados num círculo vicioso do

capital desigual que sustenta a manutenção da disparidade entre as classes e reforça o ensino de competição ao invés da cooperação.

Segundo o teórico Johan Galtung (1969), a violência é mais do que fazer uso de ações violentas, indicando a estrutura desigual do sistema socioeconômico como um tipo de violência indireta que perpetua mazelas como a pobreza e a fome. Além disso, o uso de crenças e costumes como meio de legitimar ou justificar formas de violência - violência cultural -, é também definidor da perpetuação de conflitos, como a Intolerância religiosa. Nesse sentido, Galtung (1995) defende a chamada paz positiva, ou seja, além de combater a violência direta é importante criar uma paz estrutural que objetive erradicar as desigualdades provenientes do sistema e extinguir a violência cultural, fomentando a integração social em todos os níveis.

A ampliação do acesso do ensino de qualidade, pode ter a arte como elemento de uma educação transformadora. Com isso, a valorização de projetos que buscam conciliar a educação e a arte é importante, uma vez que ocorre a interpenetração de artistas e educadores personificados em agentes de transformação social que lutam por causas sociais e defendem a importância da arte e dos seus resultados a longo prazo. Diante disso, o *Interna-só-namente* busca ser um transformador do pensamento, principalmente dos jovens e adolescentes, à medida em que leva temáticas de relevância social para a sociedade em geral, mas principalmente para as áreas periféricas de agentes oprimidos, uma vez que o intuito é conseguir se libertar desse papel, não moldando-se para opressor, mas libertando-os também. (FREIRE, 2008, p.20). Dessa maneira, nota-se a importância de impulsionar debates que possam auxiliar

no crescimento interpessoal e na fomentação do processo criativo, posto que ele induz a capacidade de produzir coisas novas e resolver problemas. Assim, é através da união de áreas diferentes do saber (arte, educação e relações internacionais) e da reflexão sobre realidades distintas que o projeto busca, numa perspectiva de longo prazo, o fomento da criação de uma consciência social, levando conhecimento e mitigando as relações entre oprimido e opressor.

Depressão (2017-2018)

No primeiro semestre de 2017, o Interna-só-na-mente consolida-se com 15 integrantes, todos discentes do curso de graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que foram divididos em duplas responsáveis por funções consideradas fundamentais para a execução das atividades do projeto. Durante esse período, discutiu-se quais problemáticas observadas na sociedade brasileira poderiam ser escolhidas como tema para formulação das primeiras apresentações, em troca de ideias intensas sobre diversos temas, dentre eles violência doméstica, violência urbana, preconceito, homofobia, depressão, intolerância religiosa. Como resultado, a temática *depressão* foi escolhida democraticamente e de forma unânime, iniciando assim o primeiro ciclo temático do grupo.

É importante destacar as implicações mundiais que a doença possui. Em relatório feito pela Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre saúde mental em 2001, a depressão grave foi considerada como a principal causa de incapacitação em todo o mundo, ocupando 4º lugar entre as dez principais causas de patologias globais, com projeções de que em 20 anos seria considerada a segunda principal

(OMS, 2001. P. XII). Quase 20 anos depois, em dados atualizados em 2018, persistindo em 2020, a doença continua na dianteira como fator de incapacidade mundial, com forte impacto para a carga global de doenças, e é configurada como um problema de saúde mental frequente: estima-se que em todo o mundo, mais de 300 milhões de pessoas de todas as idades sofram com o transtorno depressivo (OPAS/OMS, 2018).

A escolha do tema pelos alunos não foi por acaso, pois refletiu os impactos da depressão intensamente sentidos na vida universitária, com relatos das vivências pessoais de enfrentamento da doença e/ou convívio com familiares e/ou amigos que a possuem. Com isso, o iniciam-se os estudos sobre o tema de forma íntima com o compartilhamento das experiências próprias dos discentes, que proporcionou um entendimento sobre as variadas ‘manifestações’ que a depressão pode apresentar, com similaridades e diferenciações entre as pessoas.

Após essa familiarização temática primária, o grupo partiu para uma compreensão mais crítica e teórica, tanto clínica quanto socialmente formulada. Com isso, para uma dimensão sobre as causas do surgimento da doença em uma sociedade, o grupo realiza a palestra “Melancolia, depressão e as mudanças do capitalismo” no dia 17 de março de 2017, aberta à comunidade, ministrada pelo professor Dr. Roberto Rondon, do Departamento de Fundamentação da Educação, do Centro de Educação (CE) da Universidade Federal da

Paraíba. Em 2018, aprofundam os estudos sobre os elementos clínicos da doença com a definição de bibliografias⁴ para leitura.

Com isso, ao compreender aspectos sociais e clínicos que perpassam o tema, discutindo-se como teatralmente abordá-los, estimula-se nos integrantes do *Interna-só-na-mente* o exercício da reflexão analítica e empática, visto a necessidade de pensar como o público alvo poderia ser positiva ou negativamente afetado, de modo a buscar alternativas para minimizar os efeitos negativos no espectador. Em paralelo, o *Interna-só-na-mente* dá seguimento à capacitação teatral de seus membros com exercícios práticos de teatro e com leituras focadas na percepção do teatro como instrumento de atuação social, utilizando como principal referência Augusto Boal e Paulo Freire.

3.1 ESPETÁCULO “DEPRESSÃO”: PROCESSO DE FORMULAÇÃO, ESCOLHA E LÓGICA CONSTITUTIVA DOS ESQUETES

O processo de formulação dos esquetes e consequente estruturação do espetáculo do primeiro ciclo temático do grupo só se alavancou a partir de 2018. Isso porque o *Interna-só-na-mente* é constituído majoritariamente por alunos que não possuem muitas

4 Algumas referências de bibliografia utilizadas: BAHLS, Saint-Clair. Aspectos clínicos da depressão em crianças e adolescentes: clinical features. *J. Pediatr.* (Rio J.), Porto Alegre, v. 78, n. 5, p. 359-366, Oct. 2002. BAHLS, Saint-Clair; BAHLS, Flávia Rocha Campos. Depressão na adolescência: características clínicas. *Interação em Psicologia*, Curitiba, junho 2002. HUTZ, Claudio Simon; BARDAGIR, Marúcia Patta. Indecisão profissional, ansiedade e depressão na adolescência: a influência dos estilos parentais. *Psico-USF* (Impr.), Itatiba, v. 11, n. 1, p. 65-73, June 2006.

experiências com a prática teatral ou que nunca tiveram contato com a mesma, além de não possuírem a noção teórica- metodológica que embasa o campo. Ainda, são integrantes que, a princípio, não possuíam o olhar crítico sócio-político sobre o tema escolhido, suas percepções relacionavam-se a um senso comum e pessoal oriundo das experiências vividas e vistas em pessoas próximas.

Por isso, o ano de 2017 é marcado pela etapa de *formação teórica* dos integrantes, que envolveu o estudo sobre as práticas teatrais, sobre a metodologia do Teatro do Oprimido e sobre o tema escolhido. Apesar de ter sido um estágio lento, construído na medida que as necessidades e problemáticas apareciam, foi de extrema importância para criação de um dos alicerces metodológicos necessários ao projeto de extensão, tanto para os alunos participantes na época quanto para futuros extensionistas, compreendendo-se a necessidade da contínua capacitação dos discentes para suas performances como pensadores e pensadoras críticos, atores e atrizes, todos executores das funções estabelecidas dentro do grupo Interna-só-na-mente. Além disso, este período foi relevante para a formação do próprio grupo, criando o sentimento de pertencimento e identidade comuns.

No primeiro semestre do ano seguinte, já com o aprimoramento prático e teórico, direcionam-se os esforços do grupo para a preparação e finalização de esquetes. O processo inicial de escrita ocorreu em três etapas, detalhadas no Quadro 1, que culminam num total de cinco esquetes, com três escolhidos a partir dos critérios descritos no Quadro 2.

Quadro 1 - Etapas do Interna-só-na-mente para produção de esquetes

| ETAPAS | OBJETIVO |
|--------------------------|--|
| I. Escrita das ideias | Escrita individual ou em grupo de um roteiro inicial. |
| II. Leitura e discussão | Os roteiros escritos são debatidos com todos os integrantes do grupo. Procura-se perceber a mensagem que se quer passar. Estimula-se que os alunos façam apontamentos sobre a ideia apresentada. |
| III. Seleção de esquetes | Após debate, avalia-se que esquetes podem ser melhor executados de acordo com as capacidades e recursos que o grupo possui. |

Fonte: Elaboração própria (2020)

Quadro 2 - Critérios do Interna-só-na-mente para escolha de esquetes

| CRITÉRIO | DESCRIÇÃO |
|---------------------------|--|
| Clareza | Avaliação da coerência do esquete. Para tal avaliação, pode-se questionar: qual a mensagem é passada? Ela de fato é passada? Faz sentido? Contribui para incentivar o debate sobre o tema? |
| Probabilidade de execução | Avaliação do que é possível de ser alcançado para que se reproduza o esquete, o que envolve número de atores, cenário, figurino, maquiagem, local de apresentação. Dentre os questionamentos, pode-se perguntar: quantos atores são necessários? É possível contracenar com esta quantidade de atores? Que figurinos são necessários para as personagens? É possível confeccionar os figurinos? Que maquiagem pode ser feita? Ela passa a mensagem desejada? O cenário proposto é de fácil ou difícil execução? A peça pode ser adaptada para diferentes locais de apresentação? |
| Tipo de esquete | Avaliação do que é possível de ser alcançado para que se reproduza o esquete, o que envolve número de atores, cenário, figurino, maquiagem, local de apresentação. Dentre os questionamentos, pode-se perguntar: quantos atores são necessários? É possível contracenar com esta quantidade de atores? Que figurinos são necessários para as personagens? É possível confeccionar os figurinos? Que maquiagem pode ser feita? Ela passa a mensagem desejada? O cenário proposto é de fácil ou difícil execução? A peça pode ser adaptada para diferentes locais de apresentação? |

Fonte: Elaboração própria (2020)

Foram selecionadas para a constituição do espetáculo “Depressão” os esquetes intitulados “A Guerra de Tobias”, “Disfarces” e “De Sofia para Sofia”, cada um representando visões diferentes sobre o tema. Designados personagens aos atores, segue-se com a etapa de *ensaios*, crucial para o processo de desenvolvimento dos espetáculos do *Interna-só-na-mente*. Sua importância se dá por possibilitar a percepção de quais são as alterações necessárias nos roteiros iniciais para a melhora dos esquetes, de forma que proporcionem uma maior coerência e fluidez às representações, o que implicou, por exemplo, na mudança de falas, cenários, maquiagens, reconfiguração de personagens às capacidades dos atores e elaboração de transições entre as peças para possibilitar trocas de figurino, maquiagem e cenário.

O espetáculo “Depressão” é assim constituído, com uma lógica própria criada no primeiro ciclo temático e adotada como base para os ciclos seguintes. O primeiro esquete traz uma perspectiva mais individualista do tema, demonstrando como o indivíduo, de forma íntima e interna, se relaciona com o tema. No caso da depressão, é representado em “A Guerra de Tobias” a personagem Tobias e a personificação dos seus sentimentos, demonstrando os diferentes sentimentos que uma pessoa com depressão pode apresentar.

Fotografia 1 - Esquete "A Guerra de Tobias"



Fonte: Foto de autoria do Teatro Político (2018)

O segundo esquete reflete um ângulo social do tema, de forma a representar uma cena passível de problematizações, para que criticamente haja uma discussão da temática e suas manifestações no meio social. Assim, "Disfarces" retrata como socialmente se lida com a depressão, seja com um distanciamento através do rechaço de uma pessoa depressiva ou camuflagem da própria depressão, ou de forma aproximada, com auto reconhecimento e aceitação da doença ou apoio oferecido àquele que se encontra em um quadro depressivo.

Fotografia 2 - Esquete "Disfarces"



Fonte: Foto de autoria do Teatro Político (2018)

Pelo fato de o projeto de Teatro Político tratar de temas densos e que necessitam de problematizações para criticamente serem discutidos, alguns roteiros podem conter cenas fortes, que podem ser gatilhos para os espectadores. Dessa forma, a esquete de fechamento do espetáculo foi do tipo cômica, visando proporcionar uma leveza e amenidade ao público, sem perder o engajamento reflexivo com o público. Por isso, "De Sofia para Sofia" comicamente retrata a personagem Sofia e o vai-e-vem entre escutar sua amiga Monique ou a personificação da depressão.

Fotografia 3 - Esquete “De Sofia para Sofia”



Fonte: Foto de autoria do Teatro Político (2018)

Assim, o sentido de “Depressão”, também adotado na montagem dos espetáculos ciclos seguintes, segue a seguinte configuração: I) possuir três peças; II) possuir transições entre as peças; III) uma peça com perspectiva focada no indivíduo; IV) uma peça com uma perspectiva focava na sociedade; e V) uma peça mais voltada para o lado cômica/satírico. Ao final das apresentações, abre-se para o debate com o público para que explicitem suas opiniões sobre as cenas representadas, incentivando as percepções de cada espectador de forma a exercitar seu pensamento crítico e assim, questionem qual o seu lugar, suas atitudes e o que precisam transformar em si e na sociedade. O detalhamento sobre o roteiro inicial que compõe o espetáculo está exposto no Capítulo 4.

Nas apresentações em realizadas em 2018, em um total de quatro, a fórmula de construção de espetáculos foi posta a teste e

obteve um grande sucesso, observado pelo *feedback* do público pós-apresentações, feitas em João Pessoa. Nas datas explícitas no quadro 3, o público foi cativado logo no primeiro esquete, que por ter cenas mais fortes, prendeu a atenção ao retratar o turbilhão de emoções do indivíduo com depressão, em uma guerra de sentimentos que o faz sofrer. “Presos” às cenas, os espectadores acompanharam a sequência das peças, que amenizaram o clima do ambiente, proporcionando um bem-estar causado pelos risos do último esquete, abrindo os caminhos para os debates sobre o tema.

Quadro 3 - Apresentações dos esquetes do espetáculo “Depressão” em 2018

| Evento | Local | Data |
|---------------------------|---|----------------|
| Setembro Amarelo* | Conselho Regional de Contabilidade | 19 de setembro |
| Estreia do espetáculo | Universidade Federal da Paraíba | 20 de setembro |
| Virada Cultural** | Espaço Cultural José Lins do Rego | 30 de setembro |
| Apresentação em escola*** | Escola Estadual de Ensino Fundamental Professora Maria Jacy | 28 de novembro |

* Optou-se por não apresentar o espetáculo inteiro, apenas a esquete “A Guerra de Tobias”, pois a estreia da obra concluída ainda não havia sido realizada. ** Optou-se por apresentar apenas a esquete “A Guerra de Tobias”, pois não havia tempo suficiente para apresentar o espetáculo na íntegra. *** Público alvo inicial do projeto atingido.

Fonte: Elaboração própria (2020)

3.2 DIFICULDADES ENCONTRADAS, BARREIRAS ULTRAPASSADAS: RESULTADOS DO PRIMEIRO CICLO

Concluído o ciclo de construção e execução de “Depressão”, o desenvolvimento dos extensionistas foi crescente. Os aprendizados fixados, obtidos através dos êxitos dos integrantes, também ocorreu pela superação das adversidades que surgiram no percurso, classificadas em quatro grupos, referentes a problemas de (I) estrutura institucional e burocrática; (II) recursos financeiros; (III) execução prática; e (IV) acompanhamento psicológico. Cada impasse trouxe uma solução específica, tomada como exemplo para os processos de construção teatral dos temas sequenciais.

A centralidade da Universidade na vida dos discentes fez com que este fosse o local escolhido para a realização dos encontros do grupo, porém, sem um espaço fixo, em decorrência da dificuldade de reservar salas de aula universitárias onde pudessem realizar os ensaios do projeto de extensão. Em várias ocasiões, os alunos foram convidados a se retirarem das salas, fazendo-os buscar por ambientes diversos para efetuar as atividades, muitos destes inadequados para ensaios teatrais, como pátios da Universidade, casas dos integrantes e até mesmo locais públicos. Ainda, com a proposta de aproximar os alunos das escolas públicas ao meio universitário, o *Interna-só-na-mente* fez solicitações às instâncias universitárias responsáveis para reserva de um ônibus da instituição. Infelizmente, às vésperas das apresentações, não obtiveram resposta formal, e dessa forma, os deslocamentos ficaram a cargo dos participantes do teatro.

Como projeto de extensão, o Teatro Político Interna-só-na-mente conta com uma bolsa destinada aos extensionistas, atribuída a um aluno de acordo com os critérios formulados pela coordenadora do projeto. Adquirida pelo edital PROBEX 2018, e posteriormente readquirida nos editais PROBEX 2019 e PROBEX 2020, tal recurso é destinado ao *discente*, não representando financiamento para a execução das atividades do projeto. Com isso, para adquirir os subsídios monetários necessários para a confecção dos esquetes, tais como cenário, figurino e maquiagem, e ainda para ajuda de custo de transporte, o grupo realizou bazares para venda de comidas, bebidas não alcóolicas e roupas doadas pelos próprios integrantes, momento que também ajudou na auto divulgação.

Fotografia 4 - Bazar para arrecadar fundos para o Interna-só-na-mente



Fonte: Foto de autoria do Teatro Político (2018)

A maior dificuldade desse ciclo configura-se na parte prática, na comunicação com o público alvo inicial para a execução das apresentações. O contato com os gestores responsáveis pelas escolas contactadas, feito através de e-mails e telefonemas pela coordenadora e integrantes do projeto, foi infrutífero em sua maioria, em poucas ocasiões obtiveram retorno. Apenas um espetáculo foi realizado para alunos de escola pública, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Professora Maria Jacy, em 28 de novembro de 2018.

Fotografia 5 - Agradecimentos pós apresentação do espetáculo “Depressão” na Escola Estadual de Ensino Fundamental Professora Maria Jacy



Fonte: Foto de autoria do Teatro Político (2018)

Apesar disso, um maior interesse pelas atividades do grupo veio por outras vias, em convites oriundos de outras frentes que não a do público primariamente escolhido. Em ação feita no dia 26 de abril de 2018, a convite do projeto de extensão “Bem me Quero” do Centro de Ciências Sociais da Saúde (CCS) da Universidade Federal da Paraíba, desenvolveram dinâmicas com os pacientes acamados no Hospital Universitário Lauro Wardeley (HU), com

jogos de tabuleiro e troca de ideias. Nos dias 27 e 28 de agosto de 2018, chamados pelo Departamento de Relações Internacionais (DRI) da Universidade Federal da Paraíba, ministraram na Semana Acadêmica de Relações Internacionais (SARI) o minicurso “A Arte como projeto social: a atuação da sociedade por meio do teatro”, em parceria com o Projeto UEPB em Ação (PUA), da Universidade Estadual da Paraíba. No mês seguinte, receberam convites para se apresentarem em dois eventos: no dia 19, no evento Setembro Amarelo, no Conselho Regional de Contabilidade, e no dia 30, no evento Virada Cultural, no Espaço Cultural José Lins do Rego.

Em derradeiro, o *Interna-só-na-mente* recebeu a demanda de estruturar um apoio psicológico que pudesse acompanhar os momentos das apresentações e debates pós-espetáculos, visto que as cenas retratam situações complexas, que podem fortemente impactar os espectadores, causando sentimentos de mal-estar. Pelo reconhecimento de que os integrantes não possuem uma formação psicoterapêutica, capaz de conduzir conversas que proporcionassem um maior apoio terapêutico a quem se sentisse mal, o grupo buscou profissionais que pudessem se tornar parceiros de suas atividades. Entretanto, as tentativas não obtiveram sucesso, sendo este o único impasse sem solução. Em uma futura retomada da peça para novas apresentações, o grupo pretende retomar estes contatos.

Todas as dificuldades foram cruciais para a crescente aprendizagem e desenvolvimento dos extensionistas, incentivando o pensamento orientado para procura de soluções, diversificando suas ações e os fazendo lidar com as adversidades. Com a

impossibilidade de comunicação exclusiva com as escolas públicas, ampliaram-se os espaços de diálogo com a sociedade pelo interesse recebido de outros núcleos sociais. Destarte, finalizado o primeiro ciclo temático, marcado pelo espetáculo “Depressão”, as bases de metodologia do grupo surgiram, sendo aprimoradas e utilizadas nos ciclos seguintes.

Espetáculo “Depressão”: Roteiros Iniciais

Neste capítulo, comungam-se os roteiros iniciais dos esquetes constitutivos do espetáculo “Depressão”. Para as apresentações feitas no ano de 2018, percebeu-se a necessidade de alterações nos roteiros que possibilitassem a execução prática devido a mudanças internas que ocorreram dentro do grupo e de outras demandas que surgiram ao longo do ano. Fatores não previstos ocorreram: saída de integrantes do projeto, recursos financeiros escassos, falta de espaço físico para ensaios, incerteza sobre o espaço onde as apresentações seriam realizadas, pouca capacidade de locomoção do grupo para localidades mais distantes, faixa etária dos espectadores variada, tempo disponível para apresentação.

Ainda, as tentativas de contato com o público alvo inicial, focado em alunos de escola pública, não foram tão frutíferas quanto se esperada pelos extensionistas, ao passo que um crescente interesse advinha de outras entidades. Com isso, várias das apresentações foram realizadas para um público que inicialmente não fazia parte do objetivo do projeto, o que trouxe a necessidade de preparar a prática das apresentações de forma fluida, adaptável a

qualquer espaço e espectador. Assim, as alterações foram feitas no sentido facilitar a prática: supressão de personagens, incorporação de novos atores, adição de transições para possibilitar troca de roupa, apresentação de apenas um esquete, mudança de figurinos e maquiagem, mudança de falas.

É importante esclarecer dois fatores. Primeiramente, não foram descritas neste capítulo as transições entre os esquetes, em decorrência de serem cenas improvisadas na hora das apresentações que, apesar de seguirem uma linearidade na mensagem que passava, a cada apresentação, as falas dos atores mudaram, impossibilitando a transcrição de um roteiro base. Segundo, as esquetes foram feitas por alunos de um contexto específico, pensando em um público de um contexto específico: alunos, em sua maioria, da região Nordeste, estudantes da Universidade regional da Paraíba, em João Pessoa, Paraíba, que visualizaram como público pessoas desta cidade, inicialmente com foco em alunos de escolas públicas. Com isso, várias falas das personagens contêm expressões de fala desse contexto, que refletem as vivências de fala dos envolvidos, buscando um diálogo com um público específico, de uma forma pouco formal ou informal, afim de uma maior aproximação e conexão com os espectadores.

4.1 A GUERRA DE TOBIAS: ROTEIRO INICIAL

"A guerra de tobias"

Personagens

1. PERSONAGEM PRINCIPAL TOBIAS, dono de todas as emoções, não esboça nenhuma reação a princípio, age como observador, é afetado pelas expressões das emoções ao seu redor.
2. EMOÇÃO 1, representa a alegria, a euforia, o êxtase, o entusiasmo.
3. EMOÇÃO 2, representa a tristeza, a dor, a aflição, a mágoa.
4. EMOÇÃO 3, representa a poesia da alma, a inspiração, a arte, o romantismo, a delicadeza, a emotividade. Pode declamar com um livro em mãos.
5. EMOÇÃO 4, representa a raiva, a intensidade, a fúria, a cólera, o frenesi, a violência, o furor.
6. EMOÇÃO 5, representa a dança, o movimento, a música, o sonho, a paixão, a leveza. Pode estar dançando com um objeto.
7. EMOÇÃO 6, representa a frustração, a impotência, o descontrole, o desespero, a descrença em si mesmo.
8. EMOÇÃO 7, representa a comunicação, a exterioridade, a confissão, a amizade, o relacionamento com o próximo, a criação de laços emocionais. Carrega consigo um celular)

9. EMOÇÃO 8, representa o medo irracional, a adrenalina, as cicatrizes de situações traumáticas, o instinto de defesa, a alucinação, a ameaça.
10. EMOÇÃO 9, representa a criança, a nostalgia, a curiosidade, a inocência, o descobrimento do mundo. Pode estar com um brinquedo.
11. EMOÇÃO 10, representa a ansiedade, a agitação, o receio, o nervosismo, a pressa, aflição, o anseio.
12. Possível personagem extra: EMOÇÃO 11, representa a paz interior, o equilíbrio, o silêncio, a meditação, a reflexão.
13. Todas as personagens que representam emoções estão caracterizadas exatamente como a personagem principal. Atores/atrizes que têm cabelo longo, deixá-lo preso.

Cenário

1. Cadeira, preferencialmente sem braços, posicionada no centro do palco.
2. Cortina escura com abertura no meio.

Cena

Cadeira no centro do palco. Atrás da cadeira, a cortina escura com uma abertura no meio. Personagem principal se encontra durante todo esquete sentado na cadeira, enquanto as representações das emoções se posicionam em fila indiana, seguindo a ordem de entrada, escondidos atrás da cortina.

EMOÇÃO 1

(Aparece com um pulo do lado direito da cortina, gargalhando, fazendo barulho, batendo palmas. Anda pelo palco tendo um ataque de risos. Grita em euforia, dá pulos, comemora. Senta no chão amenizando as risadas e as reações. Continua rindo e sorrindo como se estivesse lembrando de uma boa memória).

(Enquanto a EMOÇÃO 1 ameniza seus gestos e se posiciona sentada no palco, entra EMOÇÃO 2 pelo lado esquerdo da cortina, com o rosto escondido).

EMOÇÃO 2

(Lentamente tira as mãos do rosto e mostra o semblante para a plateia. Começa a fazer careta, soluçar e choramingar, eventualmente se tornando em uma crise de choro. Leva as mãos à cabeça.) – Não. Não! Por que, meu deus? POR QUÊ? Isso dói demais! Não é justo! (Aperta o peito. Se abraça. Continua chorando ao se ajoelhar e deita no chão. O tom do choro diminui).

EMOÇÃO 3

(Entra pelo meio da cortina. Vai até o centro do palco. Olha para o livro aberto [se houver], depois para a plateia. Declama poesia. Olhos inspirados, semblante de calma e felicidade, intensidade na voz. Ao andar no palco, se posiciona ao lado. É interrompido abruptamente no meio da fala pelo barulho da EMOÇÃO 4).

EMOÇÃO 4

(Joga um objeto no chão com força, fazendo barulho que interrompe a fala da EMOÇÃO 3. Entra pelo lado esquerdo,

encarando a plateia com cara de brava. Dirige-se à frente do palco com passos pesados. Urra de raiva em direção a plateia, joga os braços, dá chutes, puxa os cabelos, bate no chão, escarra no chão, encara furiosamente plateia, personagem e outras emoções, ameaçadoramente. Continua andando pelo palco bufando, revirando os olhos. Grita diretamente, xingando com o personagem. Vira de costas para o personagem e continua andando com os punhos).

EMOÇÃO 5

(Entra pela abertura do meio, toca a personagem principal por trás dançando. Vai até o centro do palco continuando a dançar, fazendo movimentos de balé, leves, mas também abruptos. Dança por algum tempo na frente até se deslocar para a parte de trás do palco. Continua dançando.)

EMOÇÃO 6

(Entra pelo lado direito da cortina, se posiciona na frente enquanto a EMOÇÃO 5 ainda está dançando no proscênio. Ombros para baixo, andando devagar, semblante cansado. Deita a cabeça para trás, suspirando, enquanto olha para o teto desoladamente. Leva as mãos à testa, enquanto cerra os olhos, preocupada, pensativa. Anda pelo palco com expressão de preocupação e nervosismo. Continua lamentando, respirando profundamente) – O que é que eu faço? E agora? Não vai dar tempo. Eu não vou conseguir, eu não vou... Me ajuda, meu deus, eu preciso de uma luz agora. O que é que eu vou fazer?! (Senta no chão, com a cabeça para baixo e as mãos escondendo o rosto. Se balança inquietamente).

EMOÇÃO 7

(Entra pela abertura do meio da cortina, anda até a frente da plateia e começa a falar olhando fixamente para alguém)
– Oi, eu me chamo Tobias. Nossa, você tá muito bonito/a! Eu gosto muito do seu sorriso também. Você parece alguém que seria um bom amigo/a. *(Falando com outra pessoa)* – Eu gosto muito da cor do seu cabelo. Quando você pintou? Eu já quis ter o cabelo assim uma v-... *(Fala interrompida pela vibração do celular.)* – Opa! Licença, eu preciso atender, é um grande amigo meu. *(Fala no celular enquanto anda pelo palco)* – Oi, Aninha! Sim, eu liguei sim. Eu só queria te dizer obrigada, obrigada por toda a força que você me deu esse semestre. Sem você, eu não teria conseguido, de verdade. E não só esse semestre, você vem sendo a fonte de uma grande força para mim. Nossa amizade é muito, muito importante na minha vida. Eu quero cultivá-la para sempre. Eu desejo para você todo o sucesso na vida. *(Continua falando enquanto diminui a voz e se posiciona no palco).*

EMOÇÃO 8

(Entra pelo lado esquerdo da cortina. Anda e tem um semblante de apreensão, apavorada. De repente, leva um grande susto. Grita. Tenta se esconder. Abraça as pernas, cobre o rosto com os braços, reza baixinho. Depois se levanta e corre pelo palco, ainda tentando se esconder. Lábios trêmulos, olhar assustado. Olha para a cortina várias vezes. Quando a EMOÇÃO 9 entra pela abertura do meio da cortina, dá outro grito de susto e se recolhe no chão).

EMOÇÃO 9

(Entra pela abertura do meio da cortina, olhando para todas as emoções e para a personagem principal. Começa a olhar para o cenário, com curiosidade e admiração. Interage com as outras personagens, tocando na roupa, no cabelo, chamando. Fala dirigindo-se à EMOÇÃO 2.) – Ei, ei, ei. Ei, você. Ei, por que você está chorando? (Dirigindo-se a outra emoção.) – Ei, o que é isso? O que é que isso faz? (Pega o objeto de outra EMOÇÃO) – Oi, eu posso brincar com isso? (Devolve. Fala em direção à plateia.) – Ei, qual teu nome? Você quer brincar comigo também? Sabe, eu descobri uma coisa muito maneira hoje. Vem ver. (Corre sorrindo, animadamente pelo palco).

EMOÇÃO 10

(Entra correndo pelo lado direito da cortina. Para pôr um momento olhando a todos ao seu redor. Continua correndo, pelo palco. Parece estar com pressa, o olhar focado, pensando em várias coisas ao meu tempo. Estala os dedos, pensa alto, morde as unhas constantemente, limpa o suor da testa. Falando consigo mesmo.) – Depois disso, tem aquilo também, e depois, depois, depois... Ah, depois vai acontecer isso. Com certeza, com certeza. Depois, eu vou fazer isso... Ah, mas quando isso acontecer... Rápido, rápido, eu tenho que me apressar! (Continua falando consigo mesmo e andando rapidamente pelo palco enquanto as outras emoções recomeçam a reproduzir seus sons.)

PERSONAGEM PRINCIPAL

(Acompanha atentamente com o olhar todas as emoções no momento que elas aparecem e vão para o proscênio do palco.)

Todas as emoções estão localizadas visivelmente no meio e no fundo do palco em uma dada posição. Depois que a EMOÇÃO 10 começa a falar, gradualmente, cada uma recomeça a reproduzir sua fala/sua ação mais alto, atrapalhando e desviando o foco da emoção anterior. Em certo momento, todas elas têm igual presença no palco.

Personagem principal tenta prestar atenção em todas. EMOÇÕES mudam de posição no palco, podem interagir entre si. Quando os sons que cada um faz encontram-se igualmente audíveis, começam juntas a aumentar a intensidade dos sons. Continuar a realizar suas ações aproximando-se mais da cadeira do protagonista.

PERSONAGEM PRINCIPAL

(Começa a ficar agitado quando as emoções se aproximam. Fecha os olhos com força e cobre as orelhas com as mãos, visivelmente incomodado pelo barulho. Começa a balançar a cabeça olhando para baixo, cada vez mais impaciente. Aumenta a força nas mãos. Quando o barulho e a aproximação das personagens chegam no máximo, grita com toda força.) – AAAAHH!!

Com o grito da personagem principal, todas as emoções param o que estão fazendo e se viram para ele, encarando-o. O protagonista está ofegante. Todas as EMOÇÕES, em silêncio, começam a deixar seus objetos no chão e a deixar o palco, algumas ainda olhando estranhamente para o protagonista.

PERSONAGEM PRINCIPAL

(Observa todas as emoções deixando a cena. Deixa os braços caírem ao lado do seu corpo, relaxa o corpo na cadeira. A

respiração pesada vai ficando mais leve. Ao final da cena, sua expressão é apática. Olha ao seu redor com um olhar vago. Encara para a plateia com um semblante sem reação).

FIM

4.2 DISFARCES: ROTEIRO INICIAL

"DISFARCES"

Personagens

1. LETICIA, veste camisa e calça pretas, têm arranhões pelos braços, expressão facial e corporal exageradamente triste e negativa.
2. PESSOA 1, veste camisa branca, e calça preta e embaixo estão com camiseta de outra cor decorada com retalhos, rasgos, curativos, rabiscos, etc.
3. PESSOA 2, caracterizada como a da PESSOA 1.
4. PESSOA 3, Veste camisa e calça pretas.

Cenário

1. Cortina branca ao fundo do palco.
2. Ao lado direito, pano branco, espelho, um balde com água ou lenços umedecidos, um batom.

Cena I

Leticia surge do lado esquerdo do palco, (senta do lado esquerdo em frente aos objetos e limpa seu rosto com a água/lenços, olha para o espelho e mostra sua) expressão característica, suspirando desmotivada. Pessoas 1, 2 e 3 surgem do lado direito do palco esboçando em seus rostos sorrisos largos e vociferando sons de alegria e despreocupação, enquanto conversando entre si.

Leticia vai andando enquanto observa o espaço ao redor e as outras pessoas vestidas com camisa branca com curiosidade. Ela olha para si percebendo que não se encaixa naquele espaço e não se assemelha aquelas pessoas.

As pessoas em branco vão caminhando felizes conversando e olhando para LETÍCIA com desprezo, espanto, estranheza ou simplesmente ignorando-a.

As pessoas de branco voltam pelo lado direito do palco e Letícia corre de volta ao outro lado, colocando o pano branco na frente/em cima de sua camisa para disfarçar a cor, escondendo as cicatrizes com band-aid e forçando um sorriso exagerado. Tenta diversas vezes em frente ao espelho ensaiar risadas e largos sorrisos. Quando escuta as vozes das PESSOAS 1, 2, 3 voltando ao palco, se apressa e desenha um sorriso com um batom no rosto. As mesmas pessoas passam por ela e reagem diferente. Leticia, nervosa, acena para os passageiros, e eles acenam de volta, olhando surpresos, confusos e até com aprovação.

Cena II

PESSOA 1 se aproxima de LETÍCIA e começa uma conversa

PESSOA 1

– Oi! Você é a Letícia, não é? Lembra de mim? A gente foi colega de escola. *(risos altos)* Eu estou saindo agora com meus amigos. Olha, gente, essa é a Letícia! *(personagens se cumprimentam)* Quer sair com a gente? *(LETÍCIA que até então só respondia com sons e gestos sem falar nada, concorda e se junta aos demais personagens, mostrando sua surpresa para a plateia.)*

LETÍCIA se posiciona no meio das 3 pessoas, que repentinamente demonstram intimidade com ela

PESSOA 2

– Então, como eu estava dizendo... *(continua uma conversa detalhada e demorada sobre uma série com as outras pessoas. Todos continuam a conversar normalmente com Letícia, que continua calada e nervosa. Todas as suas intenções de falar são cortadas pela fala de outros personagens.)*

PESSOA 1

– Eu também acho! Você não acha isso, Letícia? *(Todos se voltam para ela.)*

LETÍCIA

– E-e-eu não sei...

PESSOA 2

– Como assim não sabe? Vai logo, ou concorda ou discorda, fala!

LETÍCIA

– É que eu... Não assisto essas séries:

PESSOAS 1 e 2 (*exasperados*): – O QUÊ?

PESSOA 2

– Ela não assiste a essa série? É a melhor de todas! O que você faz então a maior parte do dia?

(LETÍCIA tenta falar e é interrompida por outros personagens)

PESSOA 1

– Ah, mas é porque as vezes tem coisa mais importante que ficar o dia inteiro sentada em frente à TV. Com certeza você pratica um esporte não é, tipo academia, ficar fitness, não é?

LETÍCIA

– Na verdade não...

PESSOA 1

– Ela deve ser super estudiosa. Eu ouvi falar que ela passou na universidade. Você tá fazendo qual curso mesmo, Letícia?

LETÍCIA

– Ah, isso. Eu não comecei a cursar ainda, não pude ir para as aulas e...

PESSOA 2

– Nossa, então quer dizer que você não faz nada o dia inteiro? Nem sair com os amigos, uma baladinha?

LETÍCIA (*tentando segurar a expressão feliz*): – É que eu não saio à noite. E eu... não tenho amigos. (*Os demais personagens se entreolham em silêncio, quebrando o clima de euforia. PESSOA 2 começa a rir de forma forçada de repente.*)

PESSOA 2

– Ahahaha... Não tem amigos, hahaha. Essa foi boa. Muito engraçado. (*PESSOA 1 também começa a rir de forma forçada. LETÍCIA tenta rir também, mas precisa se esforçar para não mostrar a feição de tristeza.*) – É óbvio que todo mundo tem amigos.

PESSOA 1

– Desculpa, é que, você parece ser tão simpática. Nem parece que tá falando sério. (*LETÍCIA descansa o sorriso e parece triste de novo.*)

– Letícia, tá tudo bem?

LETÍCIA (*rapidamente voltando o sorriso*): – Tudo bem. Vocês aceitariam sair hoje comigo? (*As 2 pessoas fazem silêncio e se olham entre si.*)

PESSOA 1

– É que... (*olhando para PESSOA 2*) eu já estava combinando ir pra outro lugar antes...

PESSOA 2

– Err, meu namorado tá ligando agora, e... ah! tem meu cachorro também, esqueci total que era meu dia de faxina, tenho que voltar correndo pra casa, acho que não vai dar... tchau! Até! Fui! *(Fala apressadamente inventando desculpas e sai)* – Ufa, é cada uma que eu me meto... Que menina estranha da gota!

PESSOA 1 fica sozinha em um silêncio desconfortável com LETÍCIA. LETÍCIA desiste de sorrir e pega lenços para limpar o batom do rosto e tirando o pano da roupa. PESSOA 1 olha de longe, começa a se aproximar de LETÍCIA, mas depois muda de ideia e vai embora

LETÍCIA

– É sempre assim... Não importa o quanto eu tente, toda vida é assim! Eu não sei nem porque eu continuo. Eu nunca vou ter amigos de verdade.

Cena III

LETÍCIA está sozinha no centro do palco sentada, olhar triste, para baixo. Entra PESSOA 3 se aproximando de Letícia e tocando seu ombro

PESSOA 3

– Tudo bem com você?

(LETÍCIA se espanta e corre para pegar o espelho e o batom)

LETÍCIA

– Tá sim! Tá tudo bem, tá tudo ótimo, você como vai? Tudo em paz, tudo em cima...

(PESSOA 3 segura seu braço impedindo que ela passasse o batom de novo.)

PESSOA 3

– Você não precisa de tudo isso.

LETÍCIA

– Mas ninguém pode me ver assim! Como que alguém vai ser amigo de alguém tão torto e miserável como eu? Eu só deixo todos ao meu redor pra baixo. Eu queria muito ter amigos... Mas todo mundo está sempre tão feliz, tão bem! Por que eu também não sou assim, por que eu não posso ser assim? *(Voz embargada e em claro desespero.)*

PESSOA 3

– Você só precisa olhar melhor ao seu redor. Olhe só para ali. *(PESSOAS 1e 2 vão aparecendo nos cantos e na parte de trás do palco, olhando ao redor para ver se não tem ninguém e tirando suas camisas brancas para mostrar sua camisa colorida cheia de retalho. Um chora baixinho, outro coloca as mãos na cabeça e demonstra raiva, outro parece preocupado, cansado.)*

– Todo mundo é diferente quando está sozinho de quando está com os outros. Todos temos algo que nos envergonhamos e não queremos mostrar a ninguém. Mas todos nós sabemos o que é estar triste, ou estar passando

por dificuldades, assim como você sabe. Ninguém precisa estar bem o tempo todo! A alegria é tão momentânea, nós temos tantas emoções... seja você, viva suas emoções sem vergonha de não ser alegre o tempo todo. Nem eles são felizes o tempo todo, só querem e tentam aparentar ser o que não são.

LETÍCIA

– E o que eu posso fazer? (*PESSOA 3 põe a mão no ombro de LETÍCIA e a fita afirmativamente. Depois se vira para deixar o palco. LETÍCIA respira fundo e vai em direção a alguma das outras personagens PESSOA isoladas nos cantos do palco*) – Oi... – (*A PESSOA em questão se assusta e tenta esconder sua camisa.*) – Tudo bem... Não tem problema, eu te entendo. Eu posso te ajudar? (*Estende a mão para a PESSOA e está a segura.*)

Todos saem de cena.

FIM

4.3 DE SOFIA PARA SOFIA: ROTEIRO INICIAL

"De sofia para sofia"

Personagens

1. SOFIA, depressiva, porém sabe lidar com as 'vozes' da depressão, detesta quando a DEPRESSÃO tenta impedi-la de fazer algo, rebatendo-a quanto isso acontece por ser independente e não gostar de se sentir limitada; segura de si, geralmente animada e extrovertida, humor muda quando

começa a dar ouvidos a DEPRESSÃO e acreditar nas suas manipulações, tornando-se insegura, mais triste, menor, desimportante.

2. DEPRESSÃO, entojada, sarcástica, azeda, depreciativa, debochada, sente-se dona da razão, tenta sempre impedir SOFIA de fazer algo.
3. MONIQUE, amiga de SOFIA, cuidadosa, compreensiva, empática, animada, sabe das dificuldades que SOFIA pode ter por causa da depressão, demonstra-se aberta para escutar SOFIA, apoiadora, acolhedora.

Cenário

1. A intenção é dar ideia de 3 espaços principais, o quarto, o banheiro e a sala
2. Quarto: um travesseiro no chão, um lençol, um cabideiro
3. Banheiro: um banco, um papelão com o desenho de um sanitário
4. Sala: não há necessidade de objetos de cena, apenas que os atores demonstrem a diferenciação do cômodo em relação aos outros através do espaçamento das cenas.
5. Cada cena deve se dar em um dos cômodos.

Figurino

1. SOFIA: primeiramente, deve estar com um pijama. Quando for se preparar para sair com sua amiga, fará uma troca de roupa, colocando uma saia, trocando de blusa e colocando um sapato. Por último, colocar uma bolsa.
2. DEPRESSÃO: uma legging preta e um vestido preto.
3. MONIQUE: um vestido e algumas pulseiras no braço.

Maquiagem

1. Sofia: maquiagem natural, como se não tivesse maquiagem
2. Depressão: olho bem marcado de preto, batom preto
3. Monique: rímel, bochechas rosadas, batom rosa claro

CENA I

SOFIA acorda e fica se espreguiçando.

SOFIA

– Aaaawn, hummm... que dia lindo... (*DEPRESSÃO entra e se posiciona através de SOFIA, observando-a. SOFIA se levanta*)
Eita que sono bom... menina, hoje eu acordei daquele jeito viu (*fala se dirigindo ao público*), tô naquele pique, tcha, tcha (*fazer movimento engraçado*). Hoje eu tô sentindo que vou ser bem produtiva viu, e olha, eu já sei o que vou fazer... Eu vou é estudar.

(SOFIA caminha para frente. DEPRESSÃO agarra sua e a puxa pra trás.)

DEPRESSÃO

– Hum-um (*nega o que SOFIA disse*)

SOFIA

– Estudar? Quem é que estuda em pleno domingo? Não sou nem gente ainda... Ah, já sei, eu vou é limpar casa!

(SOFIA caminha para frente. DEPRESSÃO agarra sua blusa e a puxa pra trás.)

DEPRESSÃO

– Hum-um (*nega o que SOFIA disse*)

SOFIA

– Que limpar a casa o que, um chão limpo desse (*olha pro pé*). Ah menina, eu não tenho nem papel higiênico, eu vou fazer a feira!

(SOFIA caminha para frente. DEPRESSÃO agarra sua blusa e a puxa pra trás.)

DEPRESSÃO

– Hum-ummm (*nega o que SOFIA disse*)

SOFIA e DEPRESSÃO se encaram. Caminham de forma circular. SOFIA se posiciona a esquerda e DEPRESSÃO a direita.

.

SOFIA

– ‘Homi’ (*bate o pé no chão e cruza os braços*), me deixa sair!

DEPRESSÃO

– Oxe, para que? Tem nada (*bate o pé no chão e cruza os braços, imitando Sofia*) para ti fora dessa cama não menina.

SOFIA

– Er, entãããã (*voz anasalada*), eu gostaria de mijar, por obséquio! Você sabe o que é uma bexiga cheia? Você não sabe o que é uma bexiga cheia, dá licença!

SOFIA sai em direção ao banheiro, mas rapidamente a depressão cai e se prende aos seus pés. Sofia começa a andar e arrastar a Depressão

DEPRESSÃO

– NÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃ, NÃO LEVANTAAAA, NÃO FAZ ISSO COMIGO. VOCÊ NUNCA ME ESCUTA, SÓ PISA EM MIMMMM. EU SÓ QUERIA QUE VOCÊ DESCANSASSE MAIS UM POUCO, FAÇO TUDO POR TU

SOFIA

– *(olhando com cara de desacreditada)* Tá viçané? Deixe de se passar...

SOFIA solta seu pé da depressão e se encaminha para o banheiro. MONIQUE entra em cena imitando um toque de celular. SOFIA e DEPRESSÃO rapidamente olham para o celular e depois se olham. A cada toque repetem essa interação.

MONIQUE

– Triiim, triiim... Triiim, triiim... *(toque mais alto e intenso. Impaciente por não atenderem)* TRIIM TRIIMM...! *(toque mais alto e intenso. Mais impaciente por não atenderem)*

MONIQUE deposita o celular em algum local. SOFIA e DEPRESSÃO se olham e partem para pegar o celular. Uma fica puxando a outra, sem querer deixar que a outra pegue o aparelho. Depressão acaba pegando.

DEPRESSÃO

– Tu não vais atender não, é?

SOFIA

– Oxe, claro que vou. Deve ser bem Monique, que ela ficou de me ligar

DEPRESSÃO

– Claro que não vai atender. Quem já se viu, ligar para o celular? Essa menina aí não sabe da existência de zap, zap não? *(Faz movimento no celular demonstrando que está cancelando a ligação)*

SOFIA

– *(Faz expressão de incrédula pelo que a DEPRESSÃO fez)*

– Eu não acredito que tu fez isso!! Você é doida? *(se volta ao público)* Ela só pode tá doida! *(se volta para a depressão)*. O que é que tem a pessoa ligar para o celular?

DEPRESSÃO

– Menina estranha, fica ligando para celular. E ainda mais, tu com essa voz feia vais botar ela para te escutar?

SOFIA

– *(incrédula)*

– Minha voz? Feia? *(ri da falta de confiança da DEPRESSÃO em sua capacidade vocal. Se volta ao público)* minha voz é linda viu, *(se volta a DEPRESSÃO)* você dúvida? *(se volta ao público)* Dúvida?

SOFIA começa a cantar a música "Manchete de jornais" da banda Calcinha Preta, com voz super desafinada. Além disso,

dança de forma ridícula. DEPRESSÃO começa a demonstrar que não está apreciando isso, achando horrível.

SOFIA

– Eu faço tudo por vocêeee, ponho anúncio na TV, mostro meu coração pra toooodo mundo verr... *(cantando)*.

(Antes de começar outro refrão, DEPRESSÃO dá um tapa no peito de SOFIA, interrompendo sua cantoria.)

SOFIA

– *(com raiva do tapa de DEPRESSÃO)*

– Tu tá doida é? *(muda a atitude e fica mais confiante em sua capacidade)*

– E tu, acha que tem a voz mais linda do mundo é? É a própria princesa Ariel... *(debochando da DEPRESSÃO)*. Uma voz enjoada dessa. *(com confiança)* Pois olhe, Monique me ama, com ou sem voz bonita viu.

DEPRESSÃO

– *(fala rondando SOFIA)*

– Tem certeza disso? E quando foi que ela te disse isso? Eu mesmo nunca ouvi, e sei que você também não. *(deboche)*

SOFIA

– *(voz com de dúvida)*

– Err.. Assim... Dizerrr, dizer, fazer aquele textão no facebook, um story no Instagram ela não fez não. mas me ama, ela me ama *(com dúvida sobre essa informação)*

DEPRESSÃO

– Anda cabrita, vai mijar e depois volta para cama. (*SOFIA sai em direção para o banheiro, triste*) Vamos passar o diiii descansando. Você tá precisando viu, tá com uma caraaa de acabada... (*SOFIA faz cara de acabada*).

SOFIA mijando, com olhar vago/vazio/triste. De repente, a campainha toca, pois é MONIQUE na porta. As personagens se assustam.

SOFIA

– Ai meu Deus, quem é? (*procura o papel higiênico*) Ai, não acredito que não tem papel.

DEPRESSÃO

– [CNA1] Está vendo como tu é inútil, nem papel higiênico tu compras...

SOFIA

– É claro, tu não me deixaste comprar!!

(SOFIA corre para abrir a porta, ao mesmo tempo que levanta as calças. DEPRESSÃO fica assistindo.)

DEPRESSÃO

– Menina réa sebosa, lava nem a mão. Vôte. (*deboche*)

Cena II

[A partir desse momento, as cenas serão compostas pelas três personagens. MONIQUE não interage diretamente com DEPRESSÃO, apesar de saber que a amiga tem a doença. Nas interações entre SOFIA e MONIQUE, a DEPRESSÃO pode se movimentar, reagir ao que é dito. Nas interações entre a DEPRESSÃO e SOFIA, MONIQUE fica parada, estátua, pois supõe-se que a interação DEPRESSÃO-SOFIA ocorre dentro da mente de SOFIA]

SOFIA vai abrir a porta. MONIQUE entra em disparada, não deixando SOFIA falar

SOFIA

– Oi Moni.

MONIQUE

– Ô Sofia, tu não me atendeste por que? Tive que vir até tua casa para poder te ver.

SOFIA

– *(desconcertada)*

– Er... é que eu estava no banheiro.

DEPRESSÃO

– Passou meia hora cagando, lavou nem as mãos, bicha réa sebosa. Peeeeeense numa menina sebosa, sei nem como se chama de pessoa! *(tom de deboche)*

SOFIA

- *(fala ao mesmo tempo da Depressão, tentando calá-la)*
- Psiu, cala a boca! *(se volta ao público, sem jeito)* É mentira o que ela tá dizendo, claro que não foi isso...

MONIQUE

- Tá bom mulher... *(muda a expressão para quem tem uma fofoca para contar)* Mulhezinha, tu não sabe...

SOFIA

- *(fala com animação)*
- Eita... eu conheço essa cara *(se volta ao público)* isso é fofooooooca, é a maior fofoqueira essa menina *(aponta para MONIQUE)*, ainda bem que é minha amiga... *(se volta para MONIQUE)* Fala, o que foi?

MONIQUE

- Enzo Gabriel pediu teu número, tu acredita?

DEPRESSÃO

- KKKK, ATA. TU ACHA QUE ENZO GABRIEL VAI PEDIR TEU NÚMERO? Bicha feia dessa, sem sal, sem personalidade, vai interessar a alguém? Até parece. *(Direciona fala para o público)*

SOFIA

- *(voz desanimada)*
- Eita, que legal... E pediu para que?

DEPRESSÃO

– Se alui menina, ele errou o nome, não era nem tu.

MONIQUE

– Para que? Amiga, porque ele tem crush em ti, né. Ele olhou para tua boca e pensou “hum, olha que boca bonita, ô rapaz, êpa, combina direitinho com a minha” *(as personagens passam a mão na boca na mesma hora)*

DEPRESSÃO

– Ain, que fofa essa tua amiga, mentindo para ti se sentir bem, oown. Uma pena que isso não é verdade né more *(deboche mores)*

SOFIA

– E se for verdade? Eu vi um dia ele me olhando...

DEPRESSÃO

– Que olhando para tu o que. Claro que é mentira, só eu sou sua amiga, só eu te falo a verdade. Você não tem nada para oferecer a ninguém, é completamente inútil *(passa a mão na cabeça de SOFIA, que vai se abaixando gradativamente até ficar de cócoras)*, sem graça, não tem motivos para alguém se interessar por você. acredite em mim *(fica com a mão na cabeça de SOFIA)*

(SOFIA de cócoras no chão, com olhar distante e triste. MONIQUE nota a posição da amiga.)

MONIQUE

– *(olha para SOFIA, achando a posição engraçada)*

– Ô Sofia, galinha eu sabia que tu era, mas não sabia que botava ovo

SOFIA

– Ai amiga, não fala assim, eu sou sensível. Mas... tem certeza que ele pediu meu número, não era de outra pessoa não?

MONIQUE

– *(vai em direção a SOFIA e a puxa, levantando-a)*

– Mulher, o menino chegou para mim e disse "Monique, me passa o número de Sofia, queria uns beijos e pa".

SOFIA

– Hum, top... *(desanimada)*

MONIQUE

– Que foi Sofia? Era para tu ter ficado toda animada, Enzo nera o menino que tu queria?

SOFIA

– Aaaaa, sei lá. Só acordei tipo... bleeeh.

DEPRESSÃO

– Eu tentei ajudar né, não queria deixar você sair da cama, agora tá tendo que falar com essa menina estranha *(aumenta o tom de voz, com raiva)* QUE LIGA PARA AS PESSOAS E NÃO USA O ZAP!

MONIQUE

– Ô amiga, mas você sabe que nada do que ela diz é verdade, não é?

SOFIA

– Sei (*Sofia balança a cabeça afirmativamente*)

MONIQUE

– Então, se você sabe, não escuta o que ela tá dizendo, eu sei que é difícil, mas eu sei que você sabe que nada do que ela te fala é verdade, é só manipulação

SOFIA

– Mas você sabe que eu não consigo evitar sentir, né? É bem difícil...

MONIQUE

– Eu sei, mas tu também sabe que não pode se apegar a tristeza, se entregar a tudo que ela te diz. Tem que reagir, amiga... Eu to aqui contigo, você não precisa aguentar esse peso sozinha.

DEPRESSÃO

– Eu to aqui contigo, você não precisa aguentar esse peso sozinha... (*fala imitando com vozinha irritante*)

SOFIA

– Eu sei, é só que alguns dias parece que ela é a única verdade, mesmo eu sabendo que não é, saca?

(MONIQUE balança a cabeça afirmativamente. As amigas se olham e sorriem)

MONIQUE

– Então, vamo, vamo, vamo, vai se arrumar para sair dessa casa, vamo procurar sentir outras coisas, dá uma animada. Eu por exemplo, to sentindo muita fome.

SOFIA

– Eu também...

MONIQUE

– Aí amiga, pois ramali procurar o que comer? Vamo encher o bucho e ficar mais alegrinha?

SOFIA

– Ai, por favor. Deixa eu só trocar de roupa *(fala mais animada e se encaminha para trocar de roupa)*

Cena III

SOFIA, troca a roupa. DEPRESSÃO chega furiosa

DEPRESSÃO

– Boy, é sério isso? Tudo que eu trabalhei, tudo que eu construí para você ficar em casa, aí você pega e decide sair? Garota, para que dá o desgosto da tua presença pro mundo? Quer sofrer mais ainda é? *(DEPRESSÃO fala com raiva)*

(SOFIA não olha para DEPRESSÃO, continua trocando de roupa)

DEPRESSÃO

– Você é um lixo, uma inútil, ninguém te quer por perto. Você só dá trabalho para todo mundo, só machuca quem tá ao seu redor. (*DEPRESSÃO fala em um tom mais alto e vibrante*)

(*SOFIA calça o sapato, ainda não ligando para o que DEPRESSÃO fala*)

DEPRESSÃO

– É isso mesmo Sofia? Vai lá, sai, machuque os outros, atrapalhe a vida de todo mundo e depois volte para mim chorando, porque é isso que vai acontecer. De Sofia para Sofia, você sabe que nm. mão devia existir, você nem quer viver. . .

(*SOFIA se volta para DEPRESSÃO rapidamente*)

SOFIA

– AAAAAA CALA A BOCA! Eu não vou mais te escutar, nada do que você fala é real. (*SOFIA fala com raiva e impaciência.*)

SOFIA respira fundo e, já trocada, se dirige a MONIQUE.

MONIQUE

– Vamo fecha? (*animadíssima*)

SOFIA

– Vamo fecha, moresss! (*animadíssima*)

FIM

Intolerância Religiosa (2019)

Em 2019, o Projeto de Extensão Teatro Político Interna-só-namente entra em seu segundo ciclo temático. Como explicado no processo metodológico, é feita uma seleção de possíveis temas para integrarem o ciclo, e os membros votam qual tema os apetece mais. Neste ano, alguns dos temas selecionados foram *homofobia*, *violência contra a mulher*, *intolerância religiosa*, e *fome*. No primeiro encontro do ano, foram discutidos os temas, e a votação foi realizada, sendo escolhido por ampla maioria o tema *Intolerância Religiosa*.

5.1 JUSTIFICATIVA DO TEMA

A discriminação religiosa ou de crença, também chamada de Intolerância Religiosa é o ato de discriminar e/ou ofender religiões, liturgias, cultos e doutrinas (Politize, 2018). Nasce em nosso país com a colonização brasileira, para impor uma concepção sobre a pretensa superioridade de alguns grupos e a inferioridade de outros. Nasce nessa época pois o povo brasileiro se forma com a miscigenação forçada entre três matrizes étnicas: a indígena, a negra e a europeia; esta última sendo a responsável por forçosamente apagar a importância e a diversidade cultural presente nos dois

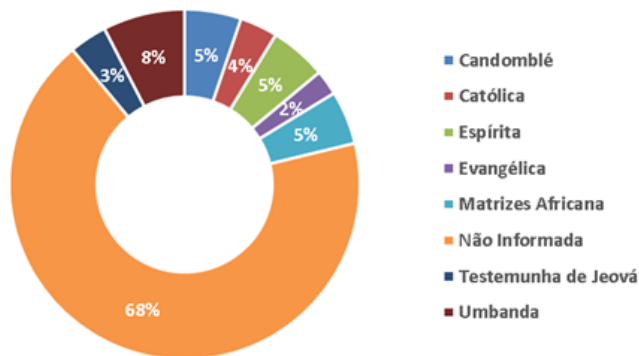
primeiros. A negação de liberdade de culto às religiões indígenas e africanas já ocorre quando os portugueses invadem a terra, com a promulgação do catolicismo representado na cruz que se finca no alto do Monte Pascoal – como conta a história eurocêntrica (CHAGAS, FONSECA, 2020).

O enorme abismo social que se encontrava entre os povos nativos e os povos escravizados só deixava mais explícito aos portugueses sua suposta superioridade cultural, e por este motivo, as autoridades portuguesas reprimiram as expressões religiosas que não condiziam com a fé cristã – justa, civilizada e pura – e mostravam um lado considerado animalesco dos homens que as praticavam. Para conquistar e dominar o novo mundo, era importante que tornassem aquelas parcelas da população submissa, que apagassem seus cultos, rituais e crenças incivilizadas, e que fossem todos convertidos na fé cristã, sendo esse feito da forma necessária, mesmo que extremamente violenta (MONAKELEMBEKETA, 2019).

A colonização brasileira reconstruiu e remodelou a intolerância e o racismo conforme lhe foi melhor, sofisticando-a, a mascarando nos meios educacionais e solidificando o racismo religioso nos poderes que nos governam. Essa realidade não apenas recrimina em especial as religiões de maioria negra e indígena, mas mascaram a realidade mais pura do racismo no Brasil. Um exemplo claro é com as religiões de matrizes africanas – que não se resumem em uma grande religião, assim como a dos povos indígenas, mas a um grande núcleo de religiões e religiosidades que são generalizadas e apagadas como um todo – que sofrem como preconceito e a intolerância religiosa que tentam minguar o poder de resistência que estes cultos possuem.

Os chamados popularmente de *terreiros*, que não representam um local sagrado somente ao Candomblé ou a Umbanda, tem funções distintas entre si, mas possuem a qualidade comum de serem capazes de reunir elementos culturais oriundos de povos africanos, e garantir a sobrevivência dessas vivências ancestrais da Diáspora por esta troca entre comunidades (PRANDI, 2003). Porém, são estes centros e terreiros os mais afetados pelo preconceito e violência, em especial do Estado, que não reconhece sua força, e consente com as mais diversas formas de opressão que podemos verificar, com podemos verificar neste gráfico:

Gráfico 1: Religião das vítimas de Intolerância Religiosa (2019)



Fonte: Balanço Disque 100 (2020)

Esses dados foram retirados do Balanço Disque 100, um serviço gratuito do governo federal que recebe, analisa e encaminha denúncias de violações de direitos humanos relacionados a diversos temas, inclusive de discriminação e intolerância religiosa. Como podemos ver, em 2019, a maior taxa de pessoas que sofreram alguma forma de discriminação por sua religião vem de religiões como Umbanda (8%) ou de Religiões de Matrizes Africanas (5%). Lembrando que estes dados são coletados nas ligações efetuadas, e podem não representar efetivamente a verdadeira faceta dos crimes, visto que muitas vezes não são denunciados ou o conflito se estende por diversas vezes até realmente ocorrer alguma ação legal. Outro importante dado que podemos ver é que muitas das vítimas não identificam suas religiões, o que pode ser oriundo de algum medo de retaliação ou descaso por parte das autoridades ou de quem está sendo denunciado.

No mundo é comum se verificarem conflitos entre entidades religiosas ou crenças que não se estabelecem em um mesmo espaço sem intolerância. Guerras foram e são travadas em nome das religiões, e grandes instituições sobrevivem – muito bem, diga-se de passagem – por meio da religião. Huntington previa um *choque de civilizações* após o final da Guerra Fria, na década de 1990, que muitos conflitos nasceriam do embate entre culturas diferentes em um mesmo ambiente, e também de situações onde minorias seriam constrangidas ante majorias (FOX, 2019). Os casos são diários e notórios. Na parte do mundo que denominamos “ocidente”, como na Europa e nos Estados Unidos, a discriminação contra muçulmanos – ou *Islamofobia* - é frequente, e serve de justificativa para ações segregacionistas e

preconceituosas. Os Estados Unidos possuem um histórico marcante de ações contra muçulmanos, e apesar de não ter se iniciado no governo Trump, assumiram uma faceta importante de seu governo. Com políticas como a proibição da entrada de imigrantes de países de maioria muçulmana, ele reforça constantemente o medo e a repulsa contra países de maioria islâmica, e a discriminação contra a religião em si, em uma equiparação entre árabes e muçulmanos com terrorismo e antiamericanismo, como afirma o canal de notícias da Universidade do Sul da Califórnia (USC – University of Southern California). O estereótipo de terrorista que esta religião possui carrega um histórico político profundo, advindo de questões antigas. A conexão com a exportação de petróleo e a ganância dos países em adquirir mais segurança nesta área pode ter sido um dos catalizadores dessa situação, reforçada pela mídia ocidental, que sempre transforma árabes e muçulmanos em figuras maldosas, gananciosas e como uma ameaça a todos os ocidentais - brancos, diga-se de passagem (ALSULTANY, 2020).

Em termos sutis, assim como ocorre no Brasil, a discriminação religiosa cultural adentra os governos em formas de leis e ações que mobilizam esforços em impedir direitos a determinados grupos sociais. O caso da intolerância contra muçulmanos é bem fácil de ser interpretada por nós, mas outros casos podem ser mais sutis, ou mascarados pelos governos. Isso ocorre, por exemplo, no Mianmar, onde desde 2012 ocorrem violências intercomunitárias entre budistas birmaneses e muçulmanos rohingya devido ao aumento do nacionalismo étnico e religioso. Essa situação envolve o governo do Estado, que pode estar envolvido em promoções de políticas

discriminatórias e de repressão da liberdade religiosa. O governo de Mianmar, um país predominantemente budista, nega a cidadania rohingya, recusando-se a reconhecê-los como um povo, os vendo como imigrantes ilegais de Bangladesh. Em 2017, com a intensificação do conflito, e com a repressão do exército de Mianmar contra os muçulmanos rohingya, centenas de milhares de pessoas fugiram através da fronteira para Bangladesh para escapar da ofensiva militar que as Nações Unidas descrevem como um “exemplo didático de limpeza étnica”. Esse conflito já forçou cerca de 140.000 Rohingya a campos de deslocados internos e mais de 700.000 a se refugiarem em Bangladesh. Além disso, o discurso de ódio on-line consolidou uma narrativa xenofóbica dos budistas de Mianmar que demonizam os Rohingya. Muitos dos campos são atacados e destruídos pelo exército, causando muitas baixas de civis, além de crimes de guerra como estupros e limpeza étnica (MARSTON, 2020).

5.2 ESTUDANDO INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

Sendo assim, fica comprovado o motivo pelo qual o tema *Intolerância Religiosa* foi um tema relevante para ser selecionado para nossas atividades, visto que além de ser um tópico relevante para a sociedade, é muitas vezes ocultado pelo racismo proveniente de nossos imaginários, criados para manter a hegemonia de uma determinada religião ou de um determinado povo. As questões internacionais que envolvem religião se multiplicam pelo mundo conforme o choque de civilizações ocorre, prejudicando grupos que

não possuem forte expressão política ou monetária suficiente para defender-se (FOX, 2019).

Retornando as atividades do projeto, foi proposto um calendário inicial de encontros para se estudar as religiões. Mais importante que entender sobre as violências e opressões em si é compreender a magnitude religiosa que nos engloba, e ver que as definições de religiosidade que a muitos é apresentada durante a vida é restrita às religiões majoritárias de seu país de origem, ou de sua região – tirando raras exceções. Dito isto, foram selecionados dois encontros para tratar de conhecer as religiões, expressões religiosas e doutrinas, de forma a possibilitar uma maior amplitude de análise. Dividido entre os membros do projeto, pudemos discutir sobre as religiões majoritárias no mundo, como o Bahai, o protestantismo, catolicismo, umbanda, candomblé, jurema, satanismo, judaísmo, budismo, hinduísmo, ateísmo (ou a não expressão religiosa), islamismo, espiritismo, e religiões indígenas diversas. Entender a diversidade religiosa nos possibilitou perceber que, independente de nossas crenças, interpretar a multiplicidade de fatores religiosos seria o desafio mais importante que teríamos que enfrentar. Isso por que deveríamos compreender a imensa diversidade que podíamos atestar existir, ao mesmo tempo que não poderíamos nos permitir cair em estereótipos ou generalizações. Por serem muitas expressões religiosas a serem consideradas, decidimos que seria necessário estudar mais sobre as religiões com maior expressividade em nosso país, e sobre as que mais são circundadas de preconceitos e estigmas. Somente assim poderíamos englobar nossos conhecimentos em nossos espetáculos e ativamente iniciar um debate saudável com o público.

Foram selecionados pela coordenadora do projeto e pela bolsista atuante as sete expressões religiosas que seriam primeiramente aprofundadas, sendo elas: a Umbanda, o Candomblé, o Catolicismo, o Protestantismo, o Islamismo, a Doutrina Espírita e a fé Wicca (como representante de novas religiões e fés que emergem no século XXI).

A primeira ação aberta ao público executada no ano de 2019 foi a Mesa de Debates *Raízes Políticas e Culturais da Intolerância Religiosa*, ministrada pelos professores doutores Ana Paula Cavalcanti e Carlos Cavalcanti, ambos do departamento de Ciência das Religiões da UFPB, autores do livro *História das Religiões: Inquisições, Intolerância Religiosa e Historiografia* (2018). Nesta obra, no capítulo IV - *Faces da dominação: reflexões conceituais sobre intolerância e violência*, os autores pontuam que "(...) partimos da constatação de que não se pode simplificar todas as formas de exclusão e perseguição como se fossem um único fenômeno histórico ou social". Por isso, a palestra foi tão importante para constatar as diversas facetas que as agressões e discriminações religiosas podem ocasionar no Brasil. Por meio deste encontro pudemos introduzir uma pesquisa mais detalhada e dedicada com os membros das religiões selecionadas, para que pudéssemos compreender de forma efetiva sobre como se dão as questões de discriminação no Brasil, seja ela ligada à gênero, raça ou outros fatores, e entender como estes mesmo fatores irão se entrelaçar em relações de poder construídas estruturalmente nas relações de nossa sociedade.

Vale ressaltar que compreendemos, também que todas as experiências que ouviríamos não seriam de forma alguma generalizadoras das relações existentes, ou seja, que cada pessoa

vive uma experiência de vida, e que não necessariamente o que nos foi relatado exemplifica a experiência da maioria das pessoas. Porém, todos os relatos foram uma forma de nos aproximarmos da vivência religiosa que aquelas pessoas tiveram, e serviram como guias na formulação de nossos espetáculos, visto que foram as nossas experiências enquanto pesquisadores e membros do projeto.

Nosso primeiro encontro sobre religião se deu no dia 26 de março de 2019, quando recebemos um representante da Doutrina Espírita, o Professor Doutor Thiago Lima, que integra o corpo docente do departamento de Relações Internacionais da Universidade Federal da Paraíba. Doutrina espírita, Espiritismo ou Kardecismo, como é chamado, chega ao Brasil no século XIX, período pós-independência, por meio do contato das elites brasileiras com a França, país que é era considerado o centro cultural da época. Alan Kardec, maior nome e considerado fundador da doutrina, lança o *Livro dos Espíritos*, primeira obra sobre seus aprendizados com os espíritos, em 1857. São cinco obras que completam os ensinamentos propostos pela doutrina: além do Livro dos Espíritos, também são publicados O Livro dos Médiuns (1859), O Evangelho Segundo o Espiritismo (1863), O Céu e o Inferno (1865) e A Gênese (1868). Por volta de 1860, as obras espíritas, em francês, começam a chegar ao Brasil. Cerca de 30 anos depois que a doutrina espírita começou a ser desenvolvida aqui, nós já éramos uma das maiores nações espíritas do mundo, deixando marcas na constituição da nossa nação (FERNANDES, 2008). No Censo do IBGE de 2010, cerca de 2% da população se considerava espírita, algo em torno de 2,3 milhões de brasileiros. Durante nosso encontro com o professor, pudemos entender um pouco mais como a doutrina

influencia sua vida e modifica sua rotina. Ele afirma que foi por meio do estudo do espiritismo que iniciou processos de meditação, além do vegetarianismo, o qual ele afirma que tornou sua rotina mais completa e saudável. Por meio dos ensinamentos, ele pode entender muito sobre seus problemas terrenos, e buscar explicação e significados nos acontecimentos diários, o que mudou muito a relação que ele desenvolve com sua família. Como primeiro encontro, ficamos surpresos em não ouvir relatos de intolerâncias, visto que o professor afirmou que suas experiências sempre foram positivas.

Nosso segundo encontro foi no dia 16 de abril de 2019 com Nivaldo Inojosa de Farias, membro da Igreja Obra de Maria, e estudioso da fé cristã, que dedicou seu encontro a nos mostrar e compreender as vertentes que esta fé assumiu ao longo dos anos. Isso porque existe uma diferença entre a fé cristã, que engloba diversas religiões e correntes religiosas que acreditam em Jesus Cristo como salvador, e a fé católica, que também é cristã, mas em conformidade com os princípios tradicionais da Igreja Católica, como seguir os ensinamentos da Bíblia. Ser católico ainda é estar com conformidade com os dogmas propostos por esta instituição, e seguir a ideia de unidade que afirma que só existe uma Igreja Católica, e esta é liderada pelo Papa, e segue os ensinamentos dos apóstolos de Cristo. Dentro do cristianismo ainda existem os movimentos protestantes, que nasce com a ruptura com determinadas doutrinas que ocorriam na da Igreja Católica, como a venda de indulgências e a veneração aos santos, além de não aceitarem a autoridade do Papa como figura central na Igreja. Dentro deste movimento houveram subdivisões, e a maior delas foi o Movimento Evangélico. Assim como o cristianismo faz parte do

catolicismo, o Movimento Evangélico faz parte do Protestantismo, mas possui algumas crenças mais bem definidas, em especial no poder da evangelização e da bíblia (MENDONÇA, 2007). Alguns exemplos das subdivisões do protestantismo são o movimento Adventista, anglicano, ou os Luteranos; e do movimento Evangélico são o Pentecostalismo e a Igreja Batista. No censo de 2010 do IBGE, a população que se denominava católica continuava como maioria no país, apesar de confirmar uma diminuição que vem ocorrendo ao longo das últimas duas décadas, passando de 73,6% em 2000 para 64,6% em 2010. Em paralelo, o crescimento da parcela da população que se denomina evangélica vem crescendo, passando de 15,4% em 2000 para 22,2% em 2010. Destes, 60% eram de origem pentecostal.

Nosso terceiro encontro ocorreu no dia 30 de abril de 2019, com a estudante de relações Internacionais (UFPB) Juliana Maciel, e o Pai de Santo Expedito Souza, ambos do Candomblé. Esta expressão religiosa é oriunda das fés africanas, fruto de um sistema dinâmico de forças vitais, o Axé, que permeiam e dão vida à realidade. Como uma forma de procurar proteção e salvação dos homens, estes se inserem em uma compreensão do Divino que abarca a existência de um ser supremo, distante da vida humana e pouco personalizado, e os seres intermediários, ancestrais e forças da natureza. As oferendas não são feitas ao ser supremos, mas a seus intermediários, os Orixás. Assim como as religiões naturais do solo brasileiro, as religiões africanas possuíam um sentido comunitário de união, conectando os antepassados até os descendentes. Com a escravização dos nativos africanos e sua forçosa diáspora aos solos brasileiros, as religiões mudaram e se adaptaram à realidade hostil que enfrentava. Os

terreiros surgem como uma forma de recordar do passado histórico e religioso, produzindo o sincretismo marcante que temos presente até hoje nas religiões brasileira.

Característica das mais marcantes nas religiões africanas em nosso país é o sincretismo, consistindo não apenas na justaposição ou fusão de santos e orixás, mas também na participação dos membros do candomblé na vida da Igreja Católica (...) (REHBEIN, 1985).

Os convidados nos explicaram o processo de entrada na religião, visto que muitas vezes as pessoas não nascem em contato com essas expressões e adentram por outros caminhos, conforme se conhecem espiritualmente e buscam respostas às suas perguntas. Ambos nos explicaram que entraram em contato ao longo da vida, e se interessaram imensamente, fazendo os ritos de passagem e vivenciando as mudanças de pensamento que estar em contato com o Candomblé possibilitou. E neste momento, começamos a ouvir as primeiras declarações de violência e intolerância religiosa. Somente cerca de 0,3% da população se denominava do candomblé ou umbandista em 2010, números muito inferiores à outras expressões religiosas como catolicismo ou protestantismo. Cerca de 5% do total de denúncias de discriminação e intolerância realizadas em 2019 foram realizadas por integrantes do candomblé, no entanto – isso não contabilizando os quase 70% de denúncias que não identificaram suas religiões por medo de retaliação. Ouvimos relatos de agressões verbais, ações utilizadas para atrapalhar os cultos e até o medo de violência física vividos. Porém, outra frequente opressão é sofrida

dentro de casa, com a família que muitas vezes não entende ou aceita a mudança de crenças, afastando de seu convívio.

No dia 11 de junho de 2019, pudemos conversar com Carol, médium de incorporação, e Ernesto Loewenbah Neto, coordenador do Templo Guaracy da Dunas, em João Pessoa, ambos umbandistas. A Umbanda é uma religião monoteísta, e verdadeiramente brasileira. Por meio dessas entrevistas, pudemos aprender um lado a história que nem sempre é contado, o que faz parte da dinâmica já dita anteriormente de apagar e relevar a importância das culturas africanas e indígenas brasileiras ao longo de nossa história. Isso ocorre por que a religião nasce com a *Anunciação*, quando o Caboclo das Sete Encruzilhadas se manifesta em uma mesa espírita à qual o jovem Zélio de Moraes (na época com 17 anos) fora levado devido a um problema de saúde não especificado.

Nessa reunião começaram a se manifestar diversos espíritos de negros escravos e indígenas nos médiuns presentes, e esses espíritos eram convidados a se retirar pelo dirigente da mesa que os julgava (como era e continua sendo comum entre os kardecistas) atrasados espiritual, cultural e moralmente. Foi então que baixou pela primeira vez o Caboclo das Sete Encruzilhadas, proferindo um discurso de defesa das entidades que ali estavam presentes, já que estavam sendo discriminadas pela diferença de cor e classe social (Giumbelli 2002). Os dirigentes da reunião espírita tentaram afastar o próprio Caboclo das Sete Encruzilhadas, quando então este avisou que, se não havia espaço ali para manifestação dos espíritos de negros e índios considerados atrasados, seria fundado por ele mesmo na noite seguinte, na casa de Zélio, um novo culto onde tais entidades

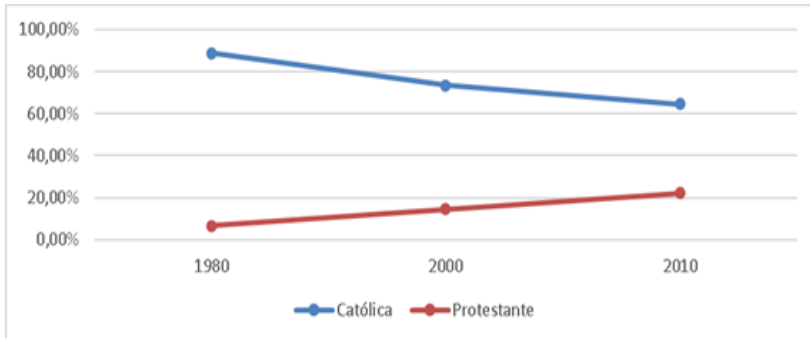
poderiam exercer seus trabalhos espirituais e passar suas mensagens. (ROHDE, 2009. P.04)

Dado os acontecimentos narrados no artigo e no dia da entrevista, tivemos uma discussão sobre como o racismo permeia as religiões, que se apoiam nos dogmas para justificar suas ações. A Umbanda nasce de um ato de racismo da doutrina espírita – o que é justificado por alguns membros, como nosso projeto foi descobrir depois, mas que dizem não prevalecer mais na instituição. Seja de que forma for, a Umbanda já nasce brasileira, onde a prática da caridade seria a característica principal do culto, e esta teria como base o Evangelho Cristão e como mestre Jesus (ROHDE, 2009). Quando perguntamos sobre suas próprias experiências com a religião, e se haviam passado por algo similar, os relatos se avolumavam. Compartilharam histórias de vizinhos que interrompiam rodas e cultos com barulhos, chamando a polícia – que muitas vezes insistiam em encerrar o culto mesmo em horários permitidos – e até impedindo o acontecimento de eventos importantes para a comunidade. Mais especificamente com a convidada Carol, médium de incorporação (uma das pessoas que recebe as entidades nas rodas de Umbanda), pudemos ver relatos relacionados à gênero e raça, pois ela sendo uma mulher negra já havia ouvido expressões caluniosas quanto a sua pessoa, referindo-se de forma pejorativa a sua religião e cor.

O próximo encontro ocorreu no dia 18 de junho de 2019, quando recebemos a Professora Doutora Elia Cia, docente do departamento de Relações Internacionais da UFPB, que veio conversar conosco sobre sua religião, Protestantismo. Atualmente a religião que mais cresce no país, vem paulatinamente substituindo o catolicismo

como a religião predominante no Brasil, e a previsão é que passem em números de fiéis nas próximas décadas.

Gráfico 2 - Comparação entre a porcentagem de fiéis



Fonte: Dados do IBGE 1980, 2000 e 2010

Membro da Igreja Nova Aliança de João Pessoa, a professora nos contou como foi seu processo de conversão – quando a pessoa adentra a religião e seu batismo para a nova vida, e compartilhou conosco suas experiências sobre intolerância na família e por amigos, em especial. Apesar de muitos relatos se centrarem nos protestantes como agressores, também podem ocorrer ações de discriminação contra os mesmos. O mais importante deste relato é o entendimento pelos membros de que não existe um único vilão, e cada circunstância revela um pouco sobre a realidade enfrentada por cada pessoa e por cada experiência.

Nosso encontro final de entrevistas e convidados se deu no dia 02 de julho de 2019, com quatro representantes do Fórum de Diversidade Religiosa da Paraíba, Saulo Gimenez Ferreira Ribeiro, um dos coordenadores do fórum e representante da fé Wicca

Tradicional, Maylton Marques Lourenço, Diácono da Igreja das Comunidades Metropolitanas, Wellida Karla Bezerra Alves, do Centro Islâmico de João Pessoa, e Ivonaldo Correia Dantas, monge Taishin da Comunidade Zen Budista de João Pessoa.

A bruxaria wicca é uma religião neopagã influenciada por crenças pré-cristãs, das comunidades europeias anteriores ao cristianismo. Sua crença reside em um par divino, a Deusa e o Deus.

A Deusa teria dado origem ao Deus e ambos teriam criado o universo e todas as coisas nele – ou seriam o próprio universo, a própria natureza. (...) A Deusa é associada à terra, às águas e à lua. O Deus é associado ao sol e ao céu, algumas vezes aos animais e outras à vegetação. Eles representam princípios opostos, mas complementares. (OSÓRIO, 2004. P.02)

Por ser uma religião ainda muito obscura e associada à símbolos satânicos, é compreensível – porém não justificável - que tenhamos ouvido por parte de Saulo relatos de intolerância, especialmente morando no nordeste do Brasil, onde 72% da população se considerava católica em 2010. Ele nos contou sobre sua experiência no Exército, onde era constantemente rechaçado por ser associado com magia negra e maldades, e era afastado de seus colegas por medo. Muito comum no cotidiano dos que se denominam wiccas, os rituais à luz da lua são comuns, e muitas vezes até mesmo esses simples momentos eram impossibilitados devido à falta de um espaço ecumênico.

Maylton Lourenço nos contou de sua experiência dentro da Igreja das Comunidades Metropolitanas, uma comunidade de pessoas que compartilham do desejo de viver a mensagem de

Jesus de forma inclusiva, um novo formato de seguir a fé cristã. A igreja inclusiva recebe membros da comunidade LGBTQI+ que são excluídos do convívio com outros crentes da fé devido a sua orientação sexual, identidade de gênero ou por qualquer outra razão. Intolerância religiosa nem sempre é o que mais se vê, visto que outras formas de preconceito, como os de raça e em especial a LGBTfobia são comuns, em especial pelas famílias e vizinhos, membros das antigas comunidades.

Wellida Alves participa do Centro Islâmico de João Pessoa, e era muçulmana há alguns anos. Não nascida em uma família muçulmana, ela explica que se aproximou da religião após a filha entrar em contato e se interessar. Por medo de que a filha se convertesse a uma religião tão estranha a ela, nos relatou que passou a frequentar o centro e aprender mais sobre os preceitos do islã, e acabou se afeiçoando com os ensinamentos. Ela se converteu antes da filha, que a seguiu logo depois. Hoje as duas participam da mesquita, e ela atua no Fórum como uma forma de repassar os conhecimentos que aprendeu, desmistificando a religião. A religião muçulmana, ou o Islã, significa seguir os ensinamentos e as profecias de Maomé, o mensageiro final do islã. Os muçulmanos não contestam a existência de outras mensagens profetizadas à humanidade, pois Maomé não foi o único, mas o último de uma sucessão de mensageiros que foram enviados por Deus. Defendem que o Alcorão, revelado e mantido em sua forma original, em árabe, traz a mensagem correta, enquanto outras mensagens profetizadas à humanidade, como os Salmos de Davi ou o Evangelho de Jesus,

podem ter sido alteradas devido às inúmeras traduções a quais foram submetidas. São guiados por cinco pilares, sendo eles: a proclamação de sua fé, que Allah é o único Deus, Maomé é seu mensageiro e não ninguém mais que possa ser adorado; as orações, uma forma de reafirmar sua submissão à Deus, são feitas cinco vezes ao dia; caridade compulsória, que é a obrigação de ajudar os pobres e necessitados; o jejum do Ramadã, que implica na abstenção de comida, bebida e atividades como sexo e jogos do nascer ao pôr-do-sol durante o nono mês do calendário; e a peregrinação à Meca, ao menos uma vez na vida (ARAÚJO, 2019).

Quanto aos atos de intolerância os quais possam ter passado, Wellida nos conta que é frequente ouvir relatos de meninas e mulheres que são assediadas devido ao uso do véu, o hijab, por serem facilmente identificáveis aos olhares. Interrupções de eventos e ameaças também não são incomuns, devido à um medo injustificável que algumas pessoas sentem pela religião, lançando ofensas e afastando de seu convívio os que se convertem. Ela também nos contou, por fim, que havia experienciado uma situação de agressão física em um local público, onde sua filha fora agredida por um homem que lhe tentara puxar o véu, e dada a sua recusa, fora empurrada e teve objetos arremessados em sua direção. Wellida precisou interferir para que a situação não piorasse, e ambas saíram do local sendo ainda caluniadas pelo homem. Essa fora a agressão mais física que nos foi compartilhada entre todas as religiões que tivemos contato.

5.3 MONTAGEM DOS ESQUETES E AS APRESENTAÇÕES

Após quase seis meses de pesquisas, entrevistas, encontros e atividades, pudemos finalmente reunir nossas forças para redigir as ideias de apresentações. Ao longo dos próximos três meses, trabalhamos na escrita dos esquetes – as pequenas peças que juntas formam nosso espetáculo – e nos ensaios. O primeiro esquete proposto foi *Elevador da Fé*. De forma cômica, a história dá vida a um encontro nada convencional de sete personagens, cada um com suas crenças e religiosidades. Por um desvio do destino, todos acabam presos dentro de um elevador após uma discussão, e são levados a conviver até que o elevador seja novamente posto em funcionamento. Por meio desse esquete, tentamos passar uma experiência divertida de como a convivência entre religiões é algo complicado, e muitas vezes é permeada de pequenas relações antagônicas, expressas por intolerâncias veladas. Foi por meio dela que nos propusemos a iniciar o espetáculo, na tentativa de atrair a atenção do público por meio de brincadeiras que pudessem reproduzir uma rotina real que alguém vivesse. Não culpabilizando ninguém, mas mostrando que todos possuem preconceitos velados, o esquete mostra como somos todos humanos, com nossas inseguranças, e devemos nos fortalecer nas coisas que nos unem mais do que nas que nos afastam.

Fotografia 7 - Esquete Elevador da Fé



Fonte: Foto de autoria do Teatro Político (2019)

O segundo esquete elaborado foi *Religiões*. De uma forma mais introdutória, desenvolvemos sete personagens neutros, que não manifestam suas religiões de maneira explícita, mas as proclamam com amor e verdade. Ao final, todos assumem seus símbolos religiosos, mas não se afastam. Se unem como um só grupo, e aceitam suas diferenças. Apesar de bem simples, esse momento é importante por dois motivos. Inicialmente, para que os espectadores reflitam sobre qual religião cada personagem representa. Entretanto, muitas vezes os espectadores não conseguem acertar as religiões, o que ressalta que muitas têm suas bases em comum, e essa similaridade, que deveria ser exaltada, muitas vezes se apaga durante nossa vivência, gerando as opressões. O segundo motivo é possibilitar uma transição neutra para um momento mais violento – o terceiro esquete.

Fotografia 8 - Esquete "Religiões"



Fonte: Foto de autoria do Teatro Político (2019)

O terceiro esquete, *Entre o Céu e a Terra*, foi resultado de uma visão mais realista sobre a violência e a intolerância. Em um momento de adoração, os fiéis são interrompidos por ruídos e xingamentos, até serem fisicamente agredidos por dois personagens, que não aceitam aquela manifestação espiritual. Clamando por uma suposta liberdade, os personagens abusam dos fiéis, destruindo o templo, e violando o altar. Em meio aos clamores dos presentes, que imploram para que não o façam, os opressores destroem a figura divina do altar, a qual solta sua manifestação divina, assustando a todos os presentes. Alguns pontos importantes que foram alocados neste esquete: primeiro, o fato que a religião agredida não existe, ou seja, foi uma manifestação inventada pelo projeto. Isso se deve a necessidade de neutralidade ao se tratar com estas questões. Por nossos convidados e pelas pesquisas levantadas, grande parte das intolerâncias são destinadas às religiões de matrizes africanas ou com maior ligação às histórias negras e indígenas, e são feitas pelos seguidores das duas maiores fés do

Brasil, a católica e a protestante. Porém, existem situações onde o oposto ocorre, ou as religiões com maior número de participantes se sentem lesadas de igual forma. Visto isso, mobilizar uma peça onde o agressor ou os agredidos se identificam com alguma religião seria, de certa forma, assumir um lado, o que poderia gerar represália da plateia ou uma inefetividade na hora das intervenções. Outra questão, a escolha dos agressores. Não queríamos reproduzir estereótipos de gênero e raça, então, os personagens foram interpretados por pessoas diferentes em momentos diferentes, mas sempre pensando em não inserir apenas dois homens negros como agressores, por exemplo, bem como não manter apenas mulheres como agressoras.

Fotografia 9 - Esquete "Entre o Céu e a Terra"



Fonte: Foto de autoria do Teatro Político (2019)

No dia 19 de setembro de 2019 foram realizadas as apresentações internas, na Universidade Federal da Paraíba. Em duas sessões, uma pela tarde e outra pela noite, apresentamos os esquetes. Os esquetes foram muito elogiados pelo público, de maioria acadêmico. Foram

feitos comentários acerca da ordem de apresentação, e um importante fato foi lembrado: a utilização do número *disque 100* durante as falas ou após o encerramento, como uma forma de fornecer uma solução para alguma situação. Informar o público sobre as formas de combater a intolerância também é uma forma de conscientizá-lo. Com as remodelagens necessárias, os esquetes foram alterados, e as necessidades cumpridas. A universidade entrou de recesso, permitindo um intervalo para descanso e tempo para o ensaio das mudanças.

No dia 31 de outubro de 2019, o espetáculo *Intolerância Religiosa*, foi apresentado no evento *Direitos humanos e Diversidade Religiosa no Brasil*. Sediado na UFPB, o evento contou com a participação de diversos alunos dos mais variados cursos e a presença de figuras das diversas religiões. Dessa maneira, o Teatro viu uma oportunidade de uma nova apresentação dentro da Universidade, mas com um público maior e mais diversos.

Fotografia 10 - Esquete “Elevador da Fé”



Fonte: Foto de autoria do Teatro Político (2019)

Outro encontro para apresentação ocorreu no dia 20 de novembro de 2019, no evento sediado na UFPB sobre *Consciência Negra e as Políticas Públicas adotadas na UFPB*. Por convite do evento, nos apresentamos e pudemos discutir como nosso projeto está intrinsicamente ligado com as políticas públicas adotadas dentro da Universidade, e que nosso papel de conscientização e de ser um espaço para a sociedade discutir é de essencial importância para motivar o diálogo na instituição. Ademais, também pudemos empreender um papel no evento de estabelecer a conexão entre o racismo e a intolerância, como muito já foi citado, refletindo sobre como as vidas negras são afetadas por tantos vieses, inclusive este.

No dia 25 de novembro de 2019 foi realizada mais uma apresentação, pela primeira vez fora da UFPB, no Centro de Formação de Educadores, em Mangabeira, bairro de João Pessoa (PB). A apresentação foi realizada para os alunos do ensino médio da Escola João Goulart que participavam de um grupo de teatro e mostraram-se interessados nas atividades realizadas pelo Projeto de Extensão da UFPB. Os alunos vinham de famílias de maioria cristã, entre evangélicos e católicos. Muitos dos alunos relataram terem vivido algumas situações de intolerância, seja vendo seus familiares passando por algo ou uma situação que os tenha acontecido. Um importante detalhe que foi notado pelo projeto foi o largo interesse do grupo de entender mais sobre algumas das religiões, visto que poucas vezes possuíam contato com elas. A curiosidade foi um impulsionador da discussão, permitindo que os jovens buscassem participar da roda de discussão com mais liberdade. A religião Wicca foi uma das mais perguntadas, visto que era a

expressão mais diferente e *mística*. Ademais, outro ponto que vale a pena ser salientado deste momento foi o interesse dos jovens no Projeto de Extensão, o que mostra que existe a abertura para o desenvolvimento de projetos de Teatro na comunidade, que envolva os jovens em atividades de aprendizado além do lazer.

Fotografia 11 - Roda de Discussão na Escola João Goulart



Fonte: Foto de autoria do Teatro Político (2019)

No dia 26 de novembro às 14 horas foi realizada a exibição do espetáculo na Escola José Lins do Rêgo para os alunos do primeiro ano do ensino médio. O espetáculo foi recebido de forma positiva, uma vez que os sentimentos que as esquetes desejavam transmitir conseguiram chegar até os jovens do momento cômico ao momento de impacto, o que fez também com que muitos se identificassem com cada personagem, mesmo não reconhecendo ou não sendo da mesma religião. Nosso objetivo de mostrar aos alunos como as religiões possuem particularidades e elementos em comum e devem

ser respeitadas independentemente de qualquer coisa foi atendido de forma exemplar. Alguns jovens contaram sobre experiências próprias com a intolerância religiosa, vivenciadas especialmente em casa, no meio familiar, ou na escola, onde passavam grande parte de seu tempo, o que demonstra a necessidade de temas como esse serem debatidos.

Fotografia 12 - Pós-peça na Escola José Lins do Rêgo



Fonte: Foto de autoria do Teatro Político (2019)

Por fim, a última apresentação do ano ocorreu no dia 29 de novembro de 2019, às 14 horas na Companhia Brasileira de Trens Urbanos (CBTU) para seus funcionários. A plateia se mostrou bastante participativa, e no primeiro momento as principais dúvidas eram em relação à religião de cada personagem e o porquê de elas terem sido escolhidas no meio de tantas. Muitos se relacionaram diretamente

com um ou dois personagens, com as vivências e suas crenças, mesmo que na realidade não fossem seguidores de nenhuma fé. Isso nos mostrou que muitos dos sentimentos compartilhados pelas religiosidades são sentimentos comuns às vivências humanas, como amor e família. Apesar dos sentimentos bonitos que a fé pode trazer, muito da discussão se fez no debate sobre intolerâncias, visto que muitos haviam passado por situações bastante aborrecedoras ao longo da vida. Um dos relatos que marcou nossa visita foi a de um homem que nasceu em uma família de maioria de seguidores de fés africanas, mas decidiu se converter ao evangelismo, e sofreu forte preconceito da família, em especial dos pais. Isso confirmou nossa especulação sobre a montagem dos esquetes, em especial a última, de não assumirmos lados e manter a apresentação de forma neutra. Cada experiência é uma experiência, e generalizar poderia nos afastar de nosso público alvo.

Espetáculo “Intolerância Religiosa”: roteiros iniciais

6.1 ELEVADOR DA FÉ

“Elevador da fé”

Personagens

1. MEDIADOR + VOZ NO ELEVADOR (OCULTO)
2. MUÇULMANA
3. WICCA
4. ESPÍRITA
5. CATÓLICO
6. EVANGÉLICO
7. ATEU
8. UMBANDISTA

Cena

Todos falando ao mesmo tempo exasperados por detrás da coxia.

MEDIADOR

– GENTE, POR FAVOR, POR FAVOR, VAMOS NOS ACALMAR, POR FAVOOOOR!

MUÇULMANA

– (*irritada*) Eu não vim aqui pra ser ofendida desta maneira!

WICCA

– (*irônico*) Pelo menos não tem ninguém aqui com medo de ser transformado em sapo por você!

UMBANDISTA

– (*irritada*) Ou achando que você coloca o nome das pessoas na boca do sapo!

ESPÍRITA

– (*exaltada*) Se alguém mais falar da brincadeira do copo comigo eu juro que quebro o copo na cabeça de alguém!

ATEU

– (*rindo ironicamente*) Só porque eu não acredito nas mesmas coisas que vocês, também não é motivo de serem tão grossos.

CATÓLICO

– (*exasperado*) Você não acredita em nada!

EVANGÉLICO

– (*entediado*) Ai que provação senhor... Pra mim, já passou da hora de irmos embora!

MEDIADOR

– (*solta suspiro de cansaço*) Tudo bem. Declaro encerrado este Congresso de Discussão e União Religiosa da Paraíba. Todos podem ir para casa!

CATÓLICO

– (*provocando*) Só apontar a saída de Sodoma e Gomorra, por favor, que eu saio e nunca mais olho pra trás!

MEDIADOR

– Logo depois do corredor, o ELEVADOR está à espera de vocês!

Os personagens vão saindo detrás da coxia aos poucos, e parando em frente ao ELEVADOR. Andam todos com expressões esnobes, por nenhum se gostar. Vão entrando olhando uns aos outros com ironia e irritação. Se posicionam próximos, já que a cena é em um elevador. O ATEU pede para segurar a porta do ELEVADOR.

Silêncio por alguns segundos. Personagens começam a se sacudir, o ELEVADOR dá um tronco e para. Todos olham para a MUÇULMANA, seguido da bolsa dela. Afastam-se um pouco.

MUÇULMANA

– (*exasperada*) Tão olhando o que? Agora pronto! Tudo que dá errado em prédio culpam a pessoa de véu. Não, porque isso, porque aquilo... me poupem, viu?! Isso aqui é Prada!

ATEU

– Calma moça, não é isso não. Deve ser algum problema da estrutura, o prédio é velho, elevadores antigos dão nisto. Ninguém acredita que é culpa sua não.

CATÓLICO

– Até porque de *não acreditar* o senhor entende, não é? (*risada irônica, fala cutucando a UMBANDISTA. UMBANDISTA dá um sorriso sem graça, depois se vira e revira os olhos. CATÓLICO olha para o relógio*) Será que vai demorar muito? Era só o que faltava, viu? Eu tenho outro compromisso, eu não posso me atrasar! (*fala com impaciência*)

WICCA

– (*irônico*) Não deve ser tão importante assim! (Fala colocando o braço no ombro do CATÓLICO, *que olha confuso*) Não, porque se fosse importante tinham feito um feriado, né? (*fala em tom de brincadeira, dá uma risada*)

CATÓLICO

– (*risada irônica*) Engraçadinho. (*se afasta rudemente do WICCA*)

Ficam em silêncio por um tempo. Todos escutam barulho e começam a fazer caretas como se sentissem um mal cheiro.

EVANGÉLICO (*abanando com a mão*) Que fedor é esse?? Não é possível? Senhor, será isso mais uma provação divina, me dizzzz Senhor?

UMBANDISTA

– Olhe meu querido, de divino esse fedor não tem nada (*vira-se para o ateu, indignada*) Tu achas que alguém pediu uma defumação, foi? Está podre!

ATEU

– (*envergonhado*) Desculpa! Sou meio claustrofóbico, não me sinto muito bem em ambientes fechados e apertados. Estou um pouco nervoso.

ESPÍRITA

– A quanto tempo tu tá com esse obsessão hein? (*faz uma careta e sacode as mãos*) Tá difícil pra todos. Só um milagre para curar esse seu estômago aí, viu.

Todos ficam tentando não sentir o fedor. ATEU começa a piorar, e abaixa a cabeça por um tempo, depois levanta. EVANGÉLICO fica no canto, de olhos fechados, orando. MUÇULMANA usa o véu para tapar o nariz.

ESPÍRITA

– (*revirando os olhos com desconforto*) Vai ficar tudo bem, amigo. Daqui a pouco estão consertando o elevador.

ATEU

– (*passando mal, fala irritado*) E quem te disse isso? Chico Xavier?!

ESPÍRITA

– *(sensação de ego ferido)* Olha só, só estou tentando ajudar! Se não quiser, fala aí pro bruxo fazer uma magia, e pronto!

WICCA

– *(irônico)* Não, eu vou fazer sim, deixa eu tirar aqui o ingrediente especial *(enfia a mão no bolso e de lá tira o dedo do meio estirado)* Bibbidi-bobbidi-boo, tá aí tua magia. *(ESPÍRITA e WICCA se encaram)*

EVANGÉLICO

– *(exasperado)* Poxa abençoado, não faça isso. Que desrespeito com teus irmãos. Já dizia Deus: Amai-vos uns aos outros como eu vos ame!

ATEU

– Pois se o que eu to sentindo é amor de Deus, não gostei não. Não tô bem.

MUÇULMANA

– *(estressada)* Aí menos, por favor! Aqui já é pequeno, e vocês fazendo tumulto não ajuda. *(Se volta pro ATEU)* Calma, Alá é grande, ele já, já vai tirar a gente daqui.

ELEVADOR *balança mais uma vez, e cala a discussão. Uma voz ecoa no ELEVADOR.*

VOZ

– *Atenção! Aqui é da Emergência, e já estamos trabalhando para tirar vocês todos em segurança...*

MUÇULMANA

– Está vendo?! Já vai se resolver, confia.

VOZ

– ...*aguardem mais algum tempo para que possamos terminar o procedimento padrão.*

ATEU

– *(em pânico)* Procedimento padrão? PROCEDIMENTO PADRÃO?! Eu to passando mal, tô tendo uma crise, sou claustrofóbico, não posso ficar em lugares fechados, ainda mais por todo esse tempo! *(começa a empurrar todo mundo, meio que querendo andar em círculos)*

UMBANDISTA

– Você fazer isso não adianta nada. Senta aí *(mexe na bolsa, procurando)*

CATÓLICO

– *(vira-se para o EVANGÉLICO, fala sussurrando)* Só me faltava essa, vai puxar umas ervas agora.

EVANGÉLICO

– *(sussurrando)* está repreendido! Eu não sei não, viu. Mas não vai ser essas folhinhas que vão ajudar esse rapaz não.

UMBANDISTA

– *(tirando uma garrafa da bolsa)* Que ervas o que! É chá de camomila! Me poupem vi...

ATEU agarra a garrafa e bebe fazendo um longo barulho.

EVANGÉLICO

– *(toca no ombro do ATEU)* Calma irmão...

ATEU

– Eu não sou seu irmão...

EVANGÉLICO

– ... Deus sabe de todas as coisas...

ATEU

– ... não acredito em deus...

EVANGÉLICO

– ...ele logo nos tirará daqui

ATEU

– Deus é mecânico?

EVANGÉLICO

– *(voz exaltada)* ...como tirou DANIEL DA COVA DOS LEÕES, pois Ele nos protege e nos guarda com seus anjos. *(Fala concentrado, pegando na mão do ATEU)* Afasta todo espírito de mal estar, todo pensamento ruim. Expulsa desse irmão que o mal da claustrofobia, do aperto na alma...

ATEU

– *(nervoso)* Moça, com todo respeito, eu não acredito nessas coisas não, e o aperto é no espaço mesmo. A senhora aqui

perto tá me deixando pior, não to muito bem (*começa a desvanecer aos poucos, caindo no colo do CATÓLICO*).

Confusão se instaura no ELEVADOR mais uma vez

CATÓLICO

– (*derruba sua bolsa*) Valei-me minha Nossa Senhora!
Alguém faz alguma coisa! Peguem água pra ele!

EVANGÉLICO

– Coitado, um homem que nada acredita também não tem ninguém a recorrer nessas horas.

UMBANDISTA

– (*descrente*) Tu vais pregar essa hora?! Nesta situação?!
Sério isso?! Virou elevador da fé?!

MUÇULMANA

– (*agarra a bolsa que o CATÓLICO deixou cair*) Aqui! (*Mexe na bolsa, pega uma garrafa*) Dá essa água aqui pra ele!

ESPÍRITA pega a garrafa e tenta abrir, tremendo. Coloca na boca do ATEU.

CATÓLICO

– (*Desespero*) DE ONDE VOCÊ PEGOU ISSO?!

MUÇULMANA

– (*ergue a mochila*) Da sua bolsa!

CATÓLICO

– ISSO É ÁGUA BENTA! AFASTA DAQUI!

ESPÍRITA puxa a garrafa para longe do ATEU

CATÓLICO

– Alguém vai me ajudar?! Você! (*entrega o ATEU desmaiado nos braços da UMBANDISTA, e puxa a garrafa de água benta*)
Faz alguma coisa!

UMBANDISTA

– EU?! Eu não tenho o que fazer não. Segura você! (*joga o ATEU nos braços da MUÇULMANA. Ela se assusta e joga a bolsa longe*)

MUÇULMANA

– Aiii, eu não. Não, Alá me dá força, mas não é para segurar corpo nenhum não (*joga pro ESPÍRITA*)

ESPÍRITA

– (*segura o ATEU, se assustando*) Ué, mas o que EU posso fazer?

CATÓLICO

– (*exasperado*) Não é você que fala com morto?!

WICCA, UMBANDISTA, EVANGÉLICO

– (*assustados*) Ele tá morto?! (*cada um faz um gesto de comunicação com o mundo espiritual*)

MUÇULMANA

– Parem com isso! Ele não está morto, só desmaiou!

ESPÍRITA

– E eu não sou médium! Mesmo se ele estivesse, eu ainda assim não ia ter o que fazer. E você?! (*empurra o ATEU para o WICCA*) Você lá pode ter medo de morto?! Não mexe com essas coisas?!

WICCA

– (*aflito*) eu sou bruxo, não sou coveiro! (*ele tenta segurar o ATEU, que se sacode e quase cai. Se vira para a UMBANDISTA*) ei você, não tem nenhuma erva pra ajudar ele, não?

MUÇULMANA

– Xi... não sei se erva vai ajudar não. Dependendo do que for, é capaz de ele ir para outra dimensão (*faz sinal de alguém fumando algo*)

UMBANDISTA

– (*exasperada*) Ai ai ai, me poupe viu! (*sacode um pouco o ATEU, tentando acordá-lo*) Levante, meu filho! Isso lá é hora, é?!

O EVANGÉLICO começa a bater um dos pés no chão com força, olhando para baixo. Todos olham para ele, meio surpresos.

WICCA

– Pronto! Era o que faltava! Esse elevador não cabe mais nenhuma manifestação espiritual não!

EVANGÉLICO

– *(reparando nos olhares)* Que manifestação o que, irmão? Esse doido fez foi cuspir no meu sapato quando apagou! *(aponta para o ATEU desmaiado)* Que nojo!

ATEU

– *(balbuciando)* Eu acho que vejo a luz...

ESPÍRITA

– *(estressado)* Pois ora! Era só o que ME faltava, é o que eu digo. Não vai ser o *ateu* que vai ver luz nenhuma aqui hoje! *(dá três tapinhas no rosto do ATEU)* Levante!

EVANGÉLICO

– Levante, irmão! Levante como fez Lázaro, e saia dessa caverna sombria!

UMBANDISTA

– Segure, irmão! *(empurra o ATEU para o EVANGÉLICO)*

EVANGÉLICO

– *(segurando com confusão o ATEU)* Misericórdia senhor!

CATÓLICO

– *(rezando)* Senhor, ajude essa alma aqui hoje, e ele há de dar ao Senhor...

ATEU se levanta em um pulo, respirando fundo.

ATEU

– (*rindo de nervoso*) Não! Promessa no meu nome não! Eu morro, mas não morro com dívida nenhuma, com ninguém. Já basta o SPC.

CATÓLICO/ EVANGÉLICO

– (*em conjunto*) Graças a Deus!

ATEU

– (*revirando os olhos*) Graças a eu!

ESPÍRITA

– (*exasperada*) Graças a você mesmo! Quase passamos para próxima vida de susto por sua causa.

MUÇULMANA

– Tá se sentindo melhor? Se afastem pessoal, deem espaço para ele respirar!

WICCA

– Quer sentar um pouco, tá com a perna fraca?

ATEU

– Eu to melhor...

Todos suspiram aliviados. As pessoas se olham. Alguns sorrisos aparecem.

MUÇULMANA

– Ai, só precisa essa porta abrir agora...

UMBANDISTA

– Pois é, eu poderia estar no fogão da minha casa fazendo um bolo delicioso que eu vi outro dia na Ana Maria, mas não, ainda estou aqui.

CATÓLICO

– Bolo da Ana Maria?!

UMBANDISTA

– É, ué. É gostoso demais.

EVANGÉLICO

– Eu pego um monte de receitas delas para fazer em casa, minha igreja adoro A mulher abençoada.

WICCA

– Eu já desisti, queimo tudo. Só acendo vela hoje em dia, nada de fogão.

MUÇULMANA

– Ih, te entendo! (*sorri para WICCA*) Meu marido que cozinha lá em casa, eu sou péssima!

ESPÍRITA

– Todo esse falatório está me deixando é com fome! Não fizeram nem um *coffee break* nesse congresso! (*todos riem*)

ELEVADOR mexe e recomeça a andar. Todos emitem som de alívio.

VOZ

– *A equipe de segurança agradece sua espera, o elevador já está em funcionamento!*

ATEU

– *Graças a Deus! (Todos olham com surpresa para ele) O quê? (pergunta confuso)*

Saem do elevador, em direção a coxia para sair de cena

FIM

6.2 RELIGIÕES

"RELIGIÕES"

Personagens

Sete (07) pessoas, correspondentes à um tipo de religião ou doutrina.

1. MUÇULMANO
2. CATÓLICO
3. UMBANDISTA
4. CANDOMBLECISTA
5. EVANGÉLICO
6. WICCA
7. ESPÍRITA

Cenário

1. Luzes na plateia apagadas, somente as luzes do palco acesas. Sete (07) caixinhas dispostas uma do lado da outra.

Figurino

1. Camisa preta, calça preta, pés descalços.

Cena I

As setes pessoas saem do fundo da rotunda e se posicionam diante de uma caixa. As caixas podem já estar pré posicionadas ou os atores as levam e posicionam.

MUÇULMANO

– Eu acredito em um único Deus, onipotente, onipresente e misericordioso. Acredito em Seus anjos, na oração, no livro sagrado e nos profetas. Eu acredito na unidade, na humildade, no perdão, na justiça social e no amor fraterno. Acredito que ele sabe o caminho que devo seguir para a minha felicidade.

CATÓLICO

– Eu acredito em um Deus pai todo poderoso, criador do céu e da terra, em seu único filho e no Espírito Santo. Eu acredito no amor ao próximo e que pagamos pelos nossos atos, creio em levar uma vida de virtude, pregando pela paz, unidade, amor e respeito. Creio em dar a outra face e utilizar o exemplo do filho de Deus e sua mãe como um ensinamento a ser seguido.

UMBANDISTA

– Eu acredito em um único Deus e nas formas em como ele se manifesta através da natureza. Acredito nos orixás, e nas entidades que nos guiam. Acredito que nossa alma é imortal, que nossos antepassados olham por nós, e que a cada nova vida nós evoluímos mais e mais. Acredito que a justiça divina atua na minha vida, me encaminhando para a felicidade.

EVANGÉLICO

– Eu acredito e adoro o senhor Deus, na minha salvação pela sua graça, obra divina do Espírito Santo. Acredito na autoridade das sagradas Escrituras e sigo seus ensinamentos, é o que guia a minha vida. Acredito na perfeita justiça de Deus vinda da fé em Cristo, pois sua vida sem pecado nos reconcilia com o Deus Pai.

CANDOMBLÉ

– Acredito em um ser supremo e único que criou o mundo, e nas suas diferentes manifestações, os Orixás, a quem homenageio com oferendas animais, vegetais e minerais, e com minha dança e cânticos que também refletem as origens africanas da minha fé. Acredito na imortalidade da minha alma, e sei que ao nascer meus Orixás me escolheram direitinho.

WICCA

– Eu acredito em um Deus feminino que representa a fertilidade e o cuidado, e em um Deus masculino que morre e renasce como as estações do ano. Acredito na importância de valorizar a natureza, pois faço parte dela

e posso através disso praticar rituais de gratidão que me permitem a crença na existência de mundos paralelos e de poder sobrenatural. Acredito na reencarnação, uma vez que compreendo que todas as ações humanas voltam ainda mais intensas para quem as praticou e por isso defendo que sempre devemos pregar o amor e a alegria.

ESPÍRITA

– Sigo uma doutrina que acredita na existência e unicidade de Deus, que criou o universo e todos os seres racionais e irracionais que o habitam. Jesus Cristo para mim é um guia, o espírito mais evoluído, modelo para toda a humanidade, e sei que o que faço têm consequência e retorna para mim. Acredito que é pela caridade e o constante aprendizado que encontramos a salvação, pois nosso espírito nunca morre, reencarna.

Cena II

Depois de todos terem falado, todos ao mesmo tempo se direcionam para as caixinhas em sua frente. Falam como se sentem quando praticam sua fé e pegam o objeto que faz alusão à sua religião e o incorporam à sua roupa.

MUÇULMANO

– Ao praticar minha fé, coloco tudo mundano para trás, sinto minha alma e coração purificados, me sinto alegre, amado e acolhido. Me sinto melhor.

CATÓLICO

– Sou imensamente feliz, só tenho a agradecer por Ele não me deixar caminhar só. Sinto minha alma e coração mais calmos, me sinto mais leve. Me sinto muito abençoado.

UMBANDISTA

– Eu sinto uma vibração maravilhosa, um orgulho tão grande! É uma energia por dentro inexplicável, muita gratidão, leveza, acolhimento e amor. Me sinto protegida.

EVANGÉLICO

– Amo louvar a Deus, sinto a presença Dele, o Espírito Santo. Me sinto confiante e abençoada, sinto que ele cuida de mim, e de todos nós!

CANDOMBLÉ

– Ogunhê meu pai! Me sinto tão bem, sinto que encontrei meu lugar adorando os Orixás!

WICCA

– Sinto uma energia cada vez mais positiva dentro de mim e me vejo livre para fazer o que desejar sem que mal nenhum afete o outro.

ESPÍRITA

– Cada vez mais desejo ser uma pessoa melhor, porque sinto o amor de Deus sob mim e todas as coisas. Sei que pela caridade meu espírito se revigora e evolui, sinto uma paz no coração.

Assim que todos acabarem, ficam posicionados da mesma forma que estavam antes, olham uns para os outros e para a plateia, e falam as saudações de suas respectivas religiões.

MUÇULMANO

– Allahu Akbar. Alá é Grande.

CATÓLICO

– Amém. Que Deus te abençoe.

UMBANDISTA

– Saravá meus irmãos! Axé e boa semana.

EVANGÉLICO

– Amém. A paz do Senhor

CANDOMBLÉ

– Muito Axé!

WICCA

– Blessed Be. Abençoado seja.

ESPÍRITA

– Que assim seja.

Todos dão as mãos e saem

FIM

6.3 ENTRE O CÉU E A TERRA

Entre O Céu E A Terra

Personagens

1. CELEBRATÁRIA - Vestida com trajes característicos da religião. Roupas podem ser brancas ou azuis. Comanda a cerimônia religiosa. Possui adorno que indica sua posição como pessoa que comanda a cerimônia.
2. RELIGIOSA - Mulher, vestida com roupas claras. Age com convicção e fé em relação ao momento religioso, pois é praticante a mais tempo.
3. CURIOSO - Personagem que age com curiosidade em relação ao momento religioso, já que é sua primeira vez na celebração.
4. AGRESSOR
5. AGRESSORA

Cenário

1. Luzes apagadas, só o palco acesso (se possível). Um pequeno altar logo no meio do palco, cercado por adornos singelos, montado em cima de uma mesa. No meio do altar, um balão apoiado da cor branca.

Cena

A CELEBRATÁRIA entra em cena, e começa a montar o altar. Se posiciona ajoelhada para o altar, de costas para o público. No público, os AGRESSORES já estão posicionados com seus

respectivos objetos de cena. Localizam-se sentados na beira do corredor, um de cada lado.

CELEBRATÁRIA entra e começa a mexer no altar com carinho. Alguns segundos depois, RELIGIOSA entra e a cumprimenta.

RELIGIOSA

– *(feliz)* Bom dia! Tudo certo pra cerimônia de hoje? Está precisando de alguma ajuda?

CELEBRATÁRIA

– Bom dia, querida! Não, está tudo certo para hoje.

RELIGIOSA

– Espero que você não se importe, mas convidei um amigo para essa cerimônia de hoje. Acho que ele vai gostar.

CELEBRATÁRIA

– Sem problemas! Isso é ótimo.

CURIOSO entra com um ar de desconfiança, olhando ao redor. RELIGIOSA o reconhece e sorri.

RELIGIOSA

– Ali, ele acabou de chegar. *(Anda em direção ao amigo, e sorri)* Fico muito feliz que você conseguiu vir hoje!

CURIOSO (aparecendo da rotunda com um pouco de receio. Ele olha ao redor)

– Ah, mas eu sempre quis entender um pouco mais do que vocês fazem aqui.

RELIGIOSA

– *(sorrindo)* Estamos começando a cerimônia. Pode ficar à vontade.

Param no meio do palco, alguns passos distantes da CELEBRATÁRIA.

CURIOSO

– Eu já cheguei a visitar um outro centro desses, sabe... Era mais, não sei, mais claro.

RELIGIOSA

– *(Sorrindo)* É que cada centro tem sua maneira de realizar suas atividades. Religião é particular de cada pessoa... por isso que vai mudando de centro para centro, sabe? *(Aponta para o altar)* O nosso altar, por exemplo. Não vai ter outro igual no mundo.

CURIOSO

– E aquilo é uma das *Relíquias*, não é?

RELIGIOSA

– É sim. É uma representação física do nosso profeta e salvador.

CELEBRATÁRIA começa a falar algumas coisas mais alto.

CELEBRATÁRIA

– Deus, reinante dos ares, nos presenteie com a sua presença!

RELIGIOSA puxa *CURIOSO* pelo braço e se sentam. *AGRESSORES*, ao notarem que a cerimônia está prestes a começar, começam a ficar inquietos e se levantam em meio ao público. Ficam olhando com cara de curiosidade, como quem quer entender o que está acontecendo.

CELEBRATÁRIA faz um gesto com as mãos. *RELIGIOSA* repete. *CURIOSO* segue.

CURIOSO

– (pergunta meio alto, com curiosidade) O que significa isso?

RELIGIOSA

– (sussurrando) É o início da celebração. Já vai começar.

CELEBRATÁRIA fala alguma frase mais alto, fazendo uma reverência.

CELEBRATÁRIA

– Tu, os céus, o vento e os teus seguidores em equilíbrio somos harmonia.

RELIGIOSA segue. *CURIOSO* acompanha em seguida.

CURIOSO

– (Sussurrando) Aqui é muito bonito, obrigado por ter me convidado.

RELIGIOSA

– (Sussurrando) Eu me sinto completa aqui, é um prazer ter um amigo do meu lado.

AGRESSORES levantam-se e dialogam entre si.

AGRESSOR

– É impressão minha ou mais uma vez vai começar aquele tumulto que esse povo sempre faz?

AGRESSORA

– Não é possível, né? Porque eu achei que semana passada a gente já tinha deixado bem claro pra eles.

AGRESSOR

– Pelo visto são burros e não entenderam. Acho que vamos ter que mostrar de novo...

AGRESSORES levantam-se e começam a fazer barulho. AGRESSOR pega o balde e começa a bater, e AGRESSORA pega a colher de pau e começa a bater nos cadernos. Ambos tentam atrapalhar a cerimônia.

RELIGIOSA

– *(Irritada)* Ah, de novo não. Será que essas pessoas não se cansam?!

CURIOSO

– *(Incomodado)* Nossa, o que é isso?

RELIGIOSA

– *(Irritada)* É um pessoal que sempre tenta atrapalhar nossas cerimônias. Outro dia pularam aqui, deixaram tudo bagunçado, só saíram por que um dos vizinhos se juntou na confusão e conseguimos expulsar eles.

CURIOSO

– Mas por que eles querem tanto atrapalhar a cerimônia assim?

RELIGIOSA

– (*Irritada*) Por que são uns brutos, não conseguem entender a fé alheia.

CELEBRATÁRIA recita palavras religiosas, dando continuidade ao momento, se mostrando um pouco incomodada com os ruídos.

CELEBRATÁRIA

– Agora realizaremos nossas preces individuais. Por favor, juntem-se a nós para mais um momento em glória com nosso Salvador.

AGRESSORES avançam um pouco mais, irritados.

AGRESSORA

– Mas ainda tão lá? Não é possível!

AGRESSOR

– Lixo só sai se a gente arrastar para fora, não é mesmo?

Da plateia, AGRESSORES dirigem-se ao palco. Caminham de forma raivosa, ameaçadora, autoritária. Invadem a cerimônia.

AGRESSORA

– (*fala com raiva, tom de ordem*) Pode acabar com essa baderna aqui AGORA!

As pessoas na cerimônia se assustam, e olham com irritação para os AGRESSORES. CELEBRATÁRIA se ergue e caminha para ficar cara a cara com os AGRESSORES

CELEBRATÁRIA

– *(irritada)* Mas o que significa isso?!

AGRESSOR

– A gente quer vocês fora! Fora daqui! Lugar de lixo não é na nossa comunidade!

RELIGIOSA

– *(se levantando)* Isso aqui é um espaço sagrado!

AGRESSORA

– Isso aqui é um lixão! Isso aqui é uma comunidade de família, não a porra da sarjeta.

RELIGIOSA

– *(irritada)* Vocês não podem chegar assim, estamos no meio de uma cerimônia!

AGRESSOR

– Cala a boca! Vocês são todos adoradores de lixo *(pega saco com lixo e começa a jogar pelo espaço e nas pessoas que ali estão)*.

CELEBRATÁRIA se coloca na frente de RELIGIOSA, impedindo o caminho.

CELEBRATÁRIA

– *(fala em tom calmo, assertivo e firme, mas não exaltado)*
Vocês estão profanando um ambiente sagrado!

AGRESSORA

– *(irritada)* Não abre a boca pra falar com a gente, sua imunda! *(dirigindo-se a todos)* Adoradores de balões, colecionadores de lixo! *(joga mais lixo)*.

CELEBRATÁRIA

– Pedimos encarecidamente que se retirem.

AGRESSOR

– *(Aponta o dedo para CELEBRATÁRIA e RELIGIOSA)* São pessoas que nem vocês que deixam o mundo como está! Quem tem que sair são vocês!

CELEBRATÁRIA

– Meu senhor *(dirige-se ao AGRESSOR 1)*, estamos aqui no nosso direito de exercer nossa religião...

AGRESSORA

– *(interrompendo a fala da Celebratória)* Religião? Esse nojo?!

CELEBRATÁRIA

– *(Continua falando como se não a ouvisse)* ...Então, mais uma vez, pedimos que se retirem, ou vou chamar a polícia!

AGRESSOR

– Ah, quer chamar a polícia, é?! (*Encara CELEBRATÁRIA*)
ENTÃO CHAMA, CHAMA A POLÍCIA! (*empurra CELEBRATÁRIA,*
que cai de costas). CHAMA A POLÍCIA, SEUS ACUMULADORES
DE LIXO!

Assim que CELEBRATÁRIA cai de costas, RELIGIOSA entra em pânico. Os AGRESSORES se voltam para CURIOSO, que se aproxima com raiva.

CURIOSO

– (*avança tentando impedir*) PAREM COM ISSO!

AGRESSOR

– (*Gritando*) OU ENTÃO O QUE?!

AGRESSOR empurra e agride CURIOSO, em direção à AGRESSORA, que o segura e puxa uma arma branca em direção ao seu pescoço ameaçadoramente. AGRESSOR continua a empurrar CELEBRATÁRIA PARA O CHÃO

AGRESSORA

– Tá querendo dar uma de herói, é? Presta atenção, se vocês não vão sair, a gente vai fazer vocês se arrependerem de terem vindo pra cá, tá ouvindo?!

RELIGIOSA

– (*Pânico*) Deixa-o em paz! Vão embora!

AGRESSOR

– *(Gritando)* Quem tinha que ir embora eram vocês! Agora, vocês vão ver o que é bom! *(Aponta para o altar e grita em direção à RELIGIOSA)* QUEBRA!

RELIGIOSA e CELEBRATÁRIA começam a chorar e implorar para que os AGRESSORES não façam isso.

AGRESSORA

– *(Gritando)* Ele disse pra quebrar! Então quebra, agora! Você quer ver isso aqui ficar muito pior?!

Depois de vários gritos e momentos de discussão, seguidos por um breve momento de silêncio, RELIGIOSA derruba o altar, chorando.

AGRESSOR

– Agora pisa! Quebra! Destrói!

AGRESSORA

– *(Começa a mexer nas peças jogadas do altar, chutando e rindo,)* E todo esse lixo aqui, hein? É nisso que vocês acreditam?

AGRESSOR

– *(fala com deboche)* Só tem ratos e lixo aqui, mesmo *(Aponta para o BALÃO)* Pega isso aí!

RELIGIOSA e CELEBRATÁRIA gritam com mais força, implorando. AGRESSORA joga CURIOSO no chão, que cai de barriga para baixo e fica imóvel. AGRESSORA aponta a arma para CURIOSO.

AGRESSORA

– (*Gritando*) Ele disse pra apanhar, não tá ouvindo, imbecil? Você não tá querendo que a gente quebra a cara do seu amiguinho, né?

RELIGIOSA apanha o balão, chorando, e entrega na mão do AGRESSOR.

AGRESSOR

– (*Apanha o balão*) E isso aqui? É o deus de vocês?

AGRESSORES começam a brincar com o balão.

CELEBRATÁRIA

– PAREM! PAREM, POR FAVOR!!

AGRESSOR

– (*com o balão na mão*) Aqui o que a gente faz com o seu deus.

AGRESSOR explode o balão. Um grande barulho emana do balão, e uma gosma vermelha⁵ cai sobre o AGRESSOR. AGRESSORA faz cara de nojo, tentando não se sujar. AGRESSORES correm para o fundo palco, ainda com nojo da gosma.

Os três personagens que ficam se olham. RELIGIOSA e CELEBRATÁRIA juntam os restos do balão, e se abraçam. CURIOSO os conduz para fora.

FIM

5 Devido a questões de cena, esta gosma vermelha foi substituída por talco para dar o efeito dramático do estouro do balão.

Fome E Os Desafios Em Época De Coronavírus (2020)

Com o fechamento do ciclo das apresentações sobre Intolerância Religiosa (2019), o questionamento sobre qual deveria ser o próximo tema a ser abordado pelo projeto surgiu. De modo que, nas reuniões internas do teatro, iniciaram as discussões e sugestões de temáticas que se ligassem aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e que fossem mais urgentes de serem trabalhadas. Com isso em perspectiva, a professora e coordenadora do projeto Mariana Baccharini propôs a *Fome* como o próximo enfoque do Grupo Teatro Político Interna-só-na-mente, pois além de se encaixar nos pré-requisitos, seria uma forma de interligar à outro projeto do curso de Relações Internacionais, o FOMERI, que será posteriormente apresentado, para integrar mais os alunos e realizar ações em conjunto.

7.1 JUSTIFICATIVA DO TEMA

Para Martín Caparrós (2020) em sua obra *A Fome*, no decorrer da história da humanidade, nada foi mais avassalador e letal como a fome, sendo que atualmente, ela possui uma dimensão que a

deixa ainda mais devastadora, que é o fato de ser evitável. Já tão naturalizada dentro da sociedade, tal problemática parece assolar somente localidades distantes da realidade vivenciada pela elite dos grandes centros urbanos, causando uma despersonalização do tema. Com isso, ao ser discutido, uma dessensibilização que gira em torno da fome passa a ser o foco dos debates.

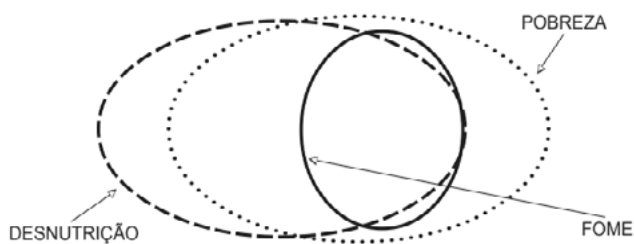
Na mídia internacional, é comum que as notícias sobre os impactos causados pela fome apareçam somente quando existe algum tipo de crise em grande escala, mesmo que os efeitos desta ocorram exclusivamente em situações drásticas. Sendo um fator recorrente e sistêmico enfrentado por milhões de pessoas todos os dias, com mortes cotidianas decorrentes da escassez de comida, o lugar que a fome ocupa no espaço midiático não é de grande destaque (*ibidem*).

As estimativas e condições da fome são conhecidas pelo senso comum da população, apesar de serem ignoradas já que, de acordo com Caparrós (2020), é mais fácil ser familiarizado com alguém que pereceu por algum tipo de mazela do que por alguém que pereceu pela fome. Nessa perspectiva, apesar dos números acerca desse problema serem vistos, o impacto deles dentro da realidade da classe média não ecoa, e por isso um grande desafio para trabalhar a fome é fazer com que a situação passada por milhões de pessoas e a dor que elas sentem sejam sentidas por aqueles que não sofrem com ela.

É importante, também, realizar a diferenciação de terminologias, as quais são utilizadas como sinônimos quando se trabalha com a fome, mas que possuem significados distintos, são elas: pobreza, desnutrição e fome. Segundo Monteiro (2003), a pobreza

pode ser definida como a condição de uma pessoa que não consegue satisfazer suas necessidades humanas básicas, tais quais moradia, vestuário, educação, etc. Já a desnutrição ou deficiências nutricionais são doenças que decorrem do consumo ineficiente de alimentos para obtenção de nutrientes ou com a frequência de um contínuo mau aproveitamento dos alimentos ingeridos. A fome, no entanto, divide opiniões acerca da sua definição, e existe a necessidade da classificação da mesma em duas categorias: a fome aguda e a fome crônica. A primeira, se refere à urgência por alimento, já a segunda, ocorre quando o indivíduo não consegue consumir uma alimentação suficiente para conceder energia necessária para o seu organismo exercer suas atividades diárias. Em perspectiva, apesar dessas palavras se relacionarem entre si, não são equivalentes. Nessa figura, existe uma representação hipotética em uma população sobre como essas três dimensões se relacionam e os seus domínios.

Figura 1 - Representação dos domínios da pobreza, desnutrição e fome em uma população hipotética



Fonte: Monteiro, 2003

No contexto brasileiro, o tema da fome apresenta-se de forma diferente dos países considerados como subdesenvolvidos⁶, uma vez que não apresenta uma escassez de alimento ou de recursos alimentares, de maneira que a fome é decorrente da má distribuição e desigualdade existente no Brasil (BRASIL, 2013). O combate à fome está na agenda política brasileira desde 1946 (BETTO, 2004) e compõem o segundo Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas (ONU). No entanto, os recentes ataques e extinções aos programas que garantem a Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) - a exemplo da extinção do Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA) - demonstram que os brasileiros não possuem segurança alimentar estável, apesar de sermos um país agrícola. As elites agroexportadoras se pautam na constante falácia que a produção de alimentos não é suficiente para todo o globo, fator que contribui para a explicação de como a fome se alastra.

Apesar disso, é possível verificar com facilidade que a produção agrícola brasileira é mais do suficiente: a cada ano o Brasil bate repetidamente seus recordes de produção, sendo a cana de açúcar e a soja os produtos mais lucrativos. A diminuição acentuada no número de famintos aconteceu no período de 2004 a 2014, quando 26.5 milhões de pessoas deixaram a pobreza. Em 2014, o Brasil oficialmente saiu do Mapa da Fome, mas, desde 2016 até o ano passado, a população

6 O termo países subdesenvolvidos foi formulado no pós-segunda guerra mundial e ele se refere a um grupo de países que possuem características semelhantes no que diz respeito à: economia fraca; altas taxas de desemprego; índices de pobreza altos; miséria; questões de infraestrutura ruins; concentração de renda; dependência econômica em relação à outros países, entre outras características (CRUZ, 2020)

brasileira afetada pela insegurança alimentar moderada e aguda aumentou de 37,5 milhões para 43,1 milhões (ELLER, 2019).

A grande questão então é como os alimentos são produzidos e distribuídos (ZIEGLER, *apud* LIMA et al. 2019, p. 7), o que traz à tona a problemática da concentração de terras nas mãos de pouco. Augusto Boal problematiza tal quadro ao relacionar a palavra latifúndio à concentração e domínio que as elites possuem ao explicitar sua posse sobre a *palavra*, o *som* e a *imagem*, valendo-se destes fatores para silenciar aqueles que se levantam em combate às desigualdades sociais (BOAL, 2009). Nesse ângulo, a discussão de Boal dialoga com tema da fome ao entrelaçar a questão da concentração de terras e produção de alimentos com o domínio do pensamento, demonstrando que tais fatores fazem parte do domínio da elite sobre os trabalhadores brasileiros.

7.2 ESTUDANDO FOME

O FOMERI é um grupo de pesquisa que objetiva estudar a fome e questões envolvendo segurança alimentar em diversos segmentos das relações internacionais. Por meio da consulta com o professor coordenador deste projeto, Thiago Lima, e de seus alunos, o Teatro Político criou uma agenda de assuntos pertinentes a serem trabalhados sobre este tema, os quais foram: 1) Nutrição: Superalimentos e a industrialização 2) A fome no Brasil e no nordeste 3) Programas de combate à fome na atualidade 4) A Fome na arte.

Os estudos sobre a temática foram feitos por meio de uma revisão de literatura sobre a fome, assim como a visualização de

documentários, filmes e podcasts, os quais trouxessem essas questões como um assunto central ou de pano de fundo. Dentre estes pode-se citar: Histórias da fome no Brasil (2018); Garapa (2009); O menino que descobriu o vento (2019), etc. Após o estudo individualizado, ocorriam os debates, nos quais levantaram-se os pontos que mais tinham chamado a atenção e que poderiam servir de inspiração para a escritas das peças.

O principal método de aprendizado utilizado para esse período foi a realização de palestras abertas, cinco no total, sendo que uma delas ainda ocorrerá, com convidados com experiência nas áreas temáticas que foram escolhidas previamente. A primeira palestra (10 de junho de 2020), intitulada “Nutrição: Industrialização e Superalimentos” foi com professora Ana Cláudia Vasconcelos, membro do corpo docente de nutrição da Universidade Federal da Paraíba. Nesta, aprendemos sobre como a indústria alimentícia opera como qualquer indústria no sentido de maximizar seus lucros e diminuir seus custos e como isso afeta na forma como nos alimentamos. Tendo em vista que a publicidade e propaganda criam uma ideia de vida saudável e de alimentos saudáveis diferentes da realidade. Ademais, também foram abordadas questões que envolveram gordofobia, obesidade, padrões de beleza, etc.

A segunda palestra (23 de junho de 2020) foi ministrada por Atos Dias, graduado em Relações Internacionais pela Universidade Federal da Paraíba e membro do FOMERI, e teve como tema *A Fome no Brasil e no Nordeste*. No decorrer dela, foram feitas várias exemplificações sobre como este tema é retratado por obras artísticas literárias. A partir disso, foi firmada outra parceria com o Teatro Político

por outro projeto de extensão, o Círculo Petrashevski, um grupo de leitura, o qual se utilizou da temática da fome para fazer a seleção de livros para o restante do ano de 2020.

A terceira palestra (07 de julho) teve como tema *Os Programas de Combate à Fome na Atualidade*, na qual a palestrante Jenifer Santana discorreu sobre a história desses programas governamentais e sua aplicabilidade e eficácia. A quarta palestra (21 de julho) intitulada *Monitoramento e avaliação da Fome na segurança alimentar: Experiências além da academia*, ministrada por João Antônio Lima, Bacharel em Relações Internacionais na UEPB, mestre em Ciências Políticas (UFPE) e Mestre em Gestão e Avaliação do Desenvolvimento (University of Antwerp - Bélgica). Nesta palestra o convidado contou detalhes sobre sua trajetória profissional e os trabalhos desenvolvidos por ele nesse campo.

A quinta palestra que ainda será realizada no dia 6 de agosto e é intitulada *Conexões Intestinas: A gente quer comida, diversão e arte*, a qual debaterá sobre a forma como a arte retrata a fome em suas mais diversas manifestações artísticas, como artes plásticas, filmes, obras literárias e música.

Concomitantemente às palestras, os integrantes do *interna-só-na-mente* debatiam sobre quais dos temas deveriam ser trazidos pelos esquetes formuladas pelo grupo. Então, nas primeiras reuniões organizadas foram lançadas propostas como: obesidade, fome no ambiente rural, fome urbana, anorexia, a forma como o governo lida com o tema etc. A partir disso, os rascunhos iniciais das peças decidiram por optar por uma abordagem social, na qual existe a presença de um personagem chamado de *Dono do Brasil*, cuja

preocupação é apenas com o seu lucro, sendo apático à situação das pessoas que passam fome perto dele, além de ser uma personificação dos vários grupos que comandam o país.

7.3 O TEATRO NO ISOLAMENTO SOCIAL

É importante ressaltar, que todos os processos relatados neste capítulo foram feitos por meios eletrônicos em virtude da pandemia e da necessidade do isolamento social nestes tempos. De modo que, este foi um desafio que o Teatro Político enfrentou e enfrenta, tendo em vista que, como um grupo de teatro, a realização de exercícios e jogos é fundamental para a construção das peças e para a integração do grupo.

Para solucionar isso, foram mantidas as reuniões semanais do grupo para a realização de discussões e debates sobre os encaminhamentos dos esquetes. Além da realização das palestras por meio do *Google Meet* ter dado a possibilidade de termos conversado com um palestrante que reside em Maputo, o João Antônio de Lima, e que não poderia ter sido feita presencialmente.

Além disso, uma forma de continuar chamando a atenção para o projeto de extensão se deu por meio das redes sociais, principalmente o Instagram. Por meio dessa plataforma, postamos curiosidades teatrais e iniciamos um quadro de leitura de peças chamada *Casa (En)Cena*, no qual os participantes do teatro se reúnem pelo *zoom* e encenam pequenas cenas de peças de domínio público.

7.4 MONTAGEM DOS ESQUETES

Seguindo a metodologia tradicional do teatro político, então, foram formulados três esquetes, sendo importante ressaltar, que as mesmas ainda não foram finalizadas e estão sujeitas a modificações. O primeiro esquete, traz em seu primeiro momento uma aposta realizada entre a fome e a morte para ver qual delas levará *mais almas para o reino dos esquecidos*, na qual a ganhadora levará o trono, tal competição será tratada em todos os esquetes até seu clímax no terceiro. Ademais, após esta primeira cena, é apresentado o descaso do *Dono do Supermercado* com as pessoas implorando por comida ao lado de fora da loja.

O segundo esquete tem como plano de fundo um programa de tv chamado *Fale a Verdade ou Morra Mentindo*, que tem como convidado da semana o *Dono do Brasil*, as regras do jogo são muito claras, tem que falar a verdade ou será morto pela mentira que contar. Através disso, a apresentadora e o público fazem uma série de perguntas a ele sobre como ele lida com a problemática da fome, sendo que no final, ao mentir, ele é morto. No último e terceiro esquete, ocorre um diálogo entre a *Morte*, a *Fome* e o *Dono do Brasil*, que demonstra para ele os resultados nefastos das suas atitudes.

Espetáculo “Fome” (Em desenvolvimento)

8.1 A DISPUTA

A Disputa

Personagens

1. DONO DO SUPERMERCADO;
2. FUNCIONÁRIO 1;
3. FUNCIONÁRIO 2;
4. FAMINTO.
5. MORTE
6. FOME

Cena

MORTE

– *Muito boa vida aos que vão morrer*

FOME

– *Muito boa morte aos que estão a viver*

MORTE

– *O mundo por incrível que pareça anda muito divertido*

FOME

– *Claro! nós anunciamos a chegada de um tempo subvertido*

FOME

– *Lacunas abertas e pensamentos no alto*

MORTE

– *Escutem o clamor, o som que range no calor do asfalto*

MORTE

– *É o puro caos e a desordem causados por vocês*

FOME

– *Mas no fim, somos nós quem fazemos a jogada da vez*

E por falar em jogada... (MORTE e FOME falam juntas ao mesmo tempo, como um pensamento instantâneo)

MORTE

– *Vou te mostrar, fome que nisso eu sou bem melhor*

FOME

– *Faremos uma aposta, morte, eu já sei tudo de cor*

MORTE

– *Quem levar mais almas para o reino dos esquecidos... (fome interrompe a morte com vigor)*

FOME

– *Ganhar o trono dos mortos e lá será eternamente enaltecido!!!*

MORTE

– *Trato feito! Seremos honestas e faremos jogo limpo (piscando para a plateia)*

FOME

– *Tudo bem, vamos ver quem irá dominar primeiro esse eterno limbo*

(FOME faz um cochicho inaudível maldoso sobre a morte, e depois ambas apertam as mãos e saem de cena)

FUNCIONÁRIO 2

– Rapaz, eu não estou acreditando. Ontem o DONO DO BRASIL fechou o último restaurante comunitário daqui. Não tem mais comida para sustentar o povo, e também não tem dinheiro sobrando.

FUNCIONÁRIO 1

– Ele começou cortando os auxílios, mandou fechar os bancos de entrega de alimento, até suspendeu as cestas básicas. Ninguém tá aguentando mais essa situação!

FUNCIONÁRIO 2

– O difícil é ver o desespero do povo, me dar uma tristeza no coração, mas agradeço aos céus por ao menos ter conseguido esse emprego.

FUNCIONÁRIO 1

– Ganhando uma mixaria como salário

FUNCIONÁRIO 2

– Ao menos temos isso, imagine se não tivesse nada

FUNCIONÁRIO 1

– Você se contenta com muito pouco, pense além disso.

FUNCIONÁRIO 2

– É justamente esse pouco que me mantém vivo, vou pensar além disso como?

FUNCIONÁRIO 1

– Eita que hoje o dia começou forte, o Dono finalmente decidiu dar as caras por aqui, olha lá.

DONO entra em cena falando alto.

DONO

– Manda sair! Aqui só entra quem pode pagar.

FUNCIONÁRIO 2

– Muito bom dia, o senhor precisa de algo?

DONO

– Vá lá fora e controle aquele povinho que tá fazendo baderna na frente do meu mercado.

FUNCIONÁRIO 1

– Né querendo me intrometer não, mas o senhor bem que poderia baixar os preços né? Nesses dois últimos dias aumentou o valor de tudo, nem um arroz com feijão o povo tá podendo comprar...

DONO

– Você tá do lado de quem? Se eles não têm dinheiro, o problema não é meu. E você vá logo fazer o que te mandei, pare de ficar ouvindo conversa.

Sai FUNCIONÁRIO 2, e entra o FAMINTO.

DONO

– Agora pronto, veio mendigar? Mais um? Pode sair!

FAMINTO: Me desculpe senhor, só gostaria de pedir os produtos que estão perto de vencer, isso não vai te prejudicar não

DONO

– Claro que vai, depois bate um fiscal aqui, fecham meu mercado e meus filhos? A senhora vai pagar a escola deles?

FAMINTO: Eu tenho pouco dinheiro senhor, não tem como pagar esse preço pelos alimentos. A cidade é pequena e não tem muita opção também. Peço pela sua misericórdia, por favor!

DONO

– Se eu baixar, eu não lucro! Tá achando que aqui é fome zero?

FAMINTO: Mas meu último filho, *(fica de joelhos no chão)* ele vai ser levado pela fome. *(segura a camisa do dono)*

DONO

– Tire essa criatura daqui, não aguento mais perder meu tempo. *(dono tira as mãos do faminto que cai no chão com o movimento brusco).*

DONO sai com pisadas fortes no chão

FUNCIONÁRIO 1

– Olha, eu não posso fazer muita coisa, mas...

FAMINTO: Muito obrigado senhor, e agradeço aos céus por você ter aparecido

FUNCIONÁRIO 1

– Eu sei que é mais que difícil a situação

FAMINTO: Só quem ver o verdadeiro rosto da fome sabe e tem medo. Até hoje me lembro do meu pequeno... ele era bem bonitinho, branquinho de cabelo preto, tinha seis anos. Dói, o coração amarra de saudade.

FUNCIONÁRIO 1

– *(ajuda o faminto levantar)* Me espera lá fora que posso arrumar algo pra você e seu filho, não vai ser hoje que ele será levado.

FAMINTO sai e FUNCIONÁRIO 1 vai para a lateral do palco.
DONO entra em cena logo em sequência observando

DONO

– O que você pensa que está fazendo aí? Iria me roubar na cara de pau?!

FUNCIONÁRIO 1

– Eu... é... só quero ajudar. Eles estão passando fome lá fora

DONO

– E você é o incrível Robin Hood. Não se esqueça que caridade não enche bolso, e esse bolso aqui paga o seu salário!

FUNCIONÁRIO 1

– Eu iria pagar por isso, não se preocupe

DONO

– Você pensa que é fácil assim? Eu te dei um emprego, se quiser te demitir, eu posso. É só eu ir ali fora e perguntar quem quer trabalhar aqui e você vai ser trocando fácil assim (*faz movimento com os dedos para completar a ação*), você vai acabar virando mais um deles. Você gosta de falar de fome, fome e fome... não quer ajudar esses miseráveis? Então... (*dono vai andando devagar durante sua fala aumentando a opressão e a força nas palavras gradativamente até chegar bem próximo ao oprimido e segurar pela blusa forte com um movimento brusco*)

Entra FUNCIONÁRIO 2 correndo

FUNCIONÁRIO 2

– Senhor, não tem como controlar o povo lá fora

DONO

– Claro que tem! (ainda segurando o oprimido pela blusa, olha devagar para o outro que entrou em cena)

FUNCIONÁRIO 1

– As pessoas estão necessitadas, elas precisam de ajuda!

DONO

– E quem me ajuda?! Neste país não tem espaço para um cidadão de bem, empresário como eu.

FUNCIONÁRIO 2

– O senhor sabe o que está acontecendo lá fora?

DONO

– Só preciso saber o que está acontecendo aqui dentro! (*Apalpa o próprio bolso, rindo*).

FUNCIONÁRIO 2

– Eu não posso mais fazer nada! As pessoas estão revoltadas!

DONO

– Eu ia usar para meus cachorros, mas der os restos de comida, vai acalmar eles até a polícia chegar, que ao menos me ajuda mais que vocês, inúteis (solta o oprimido com força)

FUNCIONÁRIO 2

– Mas senhor, é que...

DONO

– E se possível, fique de boca calada!

FUNCIONÁRIO 2

– Mas é que não tem como esperar, eles estão saqueando a loja!

DONO

– Ora! E você não avisou logo? Por que não fez nada?! incompetente, tá demitido, os dois!

DONO se encaminha para fora do palco, reclamando.

FUNCIONÁRIO 2

– E agora, o que diabos a gente faz?

FUNCIONÁRIO 1

– Vamos sair pelos fundos, ele que se resolva

FUNCIONÁRIO 2

– Agora eu vou viver como? E a minha família?

FUNCIONÁRIO 1

– Vamos pensar em algo

FUNCIONÁRIO 2

– Quero ver pensar de bucho vazio... Pelo menos conseguir pegar um sacolão, guardei no depósito para caso as coisas ficassem fora de controle

FUNCIONÁRIO 1

– Você é um gênio compadre, mas antes preciso ajudar um senhor.

FIM

8.2 FALE A VERDADE OU MORRA MENTINDO

Fale A Verdade Ou Morra Mentindo

Personagens

1. APRESENTADOR
2. DONO DO BRASIL
3. PLATEIA I
4. PLATEIA II
5. MORTE
6. NARRADOR: MORTE

Cena

Agora todo segundo uma nova vida para levar...

Minha irmã, a Fome anda querendo tomar meu lugar!

*Do frio na alma, ao calafrio que não passa
Eu, a própria morte não consigo levar nada nessa desgraça
Nem aquele mendigo ali, encostado no banco da praça
-
Eu admito, a fome é implacável e hostil
Ainda mais tendo como parceiro, aquele tal de "dono do Brasil"
Os pobres todos os dias clamam pela sobrevivência
Correndo atrás de comida, mostrando resiliência
Dificultando meu trabalho...
(pausa dramática e respiração profunda)
... Olha, eu já estou é perdendo a paciência!!!
Mas um dia eu hei de levar aquele paspalho...
Pra desencargo de consciência.
(falando meio desconfiada olhando para os lados)
Entra em cena a APRESENTADORA, alegre e que não para
de sorrir.*

APRESENTADORA

– Olá! Sejam bem vindos para mais uma edição do FALE A VERDADE OU MORRA MENTINDO! Com nosso ilustre convidado de hoje considerado o representante maior da nação, chamado por seus mais ferrenhos apoiadores de DONO DO BRASIL! Pode entrar!

Entra DONO DO BRASIL, acenando e sorrindo.

MOÇO mostra placa (aplausos)

DONO DO BRASIL

– Muito boa noite, Brasil.

APRESENTADORA

– (*Motivando o público*) Então, vamos repassar as regras mais uma vez? Nossos competidores respondem as perguntas enviadas por todo o Brasil, e devem falar a verdade que realmente acreditam, e somente a verdade! Caso o contrário... VAI MORRER MENTINDO! Nosso ilustre competidor está de acordo?

DONO DO BRASIL

– Tá ok!

APRESENTADORA

– Seus estímulos cerebrais estão sendo computados pelo nosso sensor na câmera que vai alerta se o senhor falar algo que não acredita ser verdade, agora iniciaremos com a primeira pergunta! Como o senhor vê o problema da Fome crescente no Brasil? Nosso país pode dar certo assim?

DONO DO BRASIL

– A questão da fome talvez esteja sendo potencializado até pela questão econômica, mas acredito que o Brasil, não é que vai dar certo, já deu certo.

MOÇO mostra placa (aplausos)

APRESENTADORA

– O senhor continua vivo conosco! Segunda pergunta! Seu governo tem sido alvo de fortes críticas por parte da sua oposição. Que resposta o senhor tem às questões que eles colocam?

DONO DO BRASIL

– Essa turma, se quiser ficar aqui, vai ter que se colocar sob a lei de todos nós. Ou vão para fora ou vão para a cadeia. Não podemos entrar em uma neurose como se fosse o fim do mundo.

APRESENTADORA

– E vamos seguindo! Próxima pergunta! O senhor vem sendo taxado de várias coisas conforme sua oposição se acirra, e isto vem gerando conflitos com os governadores. Como o senhor acha que fica o Brasil nisso tudo?

DONO DO BRASIL

– Tem alguns governadores, no meu entender, posso até estar errado, que estão tomando medidas que vão prejudicar e muito a nossa economia. Aqueles governadores de paraíba...

APRESENTADORA

– *(Interrompe o DONO DO BRASIL)* Muito bem, agora temos uma pergunta do público! Por favor, queira se levantar, querido!

PLATEIA I

– Oi, boa noite. Primeiro, eu queria falar que eu e minha família gostamos muito do senhor, seu DONO DO BRASIL. A gente votou no senhor e tudo, mas... a gente não está feliz, sabe? Fui demitido, a comida tá cara, e a fome lá em casa, apesar do que o senhor fala, não foi embora. Na verdade, ela só aumentou. Tenho medo pelos meus filhos ficarem sem ter o que comer...

DONO DO BRASIL

– (*interrompendo a PLATEIA*) Eu não quero polemizar esse assunto... É só você deixar de comer menos um pouquinho, tá? E outra coisa, precisa de uma política de planejamento familiar, pessoas que tem mais cultura tem menos filho, e daí a comida dá.

PLATEIA II

– (*Se levanta*) É o que? O senhor quer nos dizer que esse é o planejamento? Ele deixar de comer?

DONO DO BRASIL

– Olha só, eu entendo vocês, eu sou povo também. Se eu puder dar um filé mignon pro meu filho, eu dou, tá ok? Mas eu sou assim mesmo. Não tem estratégia.

PLATEIA II

– Você nem sequer sabe sobre a fome

DONO DO BRASIL

– Brasileiros não passam fome, tem manga nas ruas. Vamos parar de mimimi.

PLATEIA II

– A gente quer projetos! olhe o povo passando fome, o nosso país um caos por incompetência sua, você foi posto aí como representante do povo, não está fazendo de favor, é sua obrigação.

APRESENTADORA

– A voz do povo é a voz de Deus

MOÇO mostra placa (aplausos)

PLATEIA I

– Comida tem, mas não podemos sequer pagar por ela, e você vem dizer que tem manga na rua enquanto tem gente morrendo, será que não acredita nisso? nossas terras todas sendo devastadas, olha aí nosso meio ambiente.

DONO DO BRASIL

– Questão ambiental importa aos veganos que comem só vegetais. Você tá vendo muita televisão aberta, e não tá vendo o verdadeiro problema, tá ok?

PLATEIA I

– O verdadeiro problema e todos ficarem calados e sentado escutando essas coisas. O senhor não vai dizer nada para aqueles que estão lá fora sem nem saber a hora da fome

bater na porta. A gente deveria ser levado pela morte e não pela fome.

DONO DO BRASIL

– E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou o DONO DO BRASIL, mas não faço milagre. Essa é uma realidade, vamos ter que enfrentá-la, mas enfrentar como homem, porra, não como um moleque. É a vida. Todos nós iremos morrer um dia.

PLATEIA II

– Vocês só o trazem aqui para ganhar audiência à custa do povo que espera por uma palavra de esperança, deveriam sentir vergonha...

APRESENTADORA

– *(Interrompe PLATEIA)* Obrigada pela participação de vocês, mas teremos que voltar às perguntas. Mas vamos continuar nesse assunto, por enquanto. *(Se dirige ao DONO DO BRASIL)* E às pessoas que passam fome no Brasil, o senhor tem alguma mensagem otimista para elas?

DONO DO BRASIL

– Falar que passa fome no Brasil é uma grande mentira, passa-se mal, não come bem, aí eu concordo. Agora passar fome não, você não vê gente pobre com filhos esqueléticos como a gente vê em outros países pelo mundo. Então, vamos parar de coitadismo.

APRESENTADORA

– Seguimos então para a última pergunta desse bloco! Com a projeção da volta do Brasil ao Mapa da Fome, que ações o senhor pretende tomar para que nosso país não concretize essa previsão?

DONO DO BRASIL

– Nós vamos estar vendo isso aí, tá ok? Essa é uma questão muito importante para o meu governo...

Alarme toca

APRESENTADORA

– E esse foi o nosso ALARME DA MENTIRA! O senhor não falou a verdade que acredita, então, VAI MORRER MENTINDO! Aplausos, pessoal!

MOÇO mostra placa (aplausos)

DONO DO BRASIL

– EU FALEI A VERDADE!

APRESENTADORA

– Creio que nem você acredita nisso

(morte entra em cena e leva DONO DO BRASIL para fora do palco)

DONO DO BRASIL

– ABSURDO! O que? Eu sou o DONO DO BRASIL! VOCÊS NÃO PODEM FAZER ISSO COMIGO

APRESENTADORA

– Mas é claro que podemos! (*DONO DO BRASIL começa a sair de cena, enquanto a apresentadora fala*) Lembrando que nossos participantes assinam um termo de consentimento antes dos programas. Para assistir à execução AO VIVO assine o nosso premier! No próximo bloco, o Ministro da Educação vem nos explicar a diferença entre "S", "SS", "X" e "Z", se ele conseguir! Fique agora com os comerciais!

FIM

8.3 A FOME TE DÁ OS PARABÉNS

A Fome Te Dá Os Parabéns

Personagens

1. DONO DO BRASIL;
2. FOME;
3. MORTE;
4. MULHER;
5. MENINO.

Cena

FOME

– *Não foi justo levar meu melhor aliado*

MORTE

– *Você receber o trono, isso sim seria um pecado*

FOME

– *Você interfere na lei da vida e ainda acha pouco?*

MORTE

– *Aqui só eu quem posso dar o troco*

FOME

– *Não comece, se não quiser levar um soco*

MORTE

– *Está bem, faça-o voltar*

FOME

– *Você não fala sério, só quer me zoar*

MORTE

– *Ele deve admitir que errou ou nada acontecerá*

(FOME parece irritada e sai de cena)

MORTE

– *Nos mortos, quem manda é a morte!*

Hoje estou de bom humor, você está com sorte...

DONO DO BRASIL

– *Nossa, como é escuro aqui! Alguém? Preciso de uma luz!*

Entra MENINO, assustado.

MENINO

– *xiiu!* Não faz barulho aqui!

DONO

– Quem você pensa que é, moleque, para me falar o que fazer?

MENINO

– Não diga que não avisei...

DONO

– *(Mais alto)* Oras! Avisou o que?

MENINO

– *xiiu!* Não faz barulho, ela vai vir!

DONO

– Tá ficando louco? Ela quem?

MENINO

– *xiiu!* Com todo esse barulho, nem meus pensamentos eu escuto! Eu que não fico aqui.

MENINO sai, olhando ao redor com medo.

DONO

– Acho que vim parar em um manicômio, viu? Onde mais teria um moleque louco assim?

Entra a MULHER, receosa.

MULHER

– Vejo que chama de louco, senhor?

DONO

– Este menino que acabou de sair.

MULHER

– Vejo que está enganado, pois ele de louco não tem nada. Sofreu muito para estar aqui hoje, conhece a realidade dos homens melhor que muitos que ainda vivem. Mas e você, quem é?

DONO

– Eu sou o DONO DO BRASIL...

MULHER

– *(interrompendo)* Era.

DONO

– Tenho graduação em politicagem, convenço até a morte de não me levar.

MULHER

– Vejo que se engana, senhor. Onde pensas que está?

DONO

– *(Olha ao redor com nojo)* Isso mesmo eu não sei.

MULHER

– Vejo que sua língua é o teu chicote, e o castigo que tem que pagar é por ela. Não me disse quem tu és, só o que eras.

DONO

– (*Confuso*) Ora, isso eu... eu acho que não sei.

MULHER

– Vejo que não sabes, porque és tão barulhento, e falas tanto?

DONO

– (*Mais alto*) Eu não sou barulhento!

MULHER

– Vejo que o que fala não é o que faz. Já cansei de acreditar em pessoas como você, em suas ilusões e promessas falsas. Você que se entenda com ela, quando ela chegar.

MULHER começa a sair do palco, conforme o DONO DO BRASIL reclama.

DONO

– Vai me deixar sozinho também? Falam como se fossem melhores do que eu, e isso eu tenho certeza que não são. Me diga onde estou!

MULHER e MENINO retornam a cena, pelos cantos:

vozes nos cantos

xiiu, olha o barulho;

vejo que não consegue se calar;

xiii, ela vai te ouvir;

vejo que não escutou;

xiii ela tá chegando;

vejo que ela já chegou

FOME entra em cena, assustando a MULHER e o MENINO.

FOME

– Parece que temos um novo integrante do nosso convívio, hoje nada vai poder me contrariar.

DONO

– *(estende a mão para um aperto)* Se fala de mim, vai depender muito da nossa negociação. No momento estou consolidado com meu partido, sabe, mas dependendo da proposta a gente pode rever.

FOME

– *(Olha para mão estendida com deboche)* Pois olhem isso. Mais um colarinho branco de ego enorme e bolsos sujos para variar.

DONO

– *(Confere os bolsos)* Meus bolsos? Mas são da mais alta costura, feitos em Milão.

FOME

– Como fala, este aqui. Fede a soberba, luxúria e condescendência. Acho que aqui você terá o que precisa. *(Faz sinal para o MENINO)* Quer comer algo, vossa excelência?

MENINO entra com uma bandeja.

DONO

– Finalmente! Meu tratamento VIP. Estava começando a achar que vocês não tinham entendido quem eu sou.

FOME

– Sim, sim, quem você era. Vamos, se sirva, experimente algo extraordinário. O senhor jamais viu esse cenário!

DONO DO BRASIL abra a bandeja e se depara com um grande prato vazio.

DONO

– *(Raiva)* O que é isso? Estão me fazendo de idiota? Por que me dão um prato vazio?

FOME

– Não era isso que você dava a seu povo? Receba aqui e agora, tudo está em dobro!

DONO

– *(Raiva)* Quem você pensa que eu sou?

FOME

– Eu não preciso pensar nada, eu sei quem você é. Escute eles agora, vai na fé, vai na fé... (*Aponta para MENINO e MULHER*).

MENINO

– (*Falando sozinho*) Xiiu, barriguinha! Papai disse que hoje ele não pode trazer nada, e mamãe vai chorar se te ouvir!

MULHER

– (*Chorando*) Cortaram o auxílio, não consigo mais comida... O que será de nós com essa criança?

FOME

– E acham que EU os matei? Como se eu estivesse aqui para fazer coleta. Logo, logo a família estará completa...

DONO

– Vai me dizer que eu sou o culpado? Eu trabalhei pra chegar onde estou, tá ok? Eu sobrevivia com meus auxílios, acha que trinta mil sustenta alguém? Se a fome quis levar eles...

FOME

– Então vai me dizer que a culpa é minha?

DONO

– O que quer dizer com isso?

FOME

– Quero dizer que EU levo a culpa de um fardo que não carrego. Não faço nada sozinha, mas sempre espero. Falam que eu mato devagar... Tiro a força, o brilho dos olhos, tiro a esperança..., mas vocês mentem.

FOME

– Pode me chamar de qualquer coisa, menos de fominha. Eu aqui, não faço nada sozinha. Falam por aí que é lenta a minha matança... Tiro a força, o brilho dos olhos e também a esperança..., mas vocês mentem, porque disso eu não tenho nenhuma lembrança.

DONO

– O que eu tenho a ver com isso?

FOME

– Não finja que não sabe, meu senhor. Você me conhece! Conhece a fome! Ou quer me dizer que não sabia que eu sou fruto dos mais elegantes que ignoram o povo e só se preocupam com as próprias carteiras? Mas você não se importa, não é mesmo? Pois quem EU mato não tem nome. Morre esquecido, com fome e sem direitos. Com fome do que não pode viver.

FOME

– Não finja que não sabe, meu senhor. Você me conhece! Conhece a fome!!! Ou quer me dizer que não sabia qual era o meu nome? Eu sou fruto dos mais elegantes... daqueles que ignoram o povo, se preocupando com as próprias

carteiras. Daqueles que só pensam em construir suas belas carreiras. Mas você não se importa, não é mesmo? Pois quem EU mato não tem nome e vive por aí a esmo. Esquecido e sem direitos. Com fome do que não pode viver, é disso que eles estão sujeitos.

MENINO e MULHER

– *Xiu!*

FOME

– NÃO! Ficam falando que a culpa é minha, mas eu quero que o senhor fale agora para essa turminha. QUEM CAUSA A FOME?

DONO

– Eu não sei, não tenho nada a ver com isso! Se queriam comer, era só ir trabalhar.

MENINO e MULHER

– *Xiu!*

FOME

– Se quer me culpar, se a culpa é então da FOME, pois saiba que nada sou sem aqueles que me criam, que comigo lucram. Eu sou a sombra de um sistema desigual, e escondo atrás de mim os que me sustentam, os poderosos como você.

FOME

– Se quer me culpar, eu sugiro que se ponha no seu lugar, porque nada sou eu. Vocês me criam e me fazem

assustadora e avassaladora como breu. Só pensam em dinheiro e depois o problema é meu? Eu sou apenas a sombra de um sistema desigual. Acreditem ou não, o meu trabalho é completamente natural, são vocês, na verdade quem praticam todo o mal. São poderosos como você que me sustentam e me engrandecem. Sem vocês minha existência seria igual a daqueles que perecem *(apontando para o menino e a mulher)*

DONO

– Não há para todos, não é minha culpa!

MENINO e MULHER

– *Xiu!*

FOME

– Mente como se achasse que eu não sei a verdade. Alimento não falta, mas ainda assim todos falam: É A FOME QUE MATA.

FOME

– Como se achasse que eu não sei a verdade. Alimento não falta no mundo, o que falta é mais igualdade. Mas no fim, pobre de mim... *(levando a mão na testa com tom de lamento)* Falam por aí que "A FOME É QUEM MATA" *(fazendo aspás com as mãos, sendo ríspida)*, Se essa é a verdade, desculpa... não fui informada. *(finaliza com tom de deboche)*

DONO

– Não há fome no meu país!

MENINO e MULHER

– *Xiu!*

FOME

– Não existe? Você ainda insiste?

MULHER E MENINO

– *(falando enquanto giram em torno do DONO DO BRASIL)*

xiiu, olha o barulho da fome:

vejo que já consegue se calar

xiiu, ela não vai te levar;

vejo que não é pobre;

xiiu ela tá chegando;

vejo que ela já chegou à morte pros ricos e a fome para o trabalhador.

DONO DO BRASIL foge atormentado

MULHER E MENINO

– *(Uníssonos) se não há Fome, então o que é isto que eu sinto?*

Momentos de silêncio. Entra FAMINTO que abraça a família.

FAMINTO: Desculpe amor, não conseguir proteger nossos filhos.

Todos saem em conjunto e uma possível sonoridade fúnebre

apenas a fome e a morte ficam em palco.

MORTE

– Parece que não conseguiu ganhar a aposta

FOME

– É... Mais uma vez eu fui exposta. Gente como ele é muito difícil de mudar, mas não

impossível, se eu tivesse mais tempo, com certeza iria triunfar.

MORTE

– Após digo que nem se levasse mil anos conseguiria, essa eu sei que levaria!

FOME

– Pois vamos testar... Quer apostar?

FIM

Conclusão

Percorrendo os capítulos deste livro, esperamos ter transmitido a mensagem do objetivo e das metas do Teatro Político. Somos um projeto de extensão da Universidade Federal da Paraíba que busca aplicar a metodologia de Augusto Boal, abordando temas pertinentes à sociedade brasileira. Desta forma, esperamos iniciar novos debates que engajem a sociedade, empoderando as pessoas e tornando-as catalisadoras de mudanças. Nosso projeto surge em 2016, sendo oficializado em 2018, e trabalhou exitosamente com o tema *Depressão, Intolerância Religiosa*, e caminha para terminar o trabalho sobre *Fome*. Alcançar novas fronteiras partindo de dentro da UFPB é difícil, especialmente para alunos tão diversos que o projeto abarca, mas podemos afirmar que nosso esforço vem dando resultado. Conseguimos levar os esquetes todos os anos para instituições e escolas de João Pessoa, cativando jovens e adultos a refletirem sobre suas realidades, mostrando outros pontos de vista, e introduzindo uma nova forma de se pensar arte.

A curta jornada que desenvolvemos não parece tão curta quanto estas páginas. Nestes quase cinco anos de Teatro Político, desde sua primeira sementinha, o grupo se desenvolve e cresce a cada novo membro que entra. Membros que ficam por muito ou pouco tempo. Que encerram e começam ciclos. Pessoas que se despedem, e novas histórias que começam graças à interação deste

maravilhoso grupo. Ainda há muito que melhorar. O projeto tem objetivos gananciosos. Sonhos de desenvolver um projeto duradouro em uma comunidade da cidade, adotar alguma instituição e realizar acompanhamentos e atividades com as metodologias que estudamos. Muitos desses passos são dados com os contatos que conhecemos, que desenvolvem projetos similares com tanto sucesso fora do espaço acadêmico.

Nossa realidade hoje é a de muitos grupos de teatro, que precisa lutar para manter seus membros engajados e buscar fontes financeiras para desenvolver novos temas relevantes para nossa sociedade. Trabalhamos com muito afinho, mas com prazer. Por fim, podemos dizer que o Grupo de Teatro Político Interna-só-na-mente se orgulha da construção de sua árvore do oprimido (Boal, 1991), e seguimos na esperança de que ela dê novos frutos. Queremos chegar ainda mais longe, olhar para trás, e ver florescer o belo Projeto que, ainda em 2016, plantamos a primeira sementinha.

FIM
Do Primeiro Ato
Fecham as Cortinas

ALSULTANY, Evelyn. Islamophobia in the U.S. did not start with Trump, but his tweets perpetuate a long history of equating Muslims with terrorism. **University of Southern California**. 29 de janeiro de 2020. Disponível em: <<https://dornsife.usc.edu/news/stories/3154/president-trump-perpetuate-long-history-of-islamophobia-in-usa/>>. Acesso em: 30 de julho, 15h02.

ARAÚJO, Danilo. Islã: Como é a Religião Muçulmana? **Politize**. 18 de Março de 2019. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/islamismo-como-e-a-religiao-muculmana/>>. Acesso em: 30 de julho, 14h51.

ARAÚJO, Jamile. FERNANDES, Diogo. Por que Racismo Religioso e não apenas Intolerância Religiosa? **Brasil de Fato**. Salvador (BA). 11 de julho de 2019. Disponível em: <<https://www.brasildefatoba.com.br/2019/07/11/por-que-racismo-religioso-e-nao-apanas-intolerancia-religiosa>>. Acesso em: 30 de julho, 13h34.

BALANÇO DISQUE 100. **Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos**. Junho de 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/ acesso-a-informacao/ouvidoria/balanco-disque-100>. Acesso em: 30 de julho, 16h32.

BAHLS, Saint-Clair. Aspectos clínicos da depressão em crianças e adolescentes: clinical features. **J. Pediatr. (Rio J.)**, Porto Alegre, v. 78, n. 5, p. 359-366, Oct. 2002.

BAHLS, Saint-Clair; BAHLS, Flávia Rocha Campos. Depressão na adolescência: características clínicas. **Interação em Psicologia**, Curitiba, junho 2002.

BBC News. Myanmar Rohingya: What you need to know about the crisis. **BBC News**. 23 de janeiro de 2020. World: Asia. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-asia-41566561>>. Acesso em: 30 de Julho, 13h46.

- BETTO, Frei Org. **Fome Zero**: Textos Fundamentais. São Paulo: Garamond, 2004.
- BOAL, Augusto. A estética do oprimido. **Rio de Janeiro: Garamond**, 2009.
- BOAL, Augusto. **Teatro Do Oprimido e outras Poéticas Políticas**. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Editora civilização brasileira S.A., 1991.
- BRASIL, Pilar Figueiredo. **O Brasil e a insegurança alimentar global: forças sociais e política externa (2003-2010)**. 2013. 143 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- CAPARRÓS, Martín. **Hunger: The Oldest Problem**. Melville House Publishing, 2020.
- CARMONA, Raquel Miranda. CAVALCANTI, Ana Paula. CAVALCANTI, Carlos André. **História das Religiões: Inquisições, Intolerância Religiosa e Historiografia**. Editora UFPB. 2018.
- CHAGAS, Waldecir Ferreira. FONSECA, Ivonildes da Silva. Artigo: Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa. **Brasil de Fato**. João Pessoa (PB). 18 de Janeiro de 2020. Opinião. Disponível em: <<https://www.brasildefatopb.com.br/2020/01/18/artigo-or-dia-nacional-de-combate-a-intolerancia-religiosa>>. Acesso em: 30 de julho, 13h51.
- CRUZ, Natália. **Subdesenvolvimento**. 2020. Disponível em: <https://querobolsa.com.br/enem/sociologia/subdesenvolvimento>. Acesso em: 31 julho 2020.
- DA SILVA, Rafael Bruno. **Discriminação Religiosa no ambiente de trabalho**. De CARVALHO, Talita. O que é intolerância Religiosa. Politize. 1 de novembro de 2018. Disponível em: <https://www.politize.com.br/intolerancia-religiosa/>. Acesso em 31 de julho, 08h43.
- ECA, Teresa Torres Pereira de. Educação através da arte para um futuro sustentável. **Cad. CEDES**, Campinas , v. 30, n. 80, p. 13-25, Apr. 2010 .
- ELER, Guilherme. Esses dados mostram que a fome ainda é um problema no Brasil. **Superinteressante**. 06 de agosto de 2019. Sociedade. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/sociedade/por-que-ainda-nao-da-para-afirmar-que-nao-existe-fome-no-brasil/>>. Acesso em: 30 de julho, 18h27.
- FERNANDES, Paulo César da Conceição. **As origens do Espiritismo no Brasil: razão, cultura e resistência no início de uma experiência (1850-1914)**. 2008.

- FOX, Jonathan. Civilizational clash or balderdash? The causes of religious discrimination in western and European christian-majority democracies. **The Review of Faith & International Affairs**, v. 17, n. 1, p. 34-48, 2019.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3.ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: ed. 47 Paz e Terra, 2008.
- GALTUNG, Johan (1969), "Violence, Peace and Peace Research". **Journal of Peace Research**, 6(3), 167-191.
- GALTUNG, Johan (1990), "Cultural Violence". **Journal of Peace Research**, 27(3), 291-305.
- GALTUNG, Johan (1995). **Peace by Peaceful Means**. London. Sage, 1995.
- HUTZ, Claudio Simon; BARDAGIR, Marúcia Patta. Indecisão profissional, ansiedade e depressão na adolescência: a influência dos estilos parentais. **Psico-USF (Impr.)**, Itatiba, v. 11, n. 1, p. 65-73, June 2006.
- LIMA, Thiago Org. **Segurança Alimentar e Relações Internacionais**. João Pessoa: Editora UFPB, 2019.
- MARSTON, Hunter. Stirring hatreds ahead of Myanmar elections. **The Interpreter**. 04 de Março de 2020. Disponível em: <<https://www.lowyinstitute.org/the-interpreter/stirring-hatreds-ahead-myanmar-elections>>. Acesso em: 30 de julho, 13h39
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Protestantismo no Brasil: um caso de religião e cultura. Revista USP, n. 74, p. 160-173, 2007.
- MENEZES, Henrique Zeferino. Os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável e as Relações Internacionais. Editora UFPB. 2019.
- MONAKELEMBEKETA, Kota Mulanji. Artigo: A quem querem proteger quando chamam genocídio de "intolerância religiosa"? **Brasil de Fato**. Belo Horizonte (MG). 12 de junho de 2019. Opinião. Disponível em: <<https://www.brasildefatomm.com.br/2019/06/12/artigo-or-a-quem-querem-protoger-quando-chamam-genocidio-de-intolerancia-religiosa>> . Acesso em: 30 de julho, 14h10
- MONTEIRO, Carlos Augusto. A dimensão da pobreza, da desnutrição e da fome no Brasil. **Estudos avançados**, v. 17, n. 48, p. 7-20, 2003.

- OMS. Organização Mundial da Saúde. **Relatório Mundial da Saúde**. Saúde mental: nova concepção, nova esperança. 2001, p. XII. Disponível em: <https://www.who.int/whr/2001/en/whr01_po.pdf?ua=1>. Acesso: 29 de julho de 2020.
- OPAS Brasil/ OMS. Organização Panamericana de Saúde. Organização Mundial da Saúde. **Depressão**. Folha Informativa: Depressão. 2018. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5635:folha-informativa-depressao&Itemid=1095>. Acesso: 29 de julho de 2020.
- OSÓRIO, Andréa. Bruxas Modernas: um estudo sobre identidade feminina entre praticantes de wicca. **Campos-Revista de Antropologia**, v. 5, n. 2, 2004.
- PRANDI, Reginaldo. As religiões afro-brasileiras e seus seguidores. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 3, n. 1, p. 15-33, 2003.
- REHBEIN, Franziska Carolina. Candomblé e salvação. **Perspectiva Teológica**, v. 17, n. 42, 1985.
- ROHDE, Bruno Faria. Umbanda, uma Religião que não Nasceu: Breves Considerações sobre uma Tendência Dominante na Interpretação do Universo Umbandista. **REVER: Revista de Estudos da Religião**, v. 9, 2009.
- SHANK M., SCHIRCH L. "Strategic Arts Based Peacebuilding". **Peace & Change: A Journal of Peace Research**, v. 33 n. 2, abr/2008. pp 217-242.
- SOUZA, Marina Duarte de. Denúncias de intolerância religiosa aumentaram 56% no Brasil em 2019. **Brasil de Fato**. São Paulo (SP). 21 de janeiro de 2020. Direitos Humanos. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/01/21/denuncias-de-intolerancia-religiosa-aumentaram-56-no-brasil-em-2019>>. Acesso em: 30 de julho, 14h01
- Tipos de Violência: Quais operações de paz podem combatê-los? Politize. Disponível em <<https://www.politize.com.br/tipos-de-violencia-e-operacoes-de-paz/amp/>>. Acesso em: 30 de julho de 2020.

editora filiada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias



Este livro foi diagramado pela Editora
da UFPA em Novembro de 2020,
utilizando a fonte Myriad Pro.